

O ANTIGO TESTAMENTO INTERPRETADO

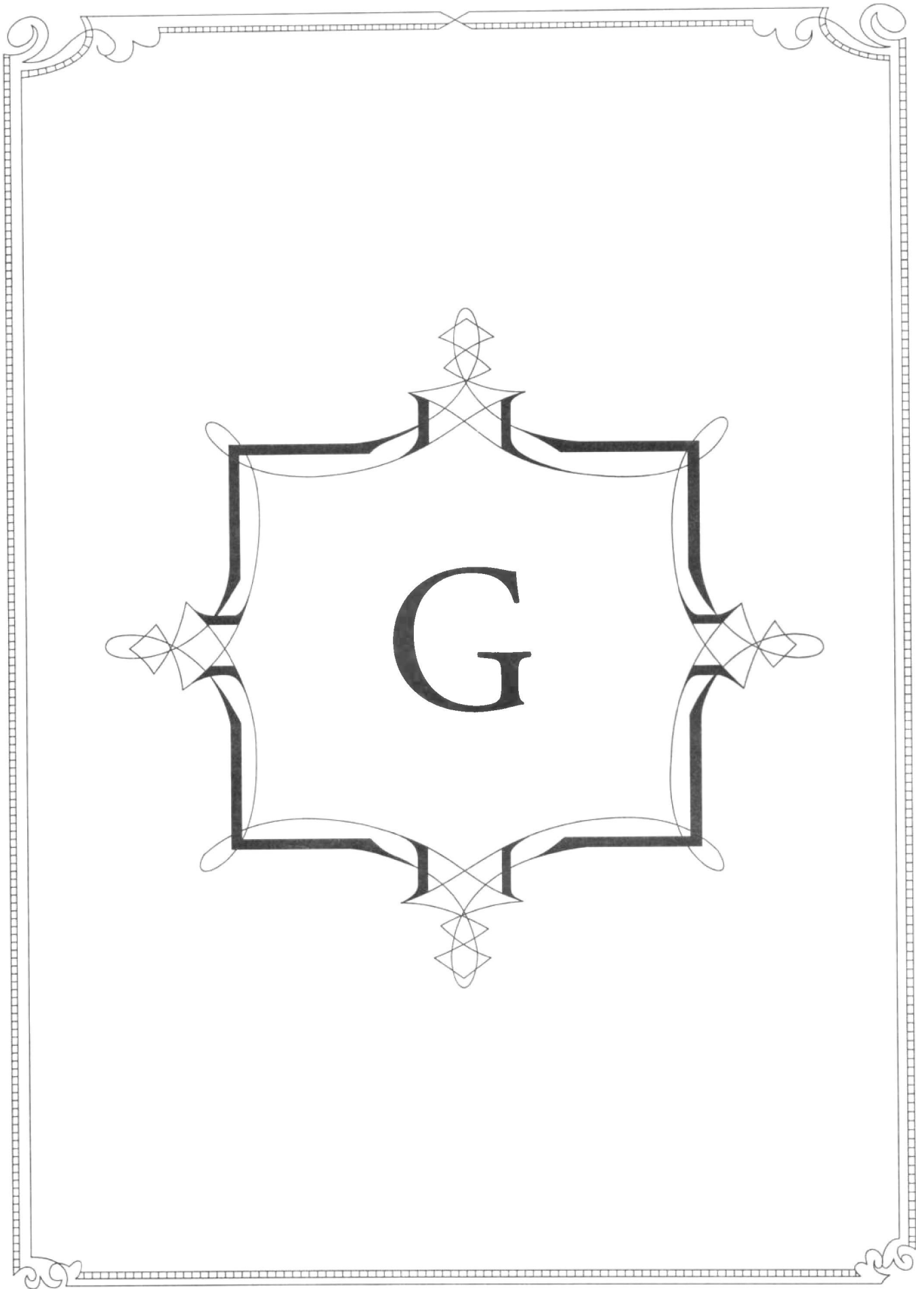
VERSÍCULO POR VERSÍCULO

Autor

R. N. Champlin, Ph. D.



HAGNOS



G

GAÃ

No hebraico, «queimar». Era filho de Naor, irmão de Abraão. Sua mãe era a concubina de Naor, Reumã (Gên. 22:24). Seu nome também tem sido interpretado como «negridão». Viveu em torno de 1860 A.C.

GAAL

No hebraico, «nojo», «escaravelho», «aborto». Era o nome de um filho de Ebede (Juí. 9:26-41). Ele foi a Siquém em companhia de seus irmãos e ali açulou o povo para revoltar-se contra Abimeleque. Por ocasião da festa, na qual os siquemitas ofereceram as primícias de seus produtos, no templo de Baal, Gaal, em meio à festa de bebidas, atiçou ainda mais os ânimos do povo contra o ausente Abimeleque. Gaal vangloriou-se de que se desfaria de Abimeleque. Mas mensageiros informaram Abimeleque acerca da rebelião que estava sendo provocada. Zebul, governante de Siquém, continuou em sua lealdade a Abimeleque. À noite, Abimeleque postou suas tropas em derredor da cidade. No dia seguinte eles aproximaram-se, e então Zebul invocou Gaal para mostrar a sua força e derrubar Abimeleque. Porém, Gaal e suas forças foram esmagadoramente derrotados e postos em fuga. Abimeleque, muito infeliz com o acontecido, capturou a cidade de Siquém, destruiu-a e semeou a região com sal. O profeta viu isso como um justo juízo contra Siquém, porquanto seus habitantes haviam apoiado Abimeleque, no assassinato dos seus setenta irmãos, a fim de consolidar a sua autoridade. Várias figuras bíblicas tiveram o nome *Abimeleque*, e o artigo separado sobre esse nome preenche os detalhes concernentes à narrativa aqui relatada.

GAAR

No hebraico, «espreitador», palavra que se refere aos filhos de Gaar, que se achavam entre os netinins que retornaram da Babilônia, terminado o exílio, em companhia de Zorobabel (Êxo. 2:47; Nee. 7:49). Eles viveram por volta de 536 A.C.

GAAS

No hebraico, «tremor». Essa palavra designa um monte do território de Efraim, ao norte do qual ficava Timnate-Sera, célebre porque ali é que se achava o túmulo de Josué (Jos. 24:30; Juí. 2:9). Eusébio afirmava que, em seus dias, o local ainda era conhecido. Um *wadi* localizado na mesma área também tinha esse nome (II Sam. 23:30; I Crô. 11:32). Um dos trinta heróis de Davi vieram dessa região, segundo se vê nas referências que acabamos de dar. Todavia, o local exato é desconhecido atualmente, embora devesse ficar cerca de trinta quilômetros ou pouco mais a sudoeste de Siquém.

GABAI

No hebraico, esse nome significa «coletor de impostos». Era o nome de um dos chefes da tribo de Benjamim, que veio residir em Jerusalém, após o cativoiro babilônico (Nee. 11:8). Viveu em cerca de 445 A.C.

GABATÃ

Esse é o nome pelo qual é chamado o eunuco que amou um conluio contra o rei Assuero, da Pérsia. Mordecai descobriu o que estava sucedendo e revelou a questão ao rei, por meio de Ester. Isso é mencionado nas adições a Ester (12:1). Em Ester 2:21 ele é chamado Bigtã, o que se repete em Ester 6:2, embora algumas versões, neste último versículo, digam *Bigtana*. Ele e um homem que planejou com ele, foram executados. Ele viveu em torno de 520 A.C.

GABRIEL

Esse vocábulo hebraico significa «homem de Deus» ou «herói de Deus». Esse é o nome de alguns dos poucos anjos cujos nomes pessoais são dados nas Escrituras. Ver Dan. 8:16 e 9:21. Ver o artigo separado sobre *Anjo*, onde apresentamos uma elaborada descrição sobre a doutrina que circunda os anjos.

Na Bíblia há várias alusões a esse ser. Ele foi enviado a Daniel a fim de explicar-lhe várias visões que tivera (Dan. 8:16; 9:21). Anunciou o nascimento de João Batista a seu pai, Zacarias (Luc. 1:11). Dialogou com a Virgem Maria a respeito do nascimento de Jesus, o Messias (Luc. 1:26). O trecho de Daniel 12:1 sugere que Miguel tem sido o especial campeão angelical da nação de Israel, e que também será o defensor especial de Israel, durante a Grande Tribulação (vide).

A angelologia inclui a idéia de que cada nação conta com um anjo ou com anjos que cuidam do bem-estar dessa nação. E, naturalmente, todos estamos familiarizados com a doutrina do anjo da guarda (sobre o que damos um artigo separado). Alguns anjos recebem tarefas e missões especiais. Gabriel parece preencher o serviço de um mensageiro, despachado para realizar missões especiais, de vários tipos. Li sobre duas aparições modernas desse anjo. Uma delas foi a um professor universitário anglicano, o qual foi instruído, em suas visões, a dar início a uma nova comunidade religiosa a fim de preparar um povo para enfrentar grandes dificuldades que são esperadas para a nossa própria época. Dessas comunidades surgirá a ajuda para recuperar a humanidade, após a Grande Tribulação. Também tem sido dito que esse anjo foi o poder que expeliu o espírito que possuía o homem envolvido no livro (e no filme) *O Exorcista*. O indivíduo realmente envolvido foi um homem, e não uma adolescente conforme aparece na versão cinematográfica que tem sido popularizada. Seja como for, depois de terem falhado os melhores esforços de vários padres católicos romanos, o homem possuído afirmou que o anjo Gabriel se pôs visivelmente a seu lado, e então ordenou ao espírito mau, também visível: «Saia». Daquele momento em diante, a possessão terminou. Subseqüentemente, o homem casou-se e tem levado uma vida normal.

O caso que envolveu o professor anglicano tem sido amplamente investigado por oficiais daquela denominação, e eles têm confirmado a validade da experiência, mesmo que não possam provar a participação específica do anjo Gabriel nesse incidente. Não é possível averiguar essas coisas ao ponto da certeza; mas podemos saber, com certeza, que existem grandes espíritos não-humanos que acodem em nosso socorro, quando isso se faz mister. Eles são espíritos ministradores, que visam ao benefício daqueles que haverão de herdar a vida eterna (Heb. 1:14).

Apesar de podermos duvidar, com certa dose de razão, das elaboradas angelologias que várias fés religiosas têm criado, a realidade de poderes sobre-humanos, que operam em nosso favor, é bem confirmada nas experiências religiosas e não apenas na literatura. No livro pseudepígrafo de I Enoque, quatro grandes arcanjos são nomeados: Miguel, Rafael, Gabriel e Uriel. Ali, eles anunciam a Deus a corrupção dos homens e recebem várias missões para cumprir. Nos escritos rabínicos, Gabriel é apresentado de pé, diante do trono do Senhor, perto do pendão que representa Judá. Os islamitas demonstram grande respeito por Gabriel, afirmando que foi ele quem entregou uma cópia completa do Alcorão a Maomé. Naquele documento ele é chamado de Espírito da Verdade e de Espírito Santo. Também aparece como um grande poder, que far-se-á presente ao julgamento dos homens, no último dia.

No livro de I Enoque, achamos quatro funções distintas de Gabriel, a saber: 1. Ele é um anjo que castiga (I Enoque 10:9); 2. Ele é um poder no paraíso, que domina as serpentes e dá ordens aos

querubins (I Enoque 20:7); 3. Ele é um intercessor em favor dos homens (I Enoque 40:6,9); 4. Ele é um poder que executará julgamento contra os anjos caídos (I Enoque 64:6).

GADE

Esboço:

1. O Sétimo Filho de Jacó
2. A Tribo de Gade
3. O Território de Gade
4. Gade, o Profeta
5. Gade, uma Divindade Pagã
6. Gade, uma Planta
7. Gade, o Vale

No hebraico, esse nome significa «fortuna». Trata-se do nome de várias personagens e de certas coisas ligadas ao Antigo Testamento.

1. O Sétimo Filho de Jacó. Era filho de Zilpa, criada de Lia, concubina de Jacó. Ele foi chamado assim para indicar que uma tropa (ou muitos filhos) ou a boa fortuna, estava chegando (Gên. 30:9-11). Seu irmão pleno e mais jovem era Aser, pois todos os outros filhos de Jacó eram apenas seus meio-irmãos, por terem tido outras mães (quatro, ao todo). Gade nasceu quando Jacó jornadaava na região de Labão, em Padã-Arã, durante os sete anos em que trabalhou a fim de pagar por Raquel, sua segunda esposa. Nenhum incidente envolvendo Gade, com exclusividade, é narrado no Antigo Testamento; mas somente aquilo em que ele participou juntamente com toda a família patriarcal. Desceu ao Egito com a sua própria família (esposa e filhos). Teve sete filhos: Zifiom, Hagi, Suni, Esbom, Eri, Arodi e Areli (ver Gên. 46:16). Alguns desses nomes aparecem com formas variantes, em Núm. 25:16. Em seu leito de morte Jacó predisse que tropas haveriam de atacar Gade, mas que ele, por sua vez, atacaria em seus calcanhares. Isso constitui um jogo de palavras com o sentido do seu nome Gade (ver Gên. 49:9). Os amonitas, pois, cumpriram essa predição. Os homens de Gade atacaram, o que reflete as guerras tão predominantes no Antigo Testamento e, de fato, por toda a história da humanidade.

2. A Tribo de Gade. Quando essa tribo saiu do Egito, foram encabeçados por Eliasafe, filho de Geul. Dispunham de 45.650 homens aptos para o serviço militar. Porém, durante as vagueações pelo deserto do Sinai, seu número diminuiu para 40.500. Ver Núm. 1:24,25; 26:15-18. A totalidade do povo de Israel era de 603.550 homens, o que quer dizer que o número de Gade era um pouco menor que um doze avos do total. O espião que eles enviaram, para examinar a terra de Canaã, foi Geuel, filho de Maqui (Núm. 13:15). Juntamente com os rubenitas, eles solicitaram e receberam terras em herança a leste do rio Jordão, entre Rúben, mais ao sul, e Manassés, mais ao norte (Deu. 32; 33:20, 21). Mas, soldados gaditas ajudaram na conquista dos territórios cananeus a oeste do rio Jordão. No monte Ebal, eles concordaram com as maldições da lei, impostas sobre os desobedientes (Deu. 27:13; Jos. 1:12,14; 4:12). Após sete anos, eles voltaram aos seus lares, porque a conquista da terra de Canaã estava essencialmente terminada (Jos. 22). O trecho de I Crônicas 12:8-15,37,38 fala sobre a ajuda que eles prestaram a Davi, na luta contra os homens fiéis a Saul e como se fizeram presentes quando da coroação de Davi como rei de Israel. Os árabes e os amorreus mantiveram os gaditas em continuo estado de conflito armado, tal como fora predito por Jacó (Gên. 29:19; Deu. 33:20; I Crô. 5:19 ss). Nos dias de Jeroboão II, eles obtiveram o triunfo na guerra e conquistaram muitos despojos. Mas, quando Tiglate-Pileser levou o reino do norte, Israel, os gaditas compartilharam dessa triste sorte e juntamente com os rubenitas, foram levados para a Assíria. Foi então que os amonitas e moabitas conquistaram o território vago (I Crô. 4:18-26; Jer. 48:18-24; 49:1).

Gade é incluído na divisão das terras, predita para o futuro Israel restaurado (Eze. 48:27). O nome *Gade* aparece como nome de um dos portões da futura cidade restaurada de Jerusalém (Eze. 48:34). Doze mil gaditas, segundo está predito, farão parte dos cento e

quarenta e quatro mil israelitas, selados por ocasião da futura Grande Tribulação (Apo. 7:5).

3. O Território de Gade. Terminada a conquista da terra de Canaã, a cada tribo de Israel foi dada uma parcela, como herança, na Palestina. A «terra de Gade» é uma alusão bíblica àquela porção que os homens dessa tribo receberam (I Sam. 13:7; Jer. 49:1). Ficava situada a leste do rio Jordão, em Gileade, ao norte do território que coube a Rúben, e separada do território dos amonitas pelo rio Jaboque. De acordo com I Crônicas 5:11, os gaditas ampliaram o seu território para leste, até Salcá, embora Moisés, originalmente, tivesse alocado esse território à tribo de Manassés (Deu. 3:10,13). Porém, compreendamos que é muito difícil traçar linhas fronteiriças exatas entre tribos de atividades pastoris. Em Josué 13:25, a terra de Gade é chamada de «metade da terra dos filhos de Amom». Isso não porque os amonitas, então, fossem os donos dessas terras, mas porque a porção ocidental das margens do rio Jaboque antes tivera esse nome. As cidades principais da tribo eram chamadas de «cidades de Gileade» (Jos. 13:25).

4. Gade, o Profeta. Um profeta, contemporâneo de Davi, teve esse nome. Provavelmente, ele pertencia à escola dos profetas, dirigida por Samuel e que, desde o começo, ligou-se ao filho de Jessé (I Sam. 22:5). Observações bíblicas sobre suas atividades proféticas aparecem em II Sam. 24:11 ss; I Crô. 21:9 ss e 29:25. Ele escreveu uma crônica sobre o reinado de Davi, a qual, por certo, foi usada como fonte informativa na história da época, segundo aparece na Bíblia, em I Crô. 29:29, em cerca de 1062 A.C. Ele participava do ministério musical efetuado no templo (II Crô. 29:25) e, sem dúvida alguma, estava vinculado à corte real, em Jerusalém.

Talvez o incidente mais conhecido que envolveu esse homem tivesse sido sobre a questão do recenseamento feito por Davi, contrariamente à vontade do Senhor. Davi precisou ser castigado por sua arrogância, e foi Gade quem levou a ele o recado do Senhor, dando-lhe três alternativas: três anos de fome; três meses de derrotas, às mãos de seus inimigos; ou três dias de pestilência. Davi preferiu a terceira alternativa e, em três dias, morreram de peste setenta mil homens. O anjo da morte estava de pé, na eira de Araúna (Ornã), o jebuseu (I Crô. 21:15), quando Deus determinou que a praga cessasse. Naquele lugar, foi construído um altar comemorativo. Davi ofereceu holocaustos sobre o mesmo e a dificuldade passou (II Sam. 24:10-25; I Crô. 21). Posteriormente, aquela área em geral tornou-se o sítio onde foi construído o templo de Jerusalém.

5. Gade, uma Divindade Pagã. Ver Isaías 65:11. Essa divindade, representada como um ídolo, era considerada um deus da fortuna ou boa sorte. Sua adoração envolvia vários povos semitas. Ele é mencionado em conexão com *Meni* (Destino). Isaías proferiu uma predição de condenação contra aqueles que participassem de tal veneração. Sua adoração também era popular entre os cananeus, havendo santuários vinculados a ele, em várias localidades, conforme é evidenciado por certos nomes combinados, como Baal-Gade (Jos. 11:17), Migdal-Gade (Jos. 15:37). Seu nome também aparecia em nomes combinados para pessoas, como Gadi e Gadiel (Núm. 13:10,11). Alguns eruditos têm-no identificado com o Marduque, dos babilônios, e com Júpiter, dos romanos. Também é possível que sua adoração estivesse envolvida com a lua e com o sol, o que também sucedia a Júpiter, que era reputado como um corpo celeste da boa sorte.

6. Gade, uma Planta. Ver Êxo. 16:31 e Núm. 11:7. Em nossa versão portuguesa, essa planta aparece como o «coentro», em ambas essas referências. Lemos ali que o maná assemelhava-se à planta «gade», de cor branca. Se o coentro é a tradução certa, então devemos pensar no seu nome científico, *Coriandrum sativum*. A semente (fruto) dessa planta é de formato globular, de cor esverdeada. Seu odor e seu gosto são agradáveis. Um óleo volátil é extraído da mesma.

7. Gade, o Vale. Esse era o nome do lugar onde foi iniciado o recenseamento determinado por Davi. As traduções diferem quanto à questão. Ver II Samuel 24:5. Algumas dizem «na direção de Gade», outras dizem «o rio de Gade» e, ainda outras, «o vale de Gade» (conforme diz nossa versão portuguesa). A *Aroer* que aparece nesse texto, provavelmente alude a uma cidade ao norte das margens do rio Arnon, e esse seria rio ou vale em questão. Seja como for, a extremidade sul do território da Transjordânia está em foco, como a localização geral do mesmo.

GADI

Esse nome vem de um termo hebraico que significa «fortuna». Era o nome de um filho de Susi, filho de Sodi, que foi enviado por Moisés a fim de explorar a terra de Canaã, juntamente com os outros onze espias (Núm. 13:11). Viveu, portanto, em torno de 1490 A.C.

Esse nome também designa um filho de Matatias e irmão de Judas Macabeu. Essa família, com seus muitos membros, liderou uma revolta dos judeus contra os governantes selêucidas, da Síria. Ver I Macabeus 2.2.

Finalmente, também era o nome do pai do rei Manaém, de Israel, o qual, posteriormente, assassinou Salum e reinou em seu lugar (II Reis 15:14). Viveu em torno de 740 A.C. O nome *Cadi*, talvez, seja uma forma abreviada de Gadiel, que significa «Deus é a minha fortuna».

GADITAS

Eram os descendentes de Gade (vide), o sétimo filho de Jacó e, portanto, membros da tribo desse nome. Ver sobre *Gade*, segundo ponto.

GADO VACUM

Um animal importantíssimo para muitas culturas, antigas e recentes. Diversas palavras hebraicas e gregas são assim traduzidas nas Escrituras, talvez indicando variedades raciais. Ver o artigo sobre o *Touro*, quanto a informações que acompanham o presente verbete. Parte da riqueza de Abraão consistia em gado vacuum. Desde então, os israelitas têm criado esse tipo de animal. Na antiguidade, além de servir de alimento, o gado era usado nos sacrifícios cruentos. Até mesmo no Egito, o gado era entregue aos cuidados de boieiros e criadores. Uma das palavras hebraicas traduzidas como gado na verdade significa *possessão*, sendo verdade que muitos indivíduos calculavam seus bens materiais em termos de quantas cabeças de gado possuíam. Essa palavra, entretanto, tem um sentido geral, incluindo outros animais, como cavalos, asnos, ovelhas e bodes, animais também muito importantes para a economia de Israel, que era um país essencialmente agrícola.

A adoração sacrificial a Yakweh requeria esse animal (Lev. 22:27). Era um animal limpo, pelo que sua carne podia ser usada na alimentação humana. Além disso, antes da era da mecanização, esse animal era útil para transporte de pesadas cargas, como puxar carroças, arados etc. (vide).

Itens de sua História. O gado vacuum descende de um grupo de raças de *Bos primogenius*. Ver sobre o *Boi Selvagem*. Vem sendo domesticado pelo menos desde os primeiros tempos neolíticos, aparentemente depois dos bodes e ovelhas, e, provavelmente, inicialmente na parte sudoeste da Ásia. Esse animal, forte e grande, precisou encontrar uma situação agrícola bem desenvolvida para começar a ser domesticado, porquanto precisava ser alimentado e confinado em áreas adequadas para isso. A carne deve ter sido a principal razão de sua domesticação, embora também devamos pensar no leite e no couro. Este último pode ser usado para o fabrico de muitos artigos úteis, incluindo trajes de trabalho, muito duradouros. Antes da era do bronze, muito antes da época dos patriarcas de Israel, o gado já fazia parte da cena agrícola de grande parte do Oriente do vale do rio Nilo. Gradualmente, esse animal tornou-se o animal domesticado de maior importância para

o homem, conforme sucede até os nossos dias. As estimativas calculam que a população vacuum do mundo moderno é de cerca de setecentas milhões de cabeças. A arqueologia tem descoberto inúmeras evidências de gado, em seus muitos usos e aplicações, na Mesopotâmia e no Egito. E, naturalmente, havia o touro sagrado do Egito e o incidente que envolveu Aarão, o que mostra que o povo de Israel não estava isento do absurdo da adoração a esse animal. Ver o artigo sobre o *Boi Ápis*. Mosaicos e selos de muitos locais, pertencentes ao quarto e ao terceiro milênios AC mostram gado em grande variedade de situações e usos. Relevos pintados em templos e modelos, retratam várias espécies de gado, com diferentes colorações. O culto ao touro propagou-se, e encontrou sua expressão mais elevada na Creta da época minoana. Esse culto teve muitas expressões, pelo que havia homens-touros, touros alados e todos os tipos de representação, na arte e na arquitetura.

Na Palestina, segundo os registros históricos mais antigos, bem como nos registros bíblicos vemos que o gado era largamente usado. Para os hebreus, o gado significava riqueza material, animais para os sacrifícios, alimento abundante, couro para vestuário e para muitos outros usos. Estes animais também foram de prestimosa ajuda em muitos serviços pesados. Abraão trouxe gado do Egito, e os hebreus, por ocasião do êxodo, levaram consigo rebanhos de gado. Os hebreus tornaram-se habilidosos criadores de gado, tendo desenvolvido várias espécies desse animal. Os bois eram usados para lavrar os campos e trilhar os grãos de cereal, bem como para mover cargas de todas as espécies. A experiência moderna demonstra que o gado criado em áreas de grande calor precisa ser resistente às altas temperaturas; e essa é uma das qualidades do gado vacuum, pelo que era capaz de prosperar no vale do rio Jordão.

As palavras hebraicas envolvidas são as seguintes:

1. *Behemah*, «gado». Palavra hebraica usada por cento e oitenta e nove vezes (por exemplo: Gên. 1:24-26, 2:20; Êxo. 20:10; Lev. 1:2; 5:2, Núm. 3:41; Deu. 2:35; 3:7; Jos. 8:2,27; Sal. 50:10; Isa. 46:1; Zac. 2.4).

2. *Beir*, «besta». Palavra usada por seis vezes (por exemplo: Núm. 20:4 e Sal. 78:48).

3. *Miqueh*, «possessão». Palavra usada por setenta e cinco vezes (para exemplificar: Gên. 4:20; 13:2,7; Êxo. 9:3-7,19-21; Núm. 20:19; Jó 36:33; Isa. 30:23; Jer. 9:10; Eze. 38:12,13).

A palavra grega envolvida é *kténos*, «gado», «animal», que aparece por quatro vezes no Novo Testamento: Luc. 10:34; Atos 23:24; I Cor. 15:39 e Apo. 18:13. Tal como no caso da palavra hebraica *miqueh*, acima, uma variante desta palavra grega significa «propriedade», «possessão», isto é, *ktéma*, que aparece em Mat. 19:22; Mar. 10:22; Atos. 2:45 e 5:1.

GAETÁ

No hebraico, «insignificante», embora alguns pensem em «vale queimado». Esse foi o nome de um dos netos de Esaú e quarto filho de Elifaz (Gên. 36:11; I Crô. 1:36), que era chefe de um clã edomita. Viveu em algum tempo depois de 1740 A.C.

GAFANHOTO Ver *Praga de Gafanhotos*.

GAFANHOTO DEVORADOR

No hebraico, *yelek*, palavra que figura por nove vezes nas páginas do Antigo Testamento: Joel 1:4; 2:25; Naum 3:15,16; Sal. 105:34; Jer. 51:14,27. Ver sobre *Praga de Gafanhotos*.

GAI

Esse nome, que só aparece como uma variante de *Gate* (vide), significa «vale», no hebraico. Em alguns manuscritos, esse nome ocorre em I Samuel 17:52, onde o lugar aparece, juntamente com Ecrom, como o limite até onde os israelitas perseguiram os filisteus, depois que Davi triunfou em batalha pessoal contra Golias.

GAIOLA

No hebraico, **kelub**, «gaiola» ou «cesto». Palavra usada no Antigo Testamento por três vezes (Jer. 5:27 e Amós 8:1,2) e subentendida em Jó 41:5. Ao que parece, os israelitas guardavam pássaros em gaiolas, embora nenhuma informação a esse respeito tenha chegado até nós. Um pássaro preso em uma gaiola simboliza a privação de liberdade, podendo aparecer nos sonhos como uma limitação imposta à alma, ou auto-infligida, ou aplicada por força externa. Também pode indicar o confinamento no *hades*.

O termo grego *fulake*, que aparece por quarenta e cinco vezes no Novo Testamento, com o sentido mais comum de «prisão» aparece em Apo. 18:2 por duas vezes, nas palavras em itálico, na citação desse trecho: «...covil de toda espécie de espírito imundo e esconderijo de todo gênero de ave imunda e detestável».

Uma espécie de lugar fechado, tipo caixa, para reter animais ou aves, usualmente feito de varas trançadas, barras etc. Alguns tradutores têm traduzido as palavras armadilha ou ardil por gaiola. Em Jer. 5:27 e Amós 8:1,2, temos uma gaiola ou cesto. Em Eze. 19:9 há outra palavra hebraica tomada por empréstimo do assírio *sigaru*, usada para indicar uma gaiola ou prisão. No grego temos as palavras *angos*, «vaso», «receptáculo», usadas na LXX, em Amós 8:1,2; *galeagra*, «gaiola» ou «armadilha para animais», na LXX, em Eze. 19:9; *pagis*, «armadilha», usada na LXX, em Jer. 5:27, e, no Novo Testamento, em Luc. 21:35; Rom. 11:9; I Tim. 3:7; 6:9; II Tim. 2:26; *phulaké*, «vigia», «guarda», usada em Apo. 18:2, para indicar uma prisão ou detenção domiciliar, e não uma gaiola. Nesse sentido, a palavra é usada pelos escritores gregos em geral, aparecendo por cento e dezessete vezes na LXX.

Usos Figurados. O futuro império do anticristo será como uma gaiola, com toda a variedade de aves imundas e odiosas (Apo. 18:2). Isso refere-se às corrupções humanas, moral e espiritualmente falando. Em Jeremias 5:27 lemos que as casas dos homens abrigam engano e traição, tal como as gaiolas retêm toda espécie e variedade de aves. O Prisma de Taylor, no Museu Britânico, exhibe Senaqueribe afirmando que encerrou Ezequias «...como um pássaro engaiolado, em Jerusalém», sem dúvida dando a entender que o sujeitara à humilhação, por suas ações militares. (G HA I UN)

GAITA DE FOLES

Ver o artigo sobre **Música e Instrumentos Musicais**.

GAIVOTA

No hebraico, **shachaph**, palavra que aparece por duas vezes em todo o Antigo Testamento: Lev. 11:16 e Deu. 14:15. Na Palestina há várias espécies de gaivotas, num total de mais de vinte, algumas residentes e outras migrantes. Algumas dessas espécies vêm do sul, sobrevoando o golfo de Ácaba e pousando em Eliate, antes de prosseguirem terra adentro. Mas outras espécies chegam, fugindo do clima frio, de outras procedências. Entre essas espécies há aquela de dorso negro e aquela de cabeça negra. Quando elas chegam podem ser observadas por toda a parte, às margens do mar Mediterrâneo e do mar Vermelho, no lago da Galiléia ou em qualquer acúmulo de água, que lhes ofereça refúgio e alimentos. Quase todas as espécies de gaivotas são comedoras de detritos, pelo que são aves imundas, de acordo com as instruções levíticas. Algumas traduções dizem gaivota, nessas duas referências, acima citadas (como a nossa versão portuguesa), mas outras traduções preferem pensar em algum outro pássaro. A *King James Version* fala sobre o «cuco» e a RSV (também inglesa), diz «gaivota», no que é secundada pela *Berkeley Version*. Já a *Edição Revista e Corrigida* prefere o «cuco», em ambas essas passagens. Ver o artigo geral sobre *Aves da Bíblia*.

GALAL

No hebraico, «pesado» (?), embora outros pensem em «grandalhão», «roliço». Há três levitas chamados por esse nome, a saber:

1. Um filho de Asafe (I Crô. 9:15). Viveu em torno de 536 A.C.
2. Um filho de Jedutum (Nee. 11:17). Foi avô de Obadias (ou Abda), que retornou da Babilônia, após o exílio (I Crô. 9:16). Viveu por volta de 445 A.C.
3. Um membro da família de Elcana, que retornou do cativeiro babilônico (I Crô. 9:16). Também viveu em torno de 445 A.C. A maioria dos eruditos identificam os homens de número dois e três, como um só.

GÁLBANO

No hebraico, «brancura». Trata-se de uma resina gomosa, com um forte odor de bálsamo. No hebraico a palavra é *chelbenah*, que ocorre apenas por uma vez, em Êxo. 30:34. Era cerca de uma quarta parte do incenso sagrado. Tem sido identificado com a *F. galbaniflua* ou com a *F. rubricaulis*. Ambas as espécies medram na Pérsia. Além de serem usadas como perfume ou incenso, essas substâncias eram usadas como medicamento, como um antiespasmódico. Essas substâncias são graxas, pegajosas e granuladas. Quando misturadas a perfumes ou ao incenso, isso tanto intensifica quanto prolonga o poder desejado. A planta, de aparência como a da samambaia, tem grosso pedúnculo e flores amarelas. A folhagem, como a da samambaia, é perene. A goma exsuda da parte inferior da haste, em gotas que podem ser recolhidas.

GALEEDE

No hebraico, «monte de testemunhas». Jacó deu nome a uma pilha de pedras, que havia empilhado como memorial do pacto estabelecido entre ele mesmo e Labão. Esse nome, dado por Jacó, foi *Galaade*. Mas Labão, em seu próprio idioma, chamou-o *Jegarsaaduta*, que significa a mesma coisa em aramaico. Ver Gên. 31:44-54. Uma refeição comunal acompanhou o estabelecimento da aliança. A questão ilustra uma prática comum entre os amigos israelitas, quando se tratava de estabelecer acordos. Algumas vezes, uma estela, servia ao mesmo propósito. Ver Gên. 28:18; Jos. 4:39; 22:26-28. É bem possível que o território da Transjordânia se chamasse Gileade, por causa de algum acordo estabelecido ali. O sentido dessa palavra, Gileade, não está acima de dúvidas, e alguns eruditos pensam que está relacionado ao nome Galaade.

GALILÉIA

Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Localização Geográfica
- III. Lugar da Vida e do Ministério de Jesus
- IV. Dados Históricos
- V. Outros Pontos de Interesse

I. Caracterização Geral

Ver o artigo separado sobre **Galileu**. Essa palavra vem do hebraico, *galil*, que significa «círculo», «anel», ou seja, um *distrito ou região*. Conforme o conhecemos, esse nome é uma transliteração para o grego. O nome da região é antiqüíssimo, ocorrendo sob as formas hebraicas *galil* e *galilah* (Ver Jos. 20:7; 23:32; I Reis 9:11; II Reis 15:29). Lê-se em Isaías 9:1: «...Galiléia dos gentios...» Ver também I Macabeus 4:15 e Mat. 4:15. Essa palavra designa uma das três principais divisões da Palestina, na época de Jesus; as outras divisões eram a Judéia e a Samaria.

Antigas Fronteiras. Pouca informação temos que nos capacite a determinar as antigas fronteiras da Galiléia, e podemos supor com segurança que não havia uma geografia política fixa na área chamada Galiléia. O termo aparece pela primeira vez quando da conquista da terra de Canaã por parte do povo de Israel. A cidade de nome Cades, na região montanhosa de Naftali, de acordo com Josué 20:7; 21:32 e I Crônicas 6:76, ficava na Galiléia. Com base em várias referências bíblicas, podemos supor que esse termo incorporava o território de Naftali (II Reis 15:29), a área tribal de Aser, com a cidade de nome Cabul, e é a mesma referida em I Reis 9:11-13 e Josué 19:27, e talvez também envolvesse o distrito tribal de Zebulon (Isa.

9:1). Se essas observações estão certas, então podemos afirmar que, de modo geral, a Galiléia do Antigo Testamento é a mesma do Novo Testamento.

II. Localização Geográfica

Já vimos quais eram as antigas fronteiras. Durante os períodos dos Macabeus e da dominação romana, o termo Galiléia designava a porção norte da Palestina, a oeste do rio Jordão e do mar da Galiléia.

A demarcação exata da região da Galiléia, nos tempos do A.T., é tarefa difícil. Entretanto, suas dimensões como província, sob o jugo romano, são conhecidas. Formava um território *retangular* de cerca de sessenta e cinco quilômetros de norte a sul, e de quarenta quilômetros de leste a oeste. A leste, tinha por demarcação fronteira o rio Jordão e o mar da Galiléia, e ficava a pouca distância do Mediterrâneo, por causa da extensão da *Siro-Fenícia* na direção sul. Originalmente compunha-se de territórios determinados para as doze tribos. A influência gentílica era forte, porquanto a região estava cercada de populações gentílicas por três lados. Dessa maneira, a Galiléia passou a contar com uma população mista e diversificada, o que era causa do desprezo com que a tratavam os judeus mais «puros» do sul da Palestina. (Ver João 7:52). A maioria dos lugares que Jesus conheceu já desapareceu, e isso sem deixar vestígio. As florestas da Galiléia, dos tempos neotestamentários, foram substituídas pelo «maquis», um arbusto característico das costas do mar.

III. Lugar da Vida e do Ministério de Jesus

Os evangelhos sinópticos, Mateus, Marcos e Lucas, enfocam a atenção sobre o ministério de Jesus na Galiléia, de tal modo que somente alguns lugares ali mencionados não se encontram naquele distrito. Em contraste, o evangelho de João concentra a atenção principalmente sobre o ministério de Jesus em Jerusalém. Essa circunstância é comentada no artigo sobre o evangelho de João, partes quatro e dez. Somente cerca de dez por cento do material do quarto evangelho tem paralelos nos evangelhos sinópticos. As cidades da Galiléia, cujos nomes foram imortalizados por causa do ministério de Jesus ali, incluem Cesaréia, Pilipos, Tiberíades, Corazim, Séforis, Jocneã, Betsaida, Nazaré, Caná, Cafarnaum, Naim, Cesaréia da Palestina e Ptolemaida. Jesus foi criado em Nazaré e estabeleceu o quartel-general de sua missão em Cafarnaum (ver Mat. 4:13). Isso cumpriu uma notável predição que se encontra no livro de Isaías, o que é referido em Mat. 4:14-17. Os primeiros e principais discípulos de Jesus eram provenientes da Galiléia, segundo se aprende em Mat. 4:18 ss. Foi também na Galiléia que o Senhor apareceu pela primeira vez aos seus discípulos, após a sua ressurreição. Ver Mat. 28:7.

IV. Dados Históricos

1. Não temos muitas informações sobre essa área, antes da conquista do território por parte de Israel. As evidências arqueológicas mostram que havia habitantes ali desde as eras Calcolítica e do Bronze (cerca de 4000—2000 A.C.). Escavações efetuadas em Megido e Bete-Seã mostram isso. Existiam textos de execração egípcios, dos séculos XX e XIX A.C., que mencionavam certas cidades da Galiléia, como Aco, Acsafe, Bete-Seã e, talvez, Cades e Bete-Semes. O controle egípcio sobre a região evidencia-se pelas listas de nomes da campanha militar de Tutmés III, de Ramsés II e de outros. As cartas de Tell el-Amarna (cerca do século XIV A.C.) dizem-nos como o Egito perdeu essa área e como outras potências vieram ocupar a mesma.

2. *Quando da conquista da terra de Canaã*, Israel passou a controlar toda aquela região geral. Os povos cananeus foram derrotados. Ver Josué 11:1-11. A Galiléia foi dividida entre quatro tribos diferentes, conforme lemos em Jos. 19:10-39. Israel habitava principalmente em áreas não povoadas da Galiléia, tendo-se mesclado etnicamente com os cananeus e com outros povos da região. Talvez somente Issacar obteve êxito na expulsão dos cananeus de seu distrito (Juí. 1:30-33). Gideão combateu contra os midianitas e amalequitas e os derrotou (Juí.6), embora suas vitórias não tivessem sido nem completas e nem permanentes.

3. O *Período do Reino de Israel*. O rei Saul unificou em um bloco as tribos de Israel. Pós a Galiléia e a via Maris (a principal rota comercial da região) sob o seu controle. Os filisteus restringiram os territórios ocupados pelo povo de Israel; mas, na época de Davi, eles foram derrotados, e os israelitas começaram a controlar melhor a Galiléia. O rei Hirão, do Tiro, embora cananeu, ajudou Salomão a edificar o templo. Como pagamento, Salomão ofereceu-lhe o controle de vinte cidades da Galiléia; mas, após tê-las examinado, Hirão as devolveu a Salomão (I Reis 9:10-14; II Crô. 8:1,2).

No período subsequente, do reino dividido, Asa, rei de Judá, juntamente com Ben-Hadade I, da Síria, combateu contra Israel, na Galiléia. A região continuou sendo disputada por Israel e por Arã (Síria). Onri e Acabe recuperaram as perdas territoriais que ali tinham sido sofridas, mas Hazael (ver II Reis 10:32) tornou a reconquistá-las. Jeroboão, filho de Joás, libertou a região da dominação estrangeira durante algum tempo (ver II Reis 14:25 ss). Depois, porém, houve a invasão encabeçada por Tiglate-Pileser III, rei da Assíria, em 734 A.C., e quase sodas as cidades da Galiléia caíram sob o seu domínio (II Reis 15:29; 16:7). Quando caiu a capital Samaria, em 722 A.C., esse foi o fim do reino do norte Israel, ali e em qualquer outro lugar.

4. Vários poderes, em sucessão, vieram a governar a Galiléia, como a Assíria, a Babilônia, a Pérsia, a Grécia, os monarcas selêucidas, os Macabeus e finalmente, os romanos, acompanhando a história geral do resto do povo de Israel.

5. *Nos Tempos do Novo Testamento*. Em 47 A.C., Roma enviou Herodes, o Grande, a fim de conquistar a Galiléia. Isso foi conseguido militarmente, de tal modo que, a princípio, ele era ali apenas um chefe militar e não um rei. Livrou a região de assaltantes e homens violentos (ver Josefo, *Anti.* 14:9,2). Em 37 A.C., Herodes tornou-se rei dessa e de outras regiões. Isso prosseguiu até o ano 40 D.C. Então seu filho Antipas subiu ao poder, fazendo de Tiberíades a sua capital. Portanto, ele era o governador do período da vida de Jesus, excetuando o período de sua infância. Os zelotes opunham-se ao domínio romano e tinham sua base mais forte na Galiléia. Alguns dos discípulos de João Batista pertenciam a esse grupo. Pelo menos um dos discípulos de Jesus também havia pertencido ao partido dos zelotes. As dificuldades com o governo romano manifestavam-se de várias maneiras. No ano 40 D.C., Calígula determinou que Petrônio, governador da Síria, erigisse uma estátua em honra ao imperador, no templo de Jerusalém. As reações dos judeus ao ato foram radicais. Muitos milhares de judeus reuniram-se, durante quarenta dias, em Tiberíades e Ptolemaida, a fim de protestar contra o suposto sacrilégio. Petrônio teve de desistir da idéia. Quando Agripa I faleceu, a antiga Galiléia foi dividida quanto à autoridade política. Uma porção ficou ao encargo de Agripa II, até o ano 100 D.C. Roma administrava a outra parte da Galiléia por intermédio de outros governantes.

A oposição dos judeus a Roma continuou a intensificar-se, tendo atingido um ponto culminante na revolta que exigiu a invasão romana. No ano 70 D.C., Jerusalém foi destruída, e toda a Galiléia ficou sob o governo romano direto. Quando Herodes Agripa morreu, em 100 D.C., a Galiléia foi anexada à província romana da Síria.

Uma vez destruída Jerusalém, os estudiosos e rabinos judeus refugiaram-se na Galiléia. Tiberíades foi escolhida para ser o novo centro da fé judaica. Foi ali que o Talmude (vide) veio à existência. Em data posterior, os eruditos massoretas atuaram ali e o resultado foi o texto padronizado do Antigo Testamento em hebraico, intitulado texto massorético. Ver o artigo sobre a *Massorah*.

V. Outros Pontos de Interesse

Josefo nos dá a informação interessante de cerca de três milhões de habitantes. Havia ali muitas aldeias com mais de quinze mil habitantes (*Guerras* 3:3,2). Isso permite-nos entender como é que tão grandes multidões podiam seguir Jesus. Uma grande rota comercial atravessava a Galiléia, ligando Damasco ao Egito, por meio do Wadi 'Ara, em Megido, com rotas alternativas em Tasheque e Jocneã. Em Megido, a estrada dividia-se em três, uma delas seguia para o orien-

te, para Bete-Seã, passando além de Astorete, a capital do Basã, até ligar-se com a estrada do Rei, em Damasco. Também havia outras rotas secundárias. Uma estrada principal estava localizada na Alta Galiléia, que ia de Tiro até Abel-Bete-Maaca, no sopé do monte Hermom. Isso abria a Galiléia para o Oriente Próximo. Josefo considerava os homens da Galiléia corajosos e sinceros (ver *Guerra* 3.3,2). O período do Antigo Testamento nos apresenta os seguintes indivíduos notáveis: Baraque, Gideão, Jonas e Elias. Doze dos discípulos de Jesus eram da Galiléia. Além disso, quando alguém fala em «o Galileu», todos sabem de quem se trata. (AH AM EW SMI Z)

GALILÉIA, MAR DA

Esse corpo de água potável tem vários nomes, como mar da *Galiléia* (Mat. 4:18), mar de *Quinerete* (Núm. 34:11) e lago de *Genezaré* (Luc. 5:1). Tem a forma de pêra, está localizado no norte da Palestina e é formado pelo alargamento do rio Jordão, em certo trecho de seu curso. Fica a 212 m abaixo do nível do mar, com quase dezoito quilômetros de comprimento, e, cerca de treze quilômetros de largura. Sua profundidade média é de 45 m. Fica situado em uma grande bacia, formada por uma grande falha geológica. O Jordão deságua no mesmo, vindo do norte, onde suas águas ficam avermelhadas e turvas.

O lago também é alimentado por muitas fontes em suas margens. No entanto, suas águas são relativamente límpidas. Contudo suas praias ao norte e a leste são barrentas e rochosas. Mas suas margens ocidentais descem em uma inclinação suave. Durante certa metade do ano as colinas ao redor ficam desnudas de vegetação; porém, durante a primavera aparece uma vegetação subtropical. Os peixes eram e continuam sendo abundantes no lago, e a indústria de pesca ali sempre foi uma atividade importante para os habitantes das cidades que margeiam o lago. O monte Hermom, sempre encimado por neve, não fica muito longe e o ar resfriado, ao encontrar-se com o ar morno do vale, pode causar súbitos e violentos tufões sobre o lago, o que fica demonstrado em Marcos 4:37.

Em torno de suas praias há antigas ruínas, mas quase todas as cidades mencionadas nos tempos bíblicos, até mesmo do Novo Testamento, desapareceram com pouquíssimos vestígios. Contudo, há as ruínas de Tell Hum (Cafarnaum), Kerazeh (Corazim) e Taricheae, conhecido como um antigo lugar que exportava peixes. Outras identificações são extremamente precárias. Nos dias do Novo Testamento, nada menos de nove cidades, de não menos de quinze mil habitantes cada uma, em média, estavam localizadas em suas praias.

O mar da Galiléia, que fica cerca de noventa e seis quilômetros ao norte de Jerusalém, ajudava a determinar o tipo de vida que se levava em toda a região ao derredor. As ocupações dos habitantes incluíam a agricultura, a fruticultura, o tingimento de tecidos, o curtume, a pesca e a fabricação de embarcações. Todas essas atividades, mais ou menos importantes, dependiam desse lago e de seus tributários, a fim de prosseguirem. Jesus realizou muitos de seus trinta e três milagres historiados em redor desse lago. Ele usava Cafarnaum (vide) como seu quartel-general de labores na Galiléia, onde também passou a maior parte da sua vida.

GALIM

No hebraico, «montões». Esse era o nome de uma aldeia localizada no território de Benjamim, ao norte de Jerusalém, perto de Gibeá, de Saul e de Anatote. Ver I Sam. 25:44, Isa. 10:30. A Septuaginta diz que essa cidade ficava no território de Judá. Parece que entre os versículos 59 e 60 do décimo quinto capítulo de Josué, na Bíblia hebraica, foram omitidos os nomes de várias cidades, que a Septuaginta preservou. Há estudiosos que pensam que isso ocorreu acidentalmente. Nessa lista, Galim é agrupada com as cidades que ficavam a sudoeste de Jerusalém, o que deve explicar a confusão quanto à localização, que varia entre Benjamim e Judá. Seja como for, a cidade é mencionada como o lugar onde vivia Palti, a quem foi entregue Mical, esposa de Davi. O local de Galim é atualmente desconhecido.

GALINHAS

A única menção a aves domesticadas, no Antigo Testamento, em conexão com a provisão de mesa diária de Salomão, aparece em I Reis 4:23. A palavra hebraica ali envolvida, *barburim*, tem sido traduzida como gansos, peixes cevados, galinhas da angola, etc. Nossa versão portuguesa diz «aves cevadas». O mais provável é que esteja em foco o *Centropus aegyptius*, uma espécie de cuco, que, em alguns países, até hoje é considerado um saboroso acepipe. Seja como for, a nossa galinha descende do *Gallus gallus* da Índia, uma ave que ali aparece nas florestas. Há evidências de sua domesticação desde 2000 A.C. A galinha apareceu no Egito antes do século XIV A.C., trazida do Oriente. É bem possível que os israelitas tivessem conhecimento dessa ave nessa época. Por volta de 500 A.C., a galinha já era conhecida por todo o mundo grego. A partir de cerca de 600 A.C., há um selo, descoberto em Tell El-Nasbeh, com a gravura de um galo de briga. Portanto, a partir desse tempo, a ave era conhecida na Palestina. Esse selo tem estampado o nome de Jaazania, oficial do rei (II Reis 25:33). Naturalmente, isso não prova que a ave fosse domesticada e estivesse servindo como item da alimentação dos israelitas nessa época. O ganso tem uma história mais antiga na Palestina. A imagem do ganso tem sido encontrada em gravuras feitas em marfim, encontradas em Megido, pertencentes a cerca de 1000 A.C. Portanto, é possível que essa única referência à palavra hebraica *barburim* diga respeito ao ganso.

No Novo Testamento. Encontramos o canto do galo, mencionado como uma medida de tempo, em conexão com a negação de Pedro quanto a Jesus Cristo (Mat. 26:34,74; Mar. 14:30; Luc. 22:34; João 18:27). No entanto, os galos não costumam cantar em horas certas, embora a credence popular assim o diga. De fato, eles cantam a qualquer hora da noite, se assim quiserem fazê-lo, e ninguém pode fazê-los fechar o bico durante as primeiras horas da manhã. No entanto, não seguem o relógio de nenhum homem. Nos trechos de Mat. 23:37 e Luc. 13:34 temos menção à galinha, que junta seus pintinhos sob as asas, a fim de protegê-los, como ilustração de como Cristo gostaria de recolher aqueles que o rejeitavam, se ao menos quisessem confiar nele. (I ID UN)

GALO

Para nós, um **galo** é o macho da família dos galináceos. Mas muitas fontes informativas esclarecem que, para os hebreus, os galos eram os machos de várias espécies de aves domésticas. As traduções mostram-se um tanto confusas a esse respeito, parcialmente porque vários pássaros mencionados na Bíblia são de identificação duvidosa. Portanto, podem estar em foco cisnes, gansos e galinhas d'Angola. Em I Reis 4:23 lemos sobre «aves cevadas», que faziam parte do cardápio de Salomão. Há alguma probabilidade de que lhe eram servidas galinhas domésticas. Ver o artigo geral sobre as *Aves da Bíblia*. De fato, a única menção a aves domésticas aparece nessa referência. Não sabemos dizer quando o costume começou entre os hebreus. A *Mishna* informa-nos que os judeus não criavam galinhas em Jerusalém, por causa das coisas santas que havia na cidade, uma explicação que não entendemos quanto ao seu alcance. A galinha não era considerada uma ave imunda, e podia ser comida livremente. Mas, por causa de seu hábito de ciscar o chão e de agitar insetos imundos, não podia ser criada perto dos lares dos judeus. Todavia, quem quisesse poderia criar galinhas fora das cidades.

A domesticação de aves para consumo humano teve origem na Ásia, até onde é possível investigar a questão, embora não se saiba o local exato onde isso teve início. A galinha era conhecida na Índia, mas não no Egito. Os gregos obtinham pássaros domesticados da Pérsia. E é provável que os romanos tenham introduzido a prática na Palestina. Isso tem levado muitos intérpretes a pensarem que as aves cevadas de I Reis 4:23 não eram galinhas.

É **no Novo Testamento** que temos menção clara ao galo. Em todas as referências do Novo Testamento, essas aves aparecem em conexão com a negação de Cristo, por parte de Pedro (Mat.

26:34,74,75; Mar. 14:30,68), excetuando unicamente a menção ao canto do galo, com designação do amanhecer, em Marcos 13:35.

Por ocasião da última ceia, Jesus predisse que Pedro haveria de negá-lo por três vezes, antes que o galo cantasse. Todas as quatro narrativas sobre a questão afirmam que o galo cantou imediatamente após a negação de Pedro. Mas Marcos 14:30,72 fala em um segundo cantar do galo. Detalhes e fantasias têm sido acrescentadas à narrativa bíblica, como aquela que diz que aquele galo específico fora preparado para a tarefa. Provavelmente, tudo quanto Jesus quis dizer era que Pedro haveria de negá-lo ainda bem no começo do dia. Não é provável que Jesus estivesse pensando no próprio canto do galo. Seja como for, a questão não se reveste de maior importância. Há uma igreja, em Jerusalém, que comemora o evento, chamada de Igreja de São Pedro em Galicanto. Ver sobre o *Cantar do Galo*.

GAMADITAS

A palavra ocorre exclusivamente em Eze. 27:11. O original hebraico parece ter o sentido de «homens valorosos». Todavia, a Septuaginta tem, no grego *phulakés*, que significa «guardas», «sentinelas». O vocábulo é usado para aludir a certos indivíduos que ocuparam as torres de Tiro. Algumas traduções, entretanto, interpretam a palavra como se fosse um nome próprio, e não uma função, dizendo algo como «homens de Gamade». Alguns eruditos têm pensado em interpretações como «pigmeus», «guerreiros», «capadócijs», etc.

GAMO

No hebraico, *zemer*, um animal de duvidosa identificação. A palavra aparece exclusivamente em Deu. 14:5. As identificações vão desde a girafa, ao gamo e à cabra montês. Nossa versão portuguesa prefere pensar no «gamo». A «camurça», que é outra possibilidade, é um pequeno antílope que vive nas montanhas da Europa, não podendo ser o animal em questão. Muitos estudiosos preferem pensar na «cabra montês» Na área do Sinai, provavelmente era um animal abundante nos dias bíblicos, e até hoje existe essa espécie naquela região.

GAMUL

No hebraico, «recompensado», ou, talvez, «desmamado». Esse foi o nome do chefe do vigésimo segundo turno de sacerdotes que serviam, alternativamente, no templo de Jerusalém. Na época de Davi, os sacerdotes recebiam suas incumbências mediante o lançamento de sortes (I Crô. 24:17).

GANÂNCIA

1. **Definição.** A ganância é um desejo ansioso e egoísta, quando o egoísmo busca satisfação própria. É a paixão pelas riquezas (a avareza), é a cobiça. A ganância expressa-se de muitas formas diferentes. O ganancioso busca, acima de tudo, satisfazer às necessidades do organismo, nos campos do sexo, do vestuário e do luxo, incluindo tudo quanto está dedicado aos cuidados e à decoração do corpo físico. Também envolve o desejo por alimentos, em excesso e em grande variedade. Quando um desejo é bom, por mais intenso que seja, não é denominado ganância.

2. No *Tocante à Bíblia*. Desejos excessivos e mal orientados são proibidos pelo décimo mandamento (ver Êxo. 20:17 e Deu. 5:21). Jesus advertiu acerca da escravidão da ganância (Luc. 12:15; Mat. 6:19-24). Essa é uma das obras da carne, sendo um dos principais vícios humanos (Rom. 1:29). A lista de vícios preparada por Paulo, contudo, dá maior proeminência aos pecados sexuais. A ganância é uma forma de idolatria (ver Col. 3:5). A ganância perturba a vida social e não somente a vida do indivíduo (Pro. 28:25). O ganancioso dá demasiado valor às riquezas temporais, o que pode desviá-lo inteiramente das realidades espirituais (Sal. 10:3; Mat. 6:24). A ganância é uma das grandes características dos ímpios e apóstatas (Rom. 1:29). Os ociosos também se tornam gananciosos (Pro. 21:26). É uma desgraça para o crente (I Tim. 3:3; Efé. 5:3). Esse pecado origina-se no

coração do indivíduo (Mar. 7:22,23). O seu resultado é a injustiça e a opressão (Pro. 28:20; Miq. 2:2). A ganância é um dos principais vícios ameaçando a salvação da alma (I Cor. 6:10 e Efé. 5:5).

3. *Uma Atitude Espiritual Apropriada.* Desejar coisas é um sentimento legítimo, contanto que seja orientado para os valores espirituais. Lemos em Colossenses 3:2: «Pensai nas cousas lá do alto, não nas que são aqui da terra». E declarou Agostinho: «Que essas coisas não ocupem a minha alma; que Deus a ocupe» (*Confissões* 10:51). Ver o artigo mais detalhado, sobre a *Cobiça*.

GARÇA

No hebraico, *anaphah*, uma espécie de ave que aparece somente por duas vezes, em Lev. 11:19 e Deu. 14:18. Como no caso de todos os animais e pássaros mencionados na Bíblia, não há certeza, entre os tradutores, quanto à ave em foco, neste caso. Essa palavra hebraica tem sido variegadamente traduzida por águia, papagaio, andorinha etc. Mas a ave mais provavelmente em vista é a garça. A referência em Lev. 11:19 alista essa ave como imunda como alimento para os israelitas. Ver o artigo separado sobre *Limpo e Imundo*, que oferece os conceitos gerais sobre a questão, incluindo alimentos proibidos. Esse pássaro pertence à família das *Charadriidae*. Tem asas longas e pontudas e cauda curta. Encontra-se largamente disseminada pela Europa, pela Ásia e pelo norte da África. Alimenta-se de lesmas, vermes, rãs e outros pequenos animais. É provável que seus hábitos alimentares tenham-na feito ser incluída entre os alimentos proibidos na legislação levítica. A expressão bíblica «a garça segundo a sua espécie», que aparece naqueles dois trechos bíblicos, provavelmente, indica que havia várias espécies pertencentes ao gênero.

GAREBE

No hebraico, «coceira», «escama». No Antigo Testamento, nome de um acidente geográfico e de uma pessoa, a saber:

1. Nome de um outeiro que ficava próximo da cidade de Jerusalém, aludido somente em Jer. 31:39. Servia de marco para os limites futuros da cidade. Alguns estudiosos têm-no identificado com o Gólgota, ou então com Bezeta. A verdade, porém, é que o local é desconhecido, e os eruditos não concordam nem mesmo com o ponto cardeal, em relação a Jerusalém, onde o mesmo estaria localizado.

2. Nome de um descendente de Jetro ou Jeter, um itrita, um dos trinta heróis guerreiros de Davi, (II Sam. 23:38; I Crô. 11:40). Os itritas eram uma família de Quiriate-Jearim (vide). No entanto, outros intérpretes opinam que Garebe deve ter sido um nativo da aldeia de Jatir (vide), porquanto entendem que a palavra original envolvida seria similar (apenas com uma mudança de pontos vocálicos) àquela que aparece no texto padrão. Seja como for, os itritas eram descendentes de Jetro ou Jeter, o que lhes explica o nome.

GARFO

No hebraico, *mazleg* (no plural, *mizlagoth*). Essa palavra figura por duas vezes com a primeira forma: I Sam. 2:13,14. E, como forma feminina plural, figura por cinco vezes: Êxo. 27:3; 38:3; Núm. 4:14; I Crô. 28:17 e II Crô. 4:16.

O garfo era um instrumento usado no tabernáculo a fim de remover alguma porção de carne que fervia no caldeirão (I Sam. 2:13,14). A julgar pela diferença de nomes empregados, parece que havia mais de um tipo de garfo usado com esse propósito. Mas, visto que contamos somente com os nomes desses instrumentos no hebraico, é impossível oferecermos qualquer descrição mais detalhada sobre os mesmos, a não ser que aquele tipo mencionado em I Samuel tivesse três dentes. Ver também sobre *Forquilha*.

GARMITA

No hebraico, talvez, «ossudo». Essa palavra é usada como um apelativo de Abiqueila, descendente de Judá, através de Calebe, filho de Jefuné. Seu nome ocorre somente em I Crô. 4:19. Ele deve ter vivido em torno de 1400 A.C. O significado desse apelido não tem

explicação, e permanece obscuro. Não passam de conjecturas as idéias de que ele seria um homem de ossatura forte, ou então que era homem muito vigoroso.

GATE

A palavra hebraica significa «lagar». Esse era o nome de uma das cinco cidades dos filisteus, dirigida por um de seus muitos príncipes ou senhores, desde a época de Josué até uma data comparativamente tardia. O nome dessa cidade é mencionado por trinta e três vezes no Antigo Testamento: Jos. 11:22; I Sam. 5:8; 6:17; 7:14; 17:4,23,52; 21:10,12; 27:2-4,11; II Sam. 1:20; 15:18; 21:20,22; I Reis 2:39-41; II Reis 12:17; I Crô. 7:21; 8:13; 18:1; 20:6,8; II Crô. 11:8; 26:6; Sal. 56 (título) e Miq. 1:20.

Em Gate, quando Josué efetuou sua conquista, ainda havia ali anequins, uma raça de gigantes; aparentemente essa raça conseguiu perpetuar-se até algum tempo mais tarde. Golias, o famoso gigante morto por Davi, era natural de Gate. Ver Jos. 11:22 quanto aos filhos de Anague ou anequins.

Os habitantes de Gate eram os «geteus» (II Sam. 6:10,11 e 15:18). No texto hebraico, em Josué 13:3, isso aparece sob a forma de *gitti* ou *gittim*. As outras cidades filistéias importantes eram Gaza, Asdode, Asquelom e Ecom. Todas essas cidades estavam localizadas (incluindo Gate) na fronteira sul da Palestina, e cada uma contava com seu próprio príncipe ou rei (Jos. 13:3; I Sam. 6:17). O constante estado de guerra que havia na antiguidade fazia com que todas as cidades antigas fossem muradas, e Gate não era exceção à regra (II Crô. 26:6). Ver também o artigo sobre *Forte, Fortificação*.

Dados Históricos. Homens de Gate mataram alguns israelitas por tentarem furtar o seu gado (I Crô. 7:21 e 8:13). Os filisteus capturaram a área da aliança, levando-a para Asdode e, então, para Gate (quando houve uma série de infortúnios) e daí para Ecom. Os infortúnios prosseguiram, pelo que eles enviaram a arca da aliança de volta aos israelitas (I Sam. 5:6-10; 6:17). Os filisteus foram um vexame constante para Israel, nos dias de Samuel (I Sam. 9:16; 10:6; 13:3,5,19; 14:21; 17:1; 23:27). Davi matou o gigante Golias, que era natural de Gate (I Sam. 17:4,23; II Sam. 21:20). Isso conferiu algum descanso a Israel. Anequins residentes em Gate foram mortos por Davi. Eles tinham seis dedos em cada mão e seis artelhos em cada pé. Apesar de antigas desavenças, quando fugia de Saul, Davi refugiou-se em Gate (I Sam. 21:10-15; Sal. 56:1). Na sua segunda visita ali, ele levou consigo as várias esposas e seiscientos homens; e Aquis, o rei, não somente recebeu-o bem, como também lhe deu a cidade de Ziclague para servir de residência (I Sam. 27:1-28). Davi devolveu o favor (I Sam. 28:1,2). As cidades filistéias de Gate e Asquelom são mencionadas no lamento de Davi por causa da morte de Saul e Jônatas (II Sam. 1:20). Davi acabou conquistando Gate e as aldeias ao redor (I Crô. 18:1). Aquis, mesmo assim, continuou sendo chamado rei de Gate (I Reis 2:39-41), mas, evidentemente, tornara-se subserviente a Davi. Reoboão fortificou a cidade de Gate (II Crô. 11:8). Hazael, de Damasco, capturou-a nos fins do século IX A.C. (II Reis 12:17). Uzias derrubou as suas muralhas, quando andou guerreando na Filístia (II Crô. 26:6). Mas Amós, em data posterior, descreveu a cidade como pertencente aos filisteus (Amós 6:2), o que nos permite comprovar que a mesma vivia mudando de mãos, ou então, que na época daquele profeta, a cidade estava em estado de vassalagem ao território de Judá. Sargão, da Assíria, capturou a cidade com a área em redor, nos fins do século VIII A.C., ou seja, em 715 A.C. Gate, juntamente com Asdode, Judá, Edom e Moabe, havia formado uma frente unida contra a Assíria, mas sem proveito. A partir desse tempo, Gate saiu inteiramente das páginas da história, de tal modo que, atualmente, sua localização é incerta. Ela tem sido identificada com Tell es-Safi, a pouco mais de dezenove quilômetros ao norte de Asdode, e com Tell Shekh Ahmed el-'Areini, perto de 'Araz el-Menshiyeh, cerca de vinte e quatro quilômetros a leste de Asquelom, e cerca de onze quilômetros ao sul de Tell es-Safi. Aparentemente, o nome era comum, visto que quatro ou cinco cidades

foram assim denominadas, nos tabletes de Tell el-Amarna. Isso talvez deva-se ao fato de que o nome significa «lagar», e muitas localidades podem ter sido assim designadas.

GATE-HEFER

No hebraico, «lagar de escravação». Esse era o nome de uma cidade situada na fronteira entre Zebulom e Naftali (Jos. 19:3). Foi o lugar onde nasceu o profeta Jonas (ver II Reis 14:25), o qual tem sido identificado com a moderna el-Meshed, que fica cerca de cinco quilômetros a nordeste de Nazaré. Essa tradição favorece a conexão dessa localidade com o profeta Jonas. Jerônimo, no século IV D.C., testificou que o túmulo de Jonas ainda era conhecido em seus dias, cerca de três quilômetros de Seforis, que seria em Gate-Hefer, embora nos seja impossível averiguar quão exata é uma tradição como essa. Pelo menos, as evidências arqueológicas mostram que o lugar vinha sendo habitado pelo menos desde o tempo de Jonas. Um outro túmulo, identificado como o lugar do sepultamento de Jonas, encontra-se em Ninive, antiga capital da Assíria. Onde Jonas teria sido, realmente, sepultado? A questão, contudo, é secundária, e não nos deve preocupar muito.

GATE-RIMOM

No hebraico, «lagar de Rimom», isto é, «lagar da romã». Esse foi o nome de dois lugares diferentes referidos no Antigo Testamento, a saber:

1. Uma cidade do território de Dã, entregue aos levitas. Ficava na planície da Filístia, perto de Joep. É mencionada somente em Jos. 19:45; 21:24.

2. Uma cidade levítica que ficava no território da meia-tribo de Manassés, na porção oeste do rio Jordão. Foi então entregue às famílias dos filhos de Coate. Essa cidade é mencionada duas vezes, em Jos. 21:25 e em I Crô. 6:69. Muitos eruditos pensam que tanto em Jos. 21:24 quanto em Jos. 21:25 há menção a uma única cidade. Nesse caso, esta cidade seria a Bileã referida em I Crô. 6:70. O manuscrito B, da Septuaginta, diz *lbatha* (Bileã), no vs. 25, omitindo a segunda menção a Gate-Rimom, conforme se vê, por exemplo, em nossa versão portuguesa. Bileã ficava situada cerca de vinte e quatro quilômetros a sudeste de Megido. No entanto, devemos notar que a primeira Gate-Rimom (vs. 24), aparece como pertencente à tribo de Dã, ao passo que a segunda Gate-Rimom (vs. 25), aparece como pertencente à meia-tribo de Manassés. Parece-nos que basta isso para mostrar que eram duas cidades diferentes, e não uma só.

GATO

Supõe-se que o gato era um útil animal doméstico em Israel, embora não haja qualquer referência ao mesmo, nem no Antigo e nem no Novo Testamento. No Egito, como se sabe, algumas vezes o animal era adorado como uma divindade. É possível que, por essa razão, os gatos não eram comumente criados entre os israelitas, embora o touro também fosse um objeto comum de adoração dos egípcios. A verdade é que as pessoas podem passar bem sem os gatos, embora não tão bem sem o gado vacum. No livro de Baruaque, o animal é mencionado como habitante comum dos templos pagãos. O emprego de gatos, nos templos antigos, sem dúvida estava associado ao fato de que eles caçam e matam os ratos, os quais seriam abundantes em lugares onde se abatiam animais para serem sacrificados.

O gato era considerado um animal imundo, a julgar pela classificação levítica. Portanto, se os israelitas criavam gatos, certamente não seriam animais domésticos de estimação. Talvez fosse apenas um animal usado como caçador de ratos. No entanto, os povos vizinhos a Israel usavam gatos como animais de estimação. A arqueologia tem encontrado muitas representações e figuras de gatos, no Egito. Parece que ali os gatos pareciam-se mais com as espécies selvagens da Europa. Uma estatueta de marfim, representando um gato, foi encontrada em Laquis, pertencente a cerca de 1700 A.C.

Isso talvez sugira que o gato era um animal comum ali, embora também possa indicar que a estatueta fora importada do Egito. Têm sido encontrados muitos gatos mumificados no Egito, o que testifica sobre a posição divina que esses animais ali desfrutavam. A deusa-gata Baste era a protetora da metade oriental do delta do rio Nilo. O centro de seu culto ficava em Bubastis, um lugar mencionado no trecho de Ezequiel 30:17, e onde essa cidade é chamada Pi-Besete. (S Z)

GAVIÃO

No hebraico, **nets**, uma palavra que aparece por três vezes com esse sentido: Lev. 11:16; Deu. 14:15 e Jó 39:26. Nossa versão portuguesa diz «falcão», na última dessas referências. No mundo existem cerca de dezoito espécies de gavião, variando em tamanho desde uma ave bem pequena até pássaros volumosos. O termo é usado para incluir desde o gavião, o pardal até o abutre. Mas a maioria das traduções e versões elimina o milhafre, que é um falconídeo. Cabe aqui, novamente, um reparo feito em outros verbetes. As palavras hebraicas referentes às espécies animais por muitas vezes confundem os estudiosos, pois os hebreus não classificavam cientificamente a fauna e a flora, dando nomes às espécies muito mais pela aparência das mesmas.

Até hoje a região da Palestina é rica em aves de rapina. As disposições levíticas proibiam a ingestão de suas carnes (Lev. 11:13). Ver o artigo separado sobre *Limpo e Imundo*, que inclui comentários sobre os animais assim classificados, juntamente com as leis que governavam essas questões, em Israel.

Usos Metafóricos. O gavião é um símbolo de crueldade sem misericórdia. A maioria das espécies compõe-se de caçadores implacáveis. Além disso fala-se em *olhos de gavião*, indicando aqueles que observam atentamente aos outros, a fim de tentarem descobrir algo que possam criticar nas pessoas. Ou então, a visão fantástica aguçada do gavião pode ser empregada como figura para a percepção aguda, física ou mental.

GAZA

Esboço:

- I. Caracterização Geral
- II. Localização e Características Geográficas
- III. Dados Históricos

I. Caracterização Geral

Gaza era uma das principais cidades dos filisteus, na parte sudoeste da Palestina. Era aquela que se achava mais ao sul, a pequena distância das margens do mar Mediterrâneo, no caminho que levava da Palestina ao Egito. Ficava situada à margem da estrada de Ácaba a Hebrom, que atravessa quase todo o comprimento do grande *wady el-Arabá*. Trata-se de um local habitado pelos homens desde a mais remota antiguidade, mencionada em Gên. 10:19. Era originalmente habitada pelos aveus, que foram finalmente expulsos pelos caftorins (ver sobre *Caftori* Deu 2:23). Assinalava a fronteira sul da terra de Canaã (Gên. 10:19). Josué conquistou essa cidade, ampliando a sua campanha militar até aquele lugar (Jos. 10:41). No entanto, Josué poupou os anequins ou gigantes, que ali viviam (ver Jos. 11:21,22). Quando o território foi partilhado entre as tribos de Israel, essa área tornou-se parte de Judá (Jos. 15:47). O reino de Salomão incluía esse lugar (I Reis 4:24). Ezequias feriu os filisteus até Gaza (II Reis 18:8). A história de Israel corre em contínuo paralelo com a história dos filisteus, visto que esses dois povos viviam em constante contacto e conflito. Às vezes vencia um dos lados e outras vezes, o outro.

A antiga Gaza era chamada *Deserto de Gaza*, tendo sido destruída pelo rei hasmoneano Alexandre Janeu, em 93 A.C. Em 57 A.C., Cabínio, governador romano, fundou a nova cidade de Gaza, um tanto mais próxima do mar Mediterrâneo. Alguns arqueólogos e historiadores localizam o local do batismo do eunuco etíope cerca de três quilômetros ao norte de Azoto, perto do cômodo da cidade de Asdode, dos filisteus. Ali fica o único lugar onde havia água potável naquela porção da rota das caravanas que levava a Gaza. Em tempos

antigos, Gaza fora uma cidade fortificada, que resistiu a Alexandre, o Grande, por nada menos de cinco meses. Foi novamente destruída pelos romanos, depois que começou a guerra destes com os judeus, em cerca de 70 D.C. Gaza era uma das cinco principais cidades da Palestina. (Quanto às histórias do A.T., associadas com Gaza, ver os trechos seguintes: Deut. 2:23; Gên. 10:19; Jos. 10:41; 11:21,22; 13:3; 15:47; Juí. 1:18; 16:1-3,21-31; Jer. 47:1; Amós 1:6,7 e Sof. 2:4 e 9:5).

É bem provável, embora não seja certo, que a antiga cidade de Gaza seja atualmente representada por Tell El-Ajjul, cerca de quase quatro quilômetros da costa do Mediterrâneo. O arqueólogo Flinders Petrie escavou ali de 1930 a 1934, e descobriu cinco níveis distintos de ocupação humana, as primeiras quatro camadas pertencentes à Idade do Bronze Média, e a quinta pertencente à Idade do Bronze Posterior (3000 A.C.—1000 A.C.).

O novo local, fundado por Gabínio, governador romano, que fica mais próximo do mar Mediterrâneo, também tem sido explorado pela arqueologia porém, sendo uma localidade ocupada hoje em dia, não têm sido muito satisfatórios os resultados obtidos nessas escavações.

«Gaza era aldeia que ficava cerca de quatro quilômetros da beira-mar; era a última cidade pela qual passavam os viajantes que iam da Fenícia ao Egito, e ficava na entrada do deserto, de conformidade com a narrativa dada por Adriano, em Exped., Alex. liv. ii. cap. 25». (Adam Clarke, *in loc.*)

II. Localização e Características Geográficas

Além daqueles particulares mencionados na primeira seção, acima, devemos observar que Gaza ficava cerca de oitenta quilômetros a noroeste de Jerusalém e a quase cinco quilômetros terra adentro, para quem parte das margens do Mediterrâneo. Ficava cerca de dezenove quilômetros ao sul de Asquelom, uma outra das grandes cidades filistéias. Gaza ficava situada em uma colina, em meio a uma planície fértil, e contava com quinze fontes de água fresca, o que fazia a agricultura da região ser muito próspera. Tornou-se um centro de comércio, bem como um lugar onde exércitos estacavam, a fim de refrigerar suas tropas e suas montarias.

III. Dados Históricos

A primeira referência bíblica a Gaza acha-se em Gên. 10:19, onde ela é mencionada como uma das cidades fronteiriças dos cananeus. Já existia e prosperava antes mesmo do período de Abraão, quando o território dos cananeus ia desde Sidom (ao norte), até Gerar e Gaz (a sudoeste). Os mais antigos habitantes do lugar foram os aveus (Deu. 2:23). Nos dias de Josué, os aveus e os cananeus controlavam toda aquela área (Jos. 13:3,4). Gaza é mencionada no monumento de Tutmés III, que usava a mesma como base de suas guerras contra a Síria (cerca de 1480 A.C.). A invasão da Palestina, por parte dos filisteus, ocorreu em cerca de 1200 A.C., e foi então que Gaza se tornou uma das principais cidades da Filístia. Quando Israel também chegou àquela região geral, houve séculos de entrecosques, em que a sorte das armas sorriu ora para um lado ora para outro. Antes desse acontecimento, e durante longo tempo, o Egito havia dominado a região (séculos XV e XIV A.C.). O tablete n° 320 de Tell el-Amarna alude às relações entre o Egito e essa área, ainda que ali a cidade de Gaza não seja especificamente mencionada. E o tablete n° 289 dessa mesma coleção menciona Gaza e refere-se a dificuldades com os *'Apiru*, o que, quase sem dúvida alguma, é uma referência aos hebreus, que estavam conquistando a terra. Até 1200 A.C., o Egito exerceu grande influência sobre a região, conforme nos mostra o Papiro Anati I, dos fins da XIX Dinastia egípcia.

Foi em Gaza que Sansão realizou seu feito de prodigiosa força física de arrancar os portões da cidade, levando-os até Hebrom (Juí. 16:1-3). Mais tarde, porém, terminou encarcerado naquela mesma cidade (Juí. 16:21). Foi nessa cidade que os filisteus expuseram-no ao ridículo público, depois de lhe terem cegado ambos os olhos. Foi ali que eles celebraram sua vitória, em honra a seu deus, Dagom. E também foi ali que Sansão derrubou a casa onde estavam os filisteus em grande número, ao quebrar as colunas que sustentavam a mesma (Juí. 16:33 ss).

Salomão estendeu o seu reino até aquela cidade (I Reis 4:24); mas a mesma acabou voltando aos filisteus (I Sam. 6:17; II Reis 18:8). Ezequias obteve ali uma vitória temporária (II Reis 18:8). Em 734 A.C., Tiglate-Pileser III fez de Gaza uma cidade tributária da Assíria. Esse monarca assírio recebeu ouro, prata, vestes de linho e outros itens valiosos, que lhe foram enviados pelos habitantes dessa cidade. Gaza, pois, tornou-se parte do império assírio, embora os filisteus tivessem continuado a exercer alguma influência sobre aquela região.

Em 704-681 A.C., Senaqueribe guerreou contra as cidades de Judá e as dominou (701 A.C., II Reis 18:13), e, então, trancou Ezequias em Jerusalém como se ele fosse um pássaro engaiolado, conforme ele se jactou. O país foi devastado em redor, embora Jerusalém se tivesse agüentado ainda por algum tempo. Um certo Silibel tomou-se governador de Gaza, mas sujeito à Assíria. Outros dirigentes filisteus também governaram, mas como meros títeres. Depois a região foi dominada pelos persas, somente para estes serem, por sua vez, derrotados por Alexandre, o Grande, em 332 A.C. Foi então que Gaza tornou-se uma cidade helenista. Durante o período romano, a mesma tornou-se um centro da Igreja cristã. As tradições afirmam que Filemom, a quem Paulo escreveu uma das epístolas do Novo Testamento, foi o primeiro pastor ou bispo de Gaza. A única referência a essa cidade, no Novo Testamento, fica em Atos 8:26, onde se menciona uma estrada que ia de Jerusalém a Gaza. Diodoro (19,80), referiu-se a uma antiga Gaza; e também pode ter havido uma nova Gaza, construída ligeiramente mais ao sul da cidade original. Josefo refere-se a Gaza como uma das cidades costeiras (Anti. 14:4,4), sendo bem provável que ele estivesse aludindo à nova cidade. É possível que as palavras que encontramos nesse trecho do Novo Testamento, «este se acha deserto», seja uma alusão à estrada que atravessava o deserto, e que ia até Gaza. Estrabão (16.2, 30) também disse que Gaza ficara deserta (no grego, *éremos*), após a sua destruição por parte das tropas de Alexandre, o Grande; mas é provável que ele se tenha equivocado, querendo referir-se a Alexandre Janeu.

Em 66 D.C., Gaza foi atacada e destruída por um contingente de judeus rebeldes, segundo nos diz Josefo (Guerras 11.18,1). Porém, visto que chegaram até nós moedas pertencentes ao período de 68 a 74 D.C., temos de concluir ou que essa destruição foi parcial, ou que não demorou a ser reconstruída a cidade. Nos séculos II e III D.C., a cidade era um próspero centro da cultura greco-romana. A Igreja cristã tinha ali um de seus centros de atividade. No entanto, os árabes ocuparam-na em 634 D.C. O segundo califa, Omar I, governou e prosperou ali. O túmulo de Hasim, o bisavô de Maomé, está localizado ali, de acordo com uma tradição islâmica. Al-Shaff'i, o principal sistematizador da lei islâmica, nasceu ali, em 767 D.C. Durante as cruzadas, o lugar foi temporariamente cristianizado de novo, e foi ali erigida a chamada igreja de São João. Entretanto, a cidade tornou a cair nas mãos dos árabes e, posteriormente, esse templo cristão tornou-se a atual grande mesquita islâmica da cidade.

Os turcos conquistaram a cidade em 1517. Napoleão conquistou-a em 1799. Os britânicos dominaram-na durante a Segunda Guerra Mundial. Durante o mandato britânico sobre a Palestina, Gaza tornou-se a sede do governo do distrito do mesmo nome. Terminado esse mandato, o exército egípcio ocupou o lugar, em 1948. Em uma área com apenas trezentos e noventa quilômetros quadrados, tornou-se o abrigo de cerca de duzentos e cinqüenta mil refugiados árabes, que passaram a ocupar a área juntamente com seus oitenta mil habitantes originais. De acordo com os termos da Resolução da Partilha da Palestina, das Nações Unidas, de 29 de novembro de 1947, Gaza e suas cercanias haveriam de formar parte de um estado árabe palestino, mas, os conflitos que houve pouco depois impediram essa realização. A chamada Faixa de Gaza continuou sob o controle dos egípcios até 1967, quando, novamente, passou para as mãos do estado de Israel. Sua população atual é de cerca de meio milhão de habitantes.

Nenhuma pesquisa arqueológica de vulto tem sido possível em Gaza. Ver o artigo geral sobre *Filisteus, Filístia*. (AM PRI SMI)

GAZALI, AL

Ver **Al-Gazali**.

GAZÃO

Vem de uma palavra hebraica derivada do termo que significa «lagarta» (ver Amós 4:9). Esse foi o nome de um dos chefes de uma família de netinins que foi o nome que retornaram após o cativo babilônico, em companhia de Zorobabel (em 536 A.C.), e que fixaram residência em Jerusalém. Ver Esd. 2:28; Nee. 7:51. A forma variante *Gazera* aparece em I Esdras 5:31.

GAZARA

Ver sobre **Gezer**.

GAZELA

No hebraico, **tsebi**, «gazela». Esse mamífero é mencionado por catorze vezes (ver Deu. 12:15, 22; 14:5; 15:22; II Sam. 2:18; I Reis 4:23; I Crô 12:8; Pro. 6:5; Can. 2:1,9,17; 3:5; 8:14 e Isa. 13:14). Trata-se de um antilope pequeno, de formas graciosas, com chifres recurvos e olhos grandes e gentis (gênero *Gazella*). Até hoje é comum no norte da África e na Arábia. Já foi comum em muitas regiões da Palestina e países adjacentes, mas agora o local mais próximo dali, onde aparece, é o Curdistão. Ver *Veado*, quanto à discussão geral a respeito desse animal.

GAZER

Ver sobre **Gezer**.

GAZERA

Ver I Macabeus 4:15; 7:45 e 13:43. Esse é um dos nomes alternativos da cidade de *Gezer* (vide). Em Esdras 2:48 e Nee. 7:51, essa cidade aparece com o nome de *Gazão* (vide).

GAZEZ

Esse nome vem de um termo hebraico que, provavelmente, significa «tosquia» ou «tosquiador». Esse é o nome de duas personagens, referidas no Antigo Testamento, em um único versículo, I Crônicas 2:46.

1. Um filho de Calebe por meio de Efé, sua concubina. Viveu por volta de 1520 A.C.

2. Um neto de Calebe, filho de Jefuné. Esse Gazez era filho de Harã. Viveu por volta de 1500 A.C.

Uma outra opinião é que a palavra «Gazez» pode referir-se a uma família calebita derivada de um filho ou irmão de Harã. Essa é a opinião de muitos comentadores modernos, em contradistinção à idéia exposta em «um» e «dois», acima, de que seriam dois homens com esse mesmo nome, um filho e outro neto de Calebe.

GEADA

No hebraico, **qerach**. Essa palavra significa «cristal», «gelo» e «geada». Nesse último sentido aparece por três vezes: Gên. 31:40, Jó 37:10 e Jer 36:30. Há uma outra palavra hebraica, *chanamal*, que também tem sido traduzida por «geada», em algumas traduções, mas que, na realidade, significa «saraiva». Ver Salmos 78:47, onde a nossa versão portuguesa a traduz por «chuvas de pedra».

Uma segunda palavra hebraica é *kephor*, «geada», que também figura por três vezes: Êxo. 16:14; Jó 38:29 e Sal. 147:16. Essa palavra vem de um verbo que significa «cobrir», podendo referir-se a geada verdadeira, ao gelo ou à neve.

Uma leve camada de geada é freqüente em certos períodos do ano, na Palestina. Assim, sobre a superfície de uma lagoa, aparece uma camada fina de gelo. O clima, na região, é bastante divergente. A neve precipita-se nos lugares mais elevados, embora não em quanti-

dade e nem freqüentemente. Além disso, há regiões de deserto nas terras baixas.

A geada forma-se quando a temperatura cai subitamente, por causa de correntes de vento e massas de ar. No clima da região da Palestina também caem a saraiva, a neve e o orvalho gelado.

GEAZI

Há quem pense que, no hebraico, o nome significa «negador» ou «diminuidor», mas outros pensam que significa «vale da visão». Esse foi o nome de um servo especial e de confiança de Eliseu. Ele é mencionado por doze vezes, pelo seu próprio nome: II Reis 4:12,14,25,27,29,31; 5:20,21,25; 8:4,5.

A história relatada sobre ele, nas Escrituras, em cada lance acompanha incidentes da vida de seu senhor. Os incidentes específicos, relacionados a ele, são os seguintes:

1. Em I Reis 4, Geazi sugere a Eliseu que a melhor maneira de recompensar a mulher sunamita, por sua bondade e gentileza, seria prometer-lhe um filho. Com o tempo, nasce o menino; mas, quando já andava, a criança morre. Geazi é enviado pelo profeta a fim de deitar o cajado de profeta sobre a criança, na esperança de fazê-la reviver. Mas isso não funcionou, pelo que Eliseu precisou ir pessoalmente, a fim de ressuscitar o garoto.

2. Em II Reis 5, lemos a narrativa sobre a cura da lepra de Naamã. Este desejou recompensar Eliseu com dinheiro, mas o profeta não estava interessado no dinheiro. Em um momento de cobiça, Geazi resolveu ficar com o dinheiro para si mesmo. Por essa razão, ele foi atrás do general sírio, dizendo-lhe, mentirosamente, que Eliseu havia mudado de parecer. Geazi ficou com o dinheiro, mas, logo em seguida, foi castigado apanhando lepra. Não obstante, foi declarado limpo, e pôde continuar em companhia de seu senhor. Não sabemos dizer se ele foi afetado ou não pela verdadeira lepra, porquanto várias afecções da pele, chamadas de «lepra» no Antigo Testamento, não eram a verdadeira lepra. Os antigos não tinham meios para classificar de modo estrito as enfermidades.

3. Em II Reis 8:1-6 encontramos Geazi a narrar ao rei Jorão os grandes feitos de Eliseu, bem como as operações da providência de Deus. Sucedeu que enquanto a narrativa estava sendo feita, a mulher cujo filho tivera sua vida restaurada apareceu diante do rei reclamando suas terras e sua casa que lhe haviam sido usurpadas, enquanto ela estivera ausente, durante um período de fome. O rei ficou impressionado pela coincidência e atendeu-a sem tardança. Na verdade, existem coincidências significativas. Ver o artigo sobre o Acaso.

GEBAL

No hebraico, «colina», «altura». Em algumas traduções aparece com a forma de *Gaba*. Ver Jos. 18:24; Esd. 2:26; Nee. 7:30. Esse era o nome de uma cidade do território de Benjamim, a nordeste de Gibeão e a leste de Geba. Foi entregue à tribo de Levi (Jos. 21:17; I Crô. 6:60). O local foi usado como acampamento, por Saul e Jônatas, quando se opunham aos filisteus, localizados em Micmás (I Sam. 13:16). Davi combateu esses mesmos adversários, nesse mesmo lugar (II Sam. 5:25). Em Esdras 2:26 e Neemias 7:30, o nome é dado em relação àqueles que retornaram do cativeiro babilônico. Os benjamitas vieram a residir ali, após o exílio babilônico. E dali saíram cantores que ajudaram na dedicação do novo templo de Jerusalém (Nee. 10:29). Todavia não deveria ser confundida com a Gibeá de I Sam. 13:3. Os eruditos identificam-na com a moderna Jeba, a onze quilômetros a nordeste de Jerusalém e a três quilômetros a leste de Ramá.

GEBAL

No hebraico, uma **linha**, Provavelmente indica uma «fronteira». Esse é o nome de uma cidade e de um distrito, referidos nas páginas do Antigo Testamento.

1. A cidade chamada por esse nome era uma antiqüíssima cidade fenícia, cujos habitantes dedicavam-se ao comércio por todo o mar Mediterrâneo. Modernamente é chamada Bebeil, cerca de quarenta

quilômetros ao norte de Beirute. Essa cidade é mencionada somente em Jos. 13:5 e I Reis 5:18. O nome grego dessa cidade era Biblos, isto é, «livro», visto que ali se fabricava um tipo de papel, feito com canas de papiro. No trecho de Jos. 13:5 encontramos o vocábulo «gibleus», que eram os habitantes de Gebal. Em I Reis 4:18 aprendemos que Salomão contratou dali certos pedreiros, para que ajudassem na construção do templo de Jerusalém. Também eram peritos construtores de navios e marinheiros (Eze. 27:9). Populações dessa área ajudaram na colonização da área do mar Mediterrâneo. Ver o artigo separado sobre a *Fenícia*. Os fenícios, naturalmente, eram cananeus. Ver sobre *Canaã e Cananeus*. O comércio era muito ativo entre esse lugar e o Egito, e as embarcações empregadas nesse intercâmbio eram chamadas viajantes *de Biblos*. Os artigos importados eram equipamentos para a construção de navios, madeiras para construção e para móveis, pinho, cedro para muitos usos, incluindo para a feitura de esquifes de múmias, resinas para mumificação, etc. As importações incluíam o papel, vasos de ouro e de prata, perfumes, tecidos de linho, cordas e couros de gado vacum. A lenda do sacerdote Wen-Amon menciona o couro como um dos produtos envolvidos no comércio que estava sendo promovido entre o Egito e Biblos, em cerca de 1100 A.C. As cartas de Tell el-Amarna também mencionam esse comércio entre o Egito e Biblos. As escavações arqueológicas têm mostrado que esse lugar vinha sendo ocupado pelos homens desde cerca de 5000 A.C. O sarcófago de Airão, rei de Biblos, tem inscrições alfabéticas, as quais foram um estágio dentro do desenvolvimento do alfabeto fenício.

Dados Históricos. A arqueologia tem mostrado que essa área vinha sendo ocupada desde os tempos neolíticos, ou seja, desde o quinto milênio A.C. Desse remoto período foram encontradas ruínas de muralhas antigas, um castelo e um templo. Ali havia vilas, bem como por toda a parte ocidental da Ásia, já nesse tempo. Na era calcólica posterior, Gezer e Gebal tinham uma população que vivia em cabanas circulares ou retangulares. Eles usavam prata nos seus enfeites, e sepultavam seus mortos em grandes urnas de barro.

No quarto milênio A.C., havia um florescente comércio entre essa região e o Egito. Inscrições em selos evidenciam que as rotas comerciais atravessavam a Palestina e a Síria.

Em cerca de 2800 A.C., Gebal foi incendiada, embora não muito depois tivesse sido reconstruída. Isso sucedeu durante a época do antigo reino do Egito. Gebal era uma virtual colônia do Egito, um lugar-chave para seu comércio exterior e também para suprimento de cedros vindos do Líbano. O templo de Baaltis foi erigido durante esse tempo, e o Egito tinha participação ativa no culto que ali se processava.

Pelos fins do terceiro milênio A.C., já havia sido desenvolvida uma escrita silábica em Gebal, que utilizava hieróglifos egípcios adaptados. Inscrições feitas sobre chapas de cobre nos dão idéia desse tipo de escrita. Os nomes pessoais e locativos envolvidos são semíticos, provavelmente amorreus.

O Egito desfrutou de sua era mais próspera durante o reino médio (XII Dinastia). Nesse tempo, a maior parte da Palestina, incluindo a área de Gebal, esteve sobre o domínio egípcio, e Gebal servia como colônia egípcia. Era importante como entreposto comercial.

As chamadas cartas de Tell el-Amarna incluem mais de cinqüenta missivas que o rei Ribadi, de Gebal, enviou ao Faraó, rei do Egito. Ele permanecia fiel ao Egito. Foi nesse período histórico que os *habiru* (hebreus) estavam conquistando a terra de Canaã.

Na época de Ramses II (cerca de 1290-1224 A.C.), Gebal, além de suas atividades comerciais, também atuava como fortaleza de fronteira para a província egípcia de Canaã. Os povos do mar (vide) destruíram essa cidade em 1194 A.C., quando estavam a caminho do Egito, contra o qual guerrearam. Isso debilitou o Egito, afrouxando o seu domínio sobre a região de Gebal.

O poder assírio dominou todo o mundo antigo e, sob os monarcas Assurnasirpal (883 - 859 A.C.), Tiglate-Pileser III (745 - 727 A.C.), Senaqueribe (705 - 681 A.C.), Esar-Hadom (681 - 669 A.C.) e Assurbanipal (669 - 627 A.C.), Gebal foi submetida a essa potência estrangeira, tendo sido forçada a pagar tributos.

À medida que outros poderes mundiais foram surgindo, como a Babilônia, a Pérsia, a Grécia e Roma, a cidade de Gebal, com toda a área em derredor, tornou-se, sucessivamente, sujeita a cada um deles. Também há ruínas de um castelo construído pelas cruzadas, no século X D.C.

2. Indicando um distrito geográfico, esse nome aparece em conexão com Amom, Amaleque, Moebe e Edom. A única referência bíblica a esse distrito fica em Sal. 83:7, estando em foco uma área ao sul do mar Morto, perto da cidade de Petra, em Edom. Essa região, a nordeste de Edom, também era conhecida por Temã. Os habitantes da região se aliaram aos moabitas e aos árabes, contra Israel.

GEBER

No hebraico, «guerreiro» ou «forte». Esse é o nome de duas personagens que figuram nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. Geber, filho de Uri (I Reis 4:19), que estava encarregado do distrito de Gileade, da parte oriental do rio Jordão e do sul de Ramote-Gileade. Alguns eruditos supõem que esse Geber, e o de número «dois», abaixo, teriam sido o mesmo indivíduo. Viveu em torno de 1020 A.C.

2. Ben-Geber (I Reis 4:13). Foi um dos oficiais de Salomão, encarregado de prover suprimento alimentício para a corte real. Foi governador do distrito de Ramate-Jair e o distrito de Argobe. Se não era o mesmo homem do número «um», acima, então era filho daquele. Viveu por volta de 1000. A.C. Por um erro tipográfico, lemos *Ben-Geder* em nossa versão.

GEBIM

No hebraico, «fontes», «cisternas», «valetas». Esse nome refere-se a uma aldeia do território de Benjamim, mencionada na lista de lugares conquistados pela Assíria. Esse nome ocorre exclusivamente em Isa. 10:31. Ficava localizada entre Mademena e Nobe. Eusébio, em seu *Onomasticon*, identificou a cidade de *Geba* com essa localidade, o que seria o moderno *wadi el-Gib*; mas há muitas dúvidas quanto a tal identificação. Outras sugestões são Khirbet ed-Duweir e Bath el-Battash, embora não haja certeza sobre coisa alguma. Comparar com *Gobe*.

GEDALIAS

No hebraico, «Yahweh é grande», ou então «engrandecido por Yahweh». Esse foi o apelativo de cinco personagens referidas no Antigo Testamento, a saber:

1. Um filho de Jedutum e seu segundo auxiliar no coro de levitas organizado por Davi para os cultos religiosos do templo de Jerusalém. Seu nome ocorre somente em I Crô. 25:3,9. Viveu por volta de 960 A.C.

2. Um filho de Amarias e avô do profeta Sofonias (Sof. 1:1). Viveu em torno de 635 A.C.

3. Um filho de Pasur, um daqueles que faziam oposição ao profeta Jeremias (Jer. 38:1-3). Viveu por volta de 590 A.C.

4. Um sacerdote da época de Esdras, que se casara com uma mulher estrangeira e teve de se divorciar dela após o exílio (Esd. 10:18). Viveu em torno de 456 A.C.

5. O filho de Aicão e neto de Safã, secretário do rei Josias. Foi nomeado governador de Judá, por Nabucodonosor, após a destruição de Jerusalém, em 583 A.C. Seu nome ocorre por vinte e sete vezes: II Reis 25:22-25; Jer. 39:14; 40:5-9, 11,16; 41:1-4,6,9,10,16,18; 43:6. Isso ocorreu quando o poder da Babilônia atingira o seu ponto culminante. Seu pai fora um homem moderado, que havia protegido Jeremias, e os babilônios julgaram que ele daria continuidade à política de seu genitor, pelo que lhes pareceu aceitável como governador nomeado. Ver Jer. 26:24. De fato, herdou a moderação de seu pai e o respeito por Jeremias (Jer. 40:5 ss). Nebuzaradã ordenou-lhe que protegesse o profeta (Jer. 39:11-14). Gedalias estabeleceu o seu governo em Mispa, para onde tinham acorrido muitas pessoas, em face

do avanço do exército babilônico. Ele procurou ajudar àqueles que haviam fugido, evitando envolvimento e intrigas políticas e militares. Por essa razão, rejeitou o esquema de Joanã, filho de Careá, pare assassinar Ismael, filho de Netenias. Todavia, a moderação de Gedalias não impediu que fosse envolvido nos acontecimentos em um período de grande violência. Após somente dois meses de governo, ele e muitos líderes judeus e soldados babilônicos, ali acampados, foram mortos por Ismael. Os judeus sobreviventes fugiram para o Egito, a fim de tentarem escapar da indignação dos babilônios, que certamente se faria sentir em breve. Jeremias foi forçado a acompanhá-los ao Egito. Esse evento pôs fim a todas as esperanças de Israel poder manter qualquer forma de independência, sob o domínio da Babilônia. O que restava do povo de Israel agora achava-se na própria Babilônia, até após o retorno do exílio babilônico, quando começou uma nova fase na história do povo de Israel. A tradição judaica honra Gedalias, lembrando o seu nome com um dia de jejum. Essa celebração ocorre no terceiro dia do mês de *Tisri*, que teria sido a data de seu falecimento. Ver Zac. 7:5, 8:19. Foi encontrado um selo em Laquis, com a seguinte inscrição: «De Gedalias, que está sobre a casa».

GEDER

No hebraico, «murada». Foi uma cidade real dos cananeus, conquistada por Josué. É mencionada somente em Josué 12:13, em toda a Bíblia. Ficava perto de Debir (vide). Alguns a têm identificado com Cedor (vide). Essa cidade ficava localizada na planície de Judá, na vertente ocidental da região montanhosa de Judá, na Sefelá. Um cidadão dessa localidade, chamado de «o gederatita», e cujo nome pessoal era Jozabade, é mencionado em I Crônicas 12:4. Ele se aliou a Davi, em Ziclague. Porém, outros estudiosos pensam que sua terra natal era *Gederá* (vide), no território de Benjamim. Assim sendo deveria ser identificada com a moderna Jidireh ou com a Khirbet Gudeira, embora não haja certeza quanto a isso.

GERERÁ

No hebraico, «curral de ovelhas». Nome de uma cidade de Judá. Essa palavra reflete a forma feminina de Geder (vide). É mencionada somente em Jos. 15:36. E a forma plural desse nome é Gederote (Jos. 15:41). Era um dos catorze locais da Sefelá (colinas baixas), alistados em Jos. 15:33-36. Era local do nascimento de certos artífices habilidosos que serviam como oleiros do rei (I Crô. 4:23). Vários locais modernos têm sido sugeridos como a identificação certa, principalmente Jidiré, cerca de seis quilômetros e meio a noroeste de Zorá e Estaol. Todavia, nada podemos dizer de certo quanto a isso. Interessante é observar que a *Gadara* (vice) do Novo Testamento, provavelmente, emprestou seu nome da antiga palavra hebraica que está sendo discutida.

GEDERATITA

Ver sobre **Geber**.

GEDERITA

Um nativo do Geder ou do Gedorá (vide). Era um epíteto de Baal-Hanã, um homem que foi nomeado por Davi como supervisor de seus bosques de oliveiras e de sicómoros, nas planícies baixas de Judá (I Crô. 27:28). Deve ter vivido em torno de 1000 A.C.

GEDEROTAIM

No hebraico, «dois currais de ovelhas». O trecho do Josué 15:33-36 menciona catorze cidades, e essa é a última delas. A Septuaginta traduz por «Gederá e seus currais de ovelhas», dando a entender que não haveria qualquer lugar distinto (em contraste com Gederá, vide). Mas isso seria tradução do hebraico Gederothaim, e não Gederothaim, conforme diz o texto massorético. Se porventura tratava-se de uma cidade distinta, então podemos presumir que ficava perto de Gederá; porém, não podemos dizer mais do que isso.

GEDEROTE

Essa é a forma plural de **Gederá** (vide). Significa «currais de ovelhas». Aparece na lista de cidades que figuram em Jos. 15:37-41, ou seja, as cidades a sudoeste de Jerusalém. Era uma cidade da planície de Judá, que os filisteus tomaram do rei Acaz (II Crô. 28:18). Parece que Gederote não é o mesmo lugar que Gederá. Sua localização geral pode ser determinada por sua associação com outras cidades mencionadas naquela lista. Alguns eruditos têm-na identificado com a *Gedrom* do período dos Macabeus (I Macabeus 15:39; 16:9). Esta tem sido identificada com a moderna cidade de Qatra, mas esta parece ficar por demais para o ocidente. Nada certo pode ser dito a respeito.

GEDOR (CIDADES)

No hebraico, «muralha». Esse era o nome de várias cidades aludidas no Antigo Testamento, a saber:

1. Uma antiga cidade dos montes de Judá (Jos. 15:58), a pouca distância de Hebron. Parece que Penuol, pai de Gedor (ver abaixo), foi o fundador dessa cidade. Comparar com I Crô. 4:4. Ela tem sido identificada com Khirbet Gedur, perto de Belém. Talvez fosse a cidade em que habitava Josabade, o gederatita (I Crô. 12:4). Alguns de seus habitantes se aliaram a Davi, em Ziclague, quando ele fugia de Saul (I Crô. 12:7). Entretanto, outros estudiosos pensam que se tratava de uma cidade distinta. Se era uma localidade distinta (Jos. 15:58 e I Crô. 12:7), não relacionada ao mesmo lugar, então poderia ser identificada com a moderna Khirbet Gadeirah, a norte de El Jib.

2. Uma cidade de Benjamim (I Crô. 12:7), discutida sob o primeiro ponto, acima.

3. Uma cidade de Judá (I Crô. 4:18), que talvez deva ser identificada com a de número «um», acima.

4. Uma cidade que, ao que parece, ficava ao sul dos montes de Judá, circundada por férteis pastagens, e que antes havia sido ocupada pelos amalequitas. Ver I Crô. 4:39.

GEDOR (INDIVÍDUO)

No hebraico, «muralha». Esse era o nome de um filho de Jeiel, de Gibeom. Ele era benjamita, antepassado do rei Saul (I Crô. 8:31 e 9:37). Ele viveu por volta de 1100 A.C.

GEENA

No hebraico, «vale do Hinom». Era um vale a sudoeste de Jerusalém, onde, antigamente, era praticada a adoração a Moloque (II Reis 23:10). Com o tempo, o local tornou-se o monturo da cidade, onde havia fogo a queimar continuamente o lixo. Esse nome, pois, tornou-se símbolo da punição futura (I Esdras 27:3; II Esdras 7:36). Os apocalipses judaicos deram ao mundo religioso as suas *imagens* sobre o juízo. Tais imagens vieram a repousar, de modo literal e popular, nas descrições do julgamento futuro. Em alguns lugares, o Novo Testamento incorporou essas descrições. Daí, obtemos a idéia de chamadas literais como a forma de julgamento futuro. Além disso, a palavra Geena tem sido traduzida por «inferno», em muitas traduções, nos trechos de Mat. 5:22,28,30; 10:28; 18:9; 23:15,33; Mar. 9:43,45,47 e Luc. 12:5. Também podemos supor que a Geena equivale ao «lago do fogo», referido em Apo. 19:20; 20:10,14,15. Ver o artigo separado sobre o *Lago do Fogo*, uma imagem que também foi tomada por empréstimo dos livros pseudépígrafos. As pessoas que insistem que as chamadas em questão devem ser entendidas literalmente, também insistem que os vermes do texto do nono capítulo de Marcos também são literais.

O **Julgamento** (vide) não se torna menos literal se interpretarmos as chamadas e os vermes de modo figurado. Por outro lado, deveríamos ser sábios o suficiente para reconhecer que as descrições dos livros pseudépígrafos sobre o julgamento final, o que, em alguns trechos são refletidas no Novo Testamento, não têm a palavra final acerca do juízo divino. Assim o trecho de I Pedro 4:6 refere-se a um julgamento

remedial, de tal modo que podemos afirmar que a ira de Deus é um dedo da Sua amorosa mão, pois o julgamento tanto é retributivo quanto é remedial. Cristo, em sua descida ao *hades*, levou a mensagem do evangelho àquele lugar, universalizando a oportunidade de salvação, embora nem todos aceitem a oferta. Ver o artigo sobre a *Descida de Cristo ao Hades*. O mistério da vontade de Deus consiste em restaurar aos não-remidos, formando uma unidade em torno de Cristo (Ef. 1:9,10,23). O julgamento final desempenhará certo papel, para efetuar esse grande alvo, visto que Deus pode fazer melhor certas coisas, através do julgamento, do que através de qualquer outro meio. Minha opinião sobre essa questão aparece no artigo geral sobre a *Restauração*. O julgamento será tão severo e exato quanto tiver necessidade de ser e, em seu aspecto punitivo, perdurará por tanto tempo quanto tiver de sê-lo, a fim de produzir o mistério da vontade de Deus. Essa é a esperança que o evangelho nos apresenta, a qual tem sido obscurecida mediante a insistência sobre a preservação do ponto de vista das obras pseudépígrafas sobre o julgamento. Mas a revelação bíblica vai além desse ponto, apresentando grandes possibilidades de alegria para toda a humanidade.

Visto que somente uma pequena minoria finalmente virá a ser *remida* (ao passo que todos os outros serão meramente *restaurados*), o julgamento prosseguirá para sempre, porquanto terá sido perdido aquilo que poderia ter sido ganho (a salvação, na forma de participação na natureza divina; ver II Ped. 1:4; Col. 2:10). Isso constituirá uma perda indescritível, não sendo uma perda desprezível. Não obstante, a graça de Deus é realmente profunda e ampla, provendo uma outra operação sobre as almas, através de Cristo, certamente também gloriosa e magnificente, embora fique muito aquém da obra da salvação. Por quanto tempo o dia da redenção haverá de continuar é uma questão de pura especulação. A narrativa bíblica sobre a descida de Cristo ao *hades* assegura-nos que a morte biológica do indivíduo não assinala o fim de sua oportunidade. Minha própria opinião é que essa oportunidade continuará pelos ciclos da eternidade e também que os homens que não foram remidos serão diversificados em várias espécies do ser, os quais não participarão da natureza divina (o que chamamos de «salvação»). Isso posto, essa participação é impedida pela evolução espiritual do próprio indivíduo, que não atinge o ideal do plano remidor. Todavia, mediante o propósito restaurador de Deus, que faz parte do mistério de sua vontade, haverá uma certa recuperação dos perdidos, mesmo que eles jamais cheguem ao nível espiritual dos salvos. O primeiro capítulo da Epístola aos Efésios certamente indica que muitas eras estarão envolvidas em todo esse processo. Eis a razão pela qual tenho especulado que estamos tratando de espécies espirituais e de um processo evolutivo espiritual. Para que uma alma humana venha a participar da natureza divina, têm de ocorrer grandes transformações metafísicas, a fim de que seja obtida uma natureza totalmente diferente. Espelho, pois, que o mesmo tipo de processo assinalará o que sucede às almas não remidas, posto que isso venha a envolver essência e natureza diferentes das dos remidos. O trecho de II Cor. 3:18 certamente refere-se a muitos ciclos de evolução espiritual, sempre atingindo estados superiores de glória. Visto que há uma infinidade com que seremos enchidos, sem dúvida também haverá um enchimento infinito. O que é finito jamais chegará a compartilhar da infinidade de Deus, mas poderá ir-se aproximando cada vez mais da infinidade divina, desfrutando de uma crescente plenitude, interminavelmente. Conhecemos pouquíssimo sobre essas questões, embora alguns de nossos conceitos revistam-se de tremendas implicações. E o que sabemos ultrapassa em muito as antigas idéias de estagnação, de um céu fixo para os remidos e de um inferno fixo para os perdidos. Essas idéias simplificam demasiadamente as questões envolvidas e nada nos esclarecem quanto às futuras operações da vontade de Deus, conforme elas são sugeridas, por exemplo, em Efésios 1:9,10. Tenho a confiança de que a missão de Cristo, com base no amor universal de Deus, realizará, finalmente, muito mais do que certos ramos da cristandade estão antecipando atualmente. Em caso contrário, então o amor

de Deus realmente é limitado, seu plano apresenta defeitos, e a missão de Cristo falhou quase inteiramente. Ver o artigo separado sobre Hinom.

GELIOTE

No hebraico, «círculos». Esse era o nome de uma localidade existente nas fronteiras do território da tribo de Benjamim, mencionada somente em Jos. 18:17. Ficava no extremo sul da tribo de Benjamim. Na descrição da fronteira norte da tribo de Judá, a mesma localidade aparece como Gilgal, em Jos. 15:7. Por esse motivo, alguns estudiosos pensam que Gilgal é a forma correta do nome. No entanto, essas duas passagens abordam possessões de duas tribos diferentes, pelo que os versículos envolvidos não falam sobre a mesma coisa. A palavra Gilgal significa «círculo», provavelmente, referindo-se a algum círculo feito de pedras, que assinalava um local, talvez uma fronteira. Provavelmente a palavra Geliote era usada em sentido topográfico, para indicar «fronteiras» ou «área», não havendo uma cidade com esse nome específico.

GELO

No hebraico, **qerach** ou **qorach**, que aparece por apenas três vezes no Antigo Testamento: Jó 6:16; 38:29 e Sal. 147:17, com esse sentido, embora também signifique «geada» e até «cristal». Com o sentido de «geada», também ocorre por três vezes, a saber: em Gen. 31:40; Jó 37:10 e Jer. 36:30. E, com o sentido de «cristal», é usada por uma vez, em Eze. 1:22. O sentido literal dessa palavra hebraica é «liso». Os povos do extremo norte da terra sem dúvida apreciariam o sentido dessa palavra hebraica para «gelo», pois sabem que o gelo é liso e escorregadio, provocando muitas quedas e acidentes durante os meses de inverno.

Na Palestina, a neve depositada no inverno pode atingir cerca de sessenta centímetros de espessura, na cadeia montanhosa central. Isso é, realmente, muito pouco, em comparação com o que sucede nos países mais próximos do círculo ártico. Em Jerusalém, mui ocasionalmente a água gela. Em Ezequiel 1:22, a mesma palavra hebraica é usada para indicar «cristal», visto que muitos antigos supunham que o cristal de rocha (um minério), seria apenas água permanentemente congelada. Em Jó 6:16, a palavra é usada figuradamente, para descrever amigos traiçoeiros. Esses são como torrentes de água, turvas de gelo. O gelo pode simbolizar a indiferença, a hostilidade, o perigo, a ausência de vida, alguma ameaça à vida, a estagnação, os obstáculos à vida, embora também envolva a idéia de preservação, visto que o frio extremo pode ser usado com esse propósito.

GEMALI

Talvez «condutor de camelos», embora muitos estudiosos preferam pensar em um sentido incerto. Era o nome do pai de Amiel, príncipe ou dirigente de Dã, que se achava entre os espias escolhidos para explorar a terra de Canaã, antes da entrada do povo de Israel ali (Núm. 13:12, única ocorrência do nome). Viveu em torno de 1490 A.C. Foi um dos dez espias a dar um relatório pessimista do que viram na terra de Canaã. Em resultado, não teve permissão de entrar na Terra Prometida, mas pereceu no deserto.

GEMARA

Ver o artigo geral sobre o **Talmude**. A palavra *Gemara* vem do árabe e significa «aprendizado». É usada para referir-se aos comentários dos eruditos rabínicos da *Mishna* (*vide*), que era o código das leis judaicas, formulado pelo famoso rabino Judá I, o patriarca de seus colegas, no começo do século III D.C. Esse código tornou-se o livro de texto das academias palestinas e babilônicas. As discussões orais e escritas desse código foram recolhidas e reduzidas a um escrito posto em boa ordem. Chegaram até nós sob a forma de um Talmude palestino e de um Talmude babilônico. O primeiro originou-se nas academias da Terra Santa, nos séculos III e IV D.C.; e o segundo, nas

academias da Babilônia. nos séculos III, IV e V D.C. O *Talmude* inclui tanto a *Mishna* quanto os *comentários*, isto é, a *Gemara*. Os mestres da *Gemara* eram chamados *Amoraim* (intérpretes). Muitos deles abordavam materiais que comentavam como se fossem materiais inspirados. Isso significa que haveria o Antigo Testamento inspirado, e também as tradições relativas ao mesmo, igualmente consideradas inspiradas.

GEMARIAS

No hebraico e no aramaico, «Deus aperfeiçoou», ou *Yahweh* fez acontecer. Esse era o nome de quatro pessoas mencionadas na Bíblia:

1. Um filho de Milquias, enviado pelo rei Zedequias a Nabucodonosor, que levou uma mensagem de Jeremias aos judeus cativos na Babilônia (ver Jer. 29:3). Tal comunicação advertia-os acerca de falsos profetas, que os iludiam com promessas de pronto retorno à sua própria pátria. Viveu em torno de 590 A.C.

2. Um filho de Safã, escriba do templo de Jerusalém nos dias de Jeoaquim. Baruque leu em voz alta as profecias de Jeremias, aos ouvidos do povo, na câmara de Gemarias, vinculada ao novo portão do templo, construído pelo rei Jotão (Jer. 26:10; ver também II Reis 15:35). Micaías, filho de Gemarias, tendo relatado o acontecido a seu pai, produziu as circunstâncias em que Baruque foi convidado a repetir a leitura daquelas profecias, dessa vez no palácio real. Na reunião que então houve, outros escribas e conselheiros estavam presentes, os quais narraram todas essas questões ao rei. Ver Jer. 26:10-24. Isso aconteceu em cerca de 607 A.C.

3. O filho de um certo Hissileú, mencionado no óstraco I de Laquis um caco de barro que data da época de Jeremias. Também tinha o nome de Gemarias.

4. Um oficial militar judeu no Egito, em Elefantina, também atendida por esse nome. Ele é mencionado em dois papiros escritos em aramaico (Cowley 22 e 33). Seu pai aparece ali com o nome de ledonias.

GENEALOGIA

Ver os artigos separados sobre **Genealogia de Jesus, o Cristo, e Genealogias**.

Esboço:

- I. Definição Geral e Considerações Preliminares
- II. Usos da Palavra no Antigo Testamento
- III. A Importância dos Registros Genealógicos
- IV. Tipos de Genealogias Bíblicas
- V. As Genealogias como um Instrumento da Cronologia
- VI. Listas Genealógicas do Antigo Testamento
- VII. Listas Genealógicas do Novo Testamento
- VIII. Genealogias na Moderna Igreja Cristã

I. Definição Geral e Considerações Preliminares

Genealogia é o estudo da origem, da descendência e da relação entre famílias. Essa palavra deriva-se do grego *genos*, «raça», e *logos*, «discurso». No caso de algumas nações antigas, as genealogias revestiam-se de grande importância, pois as sociedades eram organizadas segundo linhagens tribais. Dentro da cultura dos hebreus, as genealogias preservavam as identidades tribais e as possessões sob forma de terras, sendo muito importantes para uma cultura nitidamente agrícola. Cada geração constitui um grau, sem importar se partimos de um homem para seus ascendentes ou de um homem para seus descendentes. Os pais e os filhos de um homem estão relacionados a ele no *primeiro* grau. Seus avós e seus netos estão relacionados a ele no *segundo* grau. Essa questão é muito importante para a determinação da questão de casamentos legais entre pessoas de uma mesma família. De acordo com as leis civis, irmãos e irmãs estão relacionados entre si no segundo grau, primos-irmãos, no quarto grau, e primos secundários, no sexto grau. Certas culturas também permitem casamentos entre parentes no quarto grau; mas, geneticamente falando, isso é perigoso.

A *lei canônica* considera irmãos e irmãs relacionados entre si no primeiro grau (cada qual está um grau afastado dos pais comuns). E os primos-irmãos estão relacionados no terceiro grau. O costume, nos países cristãos, tem proibido casamentos entre parentes no quarto grau, de acordo com suas leis civis. As leis nacionais mais antigas refletiam isso muito bem; mas as leis modernas mostram-se mais liberais quanto à questão. O parentesco por *afinidade* é um relacionamento criado pelos laços do casamento. Os graus de afinidade também são calculados da mesma maneira que as relações sanguíneas. Alguns povos mostram-se extremamente sensíveis para com casamentos dentro de uma mesma família. Os chineses, para exemplificar, não permitem o casamento de pessoas com o mesmo nome de família, sem importar qual o grau de parentesco.

II. Usos da Palavra no Antigo Testamento

A palavra hebraica **yahas** ocorre somente por uma vez em todo o Novo Testamento, como um substantivo, dentro da expressão *seper hayyahas*, «livro da genealogia» (Nee. 8:5). Ali, refere-se ao registro daqueles que retornaram a Jerusalém em companhia de Sesbazar, após o cativeiro na Babilônia. Em sua forma verbal, a palavra ocorre em Esdras, Neemias e Crônicas, com a idéia de «registrar-se mediante uma genealogia». Ver Esd. 2:62; 8:1,3; Nee. 7:5,64; I Crô. 4:33; 5:1,7,17; II Crô. 4:33; 5:1,7,17; 7:5. O termo hebraico *toledot*, «geração», é usado no sentido de «história genealógica». O termo pode referir-se a linhas familiares específicas, ou então pode ter o sentido vago como registro geral de nomes, sem especificar quaisquer relações de família.

III. A Importância dos Registros Genealógicos

Os hebreus davam grande importância às genealogias, conforme vimos no primeiro ponto, acima. Seus registros contêm genealogias que se estendem por um período de mais de três mil e quinhentos anos, desde a história da criação de Adão até o cativeiro de Judá (cativeiro babilônico). Além disso, na obra de Esdras-Neemias vemos a mesma preocupação, referente ao período após o cativeiro.

O trecho de Esdras 2:63 diz, expressamente, que alguns que vieram de Jerusalém procuraram os seus registros genealógicos. Parte desse interesse consistia no desejo de preservar a função sacerdotal dentro da linhagem das famílias, segundo era especificado na legislação mosaica e na prática. A divisão da nação hebréia inteira em tribos, e a alocação de cada tribo à sua herança, na forma de território, e então pare cada família de cada tribo, como sub-herança fazia dos registros genealógicos algo de extrema importância, pois era a base econômica daquele povo voltado para as atividades agrícolas. A expectativa messiânica, descendente dos patriarcas, por meio de Davi, também era um importante aspecto do grande valor dado aos registros genealógicos. Os evangelhos de Mateus e de Lucas enfatizam esse aspecto. Era mister que Jesus fosse da casa de Davi, pois o Messias tinha de vir daquela linhagem. Ver Luc. 20:41; Mat. 1:1; 12:35; Lucas 1:27; João 7:42 e Rom. 1:3.

A Literatura rabínica afiança que, após o cativeiro babilônico, os judeus mostraram-se extremamente cuidadosos em preservar seus registros genealógicos (*Babyl. Gemar.* vol. 14:2). Josefo afirmava que era capaz de provar que descendia da tribo de Levi, mediante *registros públicos* disponíveis. Ver *De Vita Sua*, par. 998. E ele também ajunta que, a despeito dos cativeiros e dispersões sofridos por Israel, as táboas genealógicas nunca foram negligenciadas. Durante o período de dominação romana, entretanto, houve grande destruição desses registros genealógicos e a preservação das linhagens tornou-se um empreendimento privado e, sem dúvida, inexata. Também sabemos que tanto as genealogias públicas quanto as genealogias bíblicas, com frequência, envolviam muitos hiatos, alguns deles graves, pelo que consideráveis inexatidões penetraram na questão mesmo nos tempos antigos, antes do começo do cristianismo.

IV. Tipos do Genealogias Bíblicas

Há três tipos de genealogias nas páginas da Bíblia:

1. Em I Crônicas 1:1 *ss* encontramos uma simples lista de nomes. Podemos supor que essa lista seja apenas representativa e não exaustiva.

2. Em Neemias 7:5, a genealogia aparece como uma simples lista daqueles que voltaram do cativeiro babilônico, sem qualquer referência a relações de família.

3. Também existem listas detalhadas (mas algumas vezes, representativas) de listas de relações de família. Ver Gên. 5, I Crô. 6:33-43; Esd. 7:1-5; e, no Novo Testamento, como exemplo disso, Mateus (primeiro capítulo) e Luc. 3:23.

V. As Genealogias como um Instrumento da Cronologia

O arcebispo Ussher (vide), fazendo cálculos com base nas genealogias do livro de Gênesis, chegou à conclusão de que a criação teve lugar em 4004 A.C. Concedendo uma margem de erro de alguns séculos (ou mesmo milênios), muitos eruditos bíblicos têm utilizado esse tipo de cálculo. Seja como for, mediante esse cálculo, ficamos com um globo terrestre jovem demais, totalmente contrário àquilo que a ciência tem sido capaz de demonstrar. Além disso, esse método não têm como explicar por que motivo a luz continua vindo de galáxias distantes dezesseis bilhões de anos luz.

B. B. Warfield mostrou que as genealogias da Bíblia contêm hiatos («The Antiquity and Unity of the Human Race», *Studies in Theology*, 1932). As passagens de Esdras 7:1-5 e Mateus 1:1-17 contêm genealogias representativas, e não exaustivas, completas. Isso pode ser demonstrado mediante a simples comparação com os registros do Antigo Testamento. Também poderíamos indagar quantos desses registros do Antigo Testamento também são representativos, e não definitivos. Ver Gênesis 5 e 11. O estudioso conservador, Merrill F. Unger, disse sobre esse ponto: «Usar essas listas genealógicas de Gênesis a fim de calcular a data da criação do homem (cerca de 4004 A.C.), conforme fez o arcebispo Ussher, não somente é algo destituído de base, a partir do estudo comparativo das genealogias que há na Bíblia, como também é algo incontestavelmente provado como equivocado, mediante os fatos da arqueologia moderna. A duração total do período desde a criação do homem até o dilúvio, e do dilúvio até Abraão, não é especificada nas Escrituras. Que as genealogias dos capítulos quinto e décimo primeiro do livro de Gênesis são drasticamente abreviadas contendo nomes altamente seletivos, é um ponto sugerido pelo fato de que cada lista contém apenas dez nomes, de Adão até Moisés e desde Sem até Abraão. É perfeitamente evidente que a *simetria* foi o alvo na construção dessas listas genealógicas, e não uma linhagem ininterrupta de pai para filho» (no artigo «Genealogy», em *Bible Dictionary*). E esse mesmo autor continua a fim de dizer que o mesmo princípio atuou nas genealogias de Jesus, em Mateus e Lucas. Ver o artigo separado sobre a *Genealogia de Jesus, o Cristo*, como ampla demonstração desse fato.

Naturalmente, não há manipulação das genealogias que possa fazer Adão retroceder até o começo da criação da terra, porque então já estaremos manuseando com bilhões de anos e não apenas com milhares de anos. Tenho expressado tudo isso no artigo sobre a *Astronomia*, onde é discutida a imensa antiguidade da criação. Ver também sobre *Criação*, especialmente as suas seções II e VII.

Uso no antigo Oriente Próximo. A arqueologia tem mostrado que genealogias representativas, compostas de modo simétrico, eram uma prática comum entre os povos vizinhos ao povo de Israel. Na lista de reis sumérios, *Mes-kiag-Nanna* é chamado de filho de Mes-anni-padda, mas as descobertas arqueológicas têm mostrado que, na realidade, foi seu neto. A *palavra filho*, conforme se vê no vocabulário da língua hebraica, é usada frouxamente para indicar *descendente*. O rei Tiraca (cerca de 670 A.C.) refere-se a Sesostris III (cerca de 1870 A.C.), como seu pai, embora cerca de mil e duzentos anos separassem um do outro. As genealogias árabes exibem o mesmo tipo de fenômeno. Não há qualquer razão para supormos que as genealogias dos hebreus fossem diferentes das de seus vizinhos.

VI. Listas Genealógicas do Antigo Testamento

1. De Adão a Noé (Gên. 4 e 5; I Crô. 1:1-4).
2. Descendentes de Caim (Gên. 4:17-22).
3. Descendentes de Noé com as listas das nações descendentes de Sem, Cão e Jafé (Gên. 10; I Crô. 1:1-23).

4. De Sem a Abraão (Gên. 11:10-26; I Crô. 1:24-27).
5. Os descendentes de Abraão através de Quetura (Gên. 25:1-4, I Crô. 1:32,33).
6. Descendentes de Naor (Gên. 22:20-24).
7. Descendentes de Ló (Gên. 19:37,38).
8. Descendentes de Ismael (Gên. 25:12-18; I Crô. 1:29-31).
9. Descendentes de Esaú (Gên. 36; I Crô. 1:35-54).
10. Descendentes de Jacó: por meio de Lia (Gên. 46:1-6); por meio de Bila (Gên. 46:7,8); por meio de Zilpa (Gên. 46:9,10); por meio de Raquel (Gên. 46:11,12).
11. Descendentes de Rúben (Gên. 46:9; Exo. 6: 14; Núm. 26:5-11; I Crô. 5:1-10).
12. Descendentes de Simeão (Gên. 46:10; Êxo. 6:15, Núm. 26:12-14, I Crô. 4:2443).
13. Descendentes de Levi (Gên. 46:11; Êxo. 6:16-26; I Crô. 6:1-53). Encontramos aqui uma das qualificações para o sacerdócio, visto que esse ofício estava limitado de acordo com dados genealógicos.
14. Descendentes de Judá (Gên. 46:12; Núm. 26:19-22; I Crô. 2:3; 5:33, 9:4). A linhagem real, de Salomão a Josias, é ali delineada. Ver I Crô. 3:10-15.
15. Descendentes de Issacar (Gên. 46:13; Núm. 26:23-25; I Crô. 7:1-5).
16. Descendentes de Zebulom (Gên. 46:14; Núm. 26:23-25; I Crô. 7:1-5).
17. Descendentes de Dã (Gên. 47:23; Núm. 26:47-50; I Crô. 7:13).
18. Descendentes de Gade (Gên. 26:16; Núm. 26:15-18; I Crô. 5:11-17).
19. Descendentes de Aser (Gên. 46:17; Núm. 26:28-37; I Crô. 7:30-40).
20. Descendentes de José (Gên. 46:20; Núm. 26:28-37; I Crô. 7:14-27; através de Efraim e Manassés, que Jacó aceitou como seus próprios filhos, segundo se vê em Gên. 48:5,12).
21. Descendentes de Benjamim (Gên. 46:21; Núm. 26:38-41; I Crô. 7:6-12; 7:1,40; 9:8; 35:44). Essa era a linhagem de Saul (I Crô. 8 e 9).
22. Listas miscelâneas de vários indivíduos, que correspondem a certos períodos da história de Israel:
 - a. Os levitas da época de Davi (I Crô. 15:5-24)
 - b. Josafá (II Crô. 17:8);
 - c. Ezequias (II Crô. 29:12-14);
 - d. Josias (II Crô. 34:8-13), e. Zorobabel e Joaquim (Nee. 12:1-14);
 - f. Neemias (Nee. 10:2-13).
23. Registros de nomes, e não de genealogias, embora instâncias em que a palavra hebraica correspondente é empregada: listas de famílias e indivíduos que retornaram a Jerusalém, do cativo babilônico, em companhia de Zorobabel (Nee. 7:5-63; Esd. 2:2-61; 8:2-14; Esd. 10:18-43; Nee. 10:1-27; 11:4-19; I Crô. 9:3-17).

VII. Listas Genealógicas do Novo Testamento

Em Mateus 1:1 temos o termo grego *genesis* traduzido como «genealogia». Além disso, temos referências às genealogias gnósticas, que dizem respeito a supostas emanações da divindade, nada tendo a ver com as genealogias da Bíblia, em I Tim. 1.4 e Tito 3:9. O trecho de Heb. 7:6 tem a forma verbal, *geneologo*, que significa «seguir a linhagem ancestral», referindo-se ao caso de Melquisedeque, que não tinha genealogia, no tocante ao seu ofício sacerdotal.

Há somente duas genealogias reais no Novo Testamento, ambas relacionadas a Jesus, o Messias. Ver na *Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia* um artigo separado sobre isso, intitulado *Genealogia de Jesus, o Cristo*.

VIII. Genealogias na Moderna Igreja Cristã

A única denominação cristã que tem dado maior atenção a essa questão, fazendo das genealogias uma parte integral de sua fé religiosa, é a Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (os mórmons). Essa denominação tem os mais completos registros genealógicos dentre quaisquer outras organizações no mundo. Esses registros são conservados em câmaras subterrâneas, nos sopés das montanhas Rochos-

as, em Salt Lake City, estado de Utah, nos Estados Unidos da América do Norte. São instalações tão seguras que somente uma bomba atômica, diretamente atirada contra esse alvo, seria capaz de destruí-las. Os mórmons acreditam em batismo pelos mortos (I Cor. 15:29; ver uma completa exposição a respeito nas notas expositivas no NTI), supondo que isso provê mérito para os espíritos desincorporados, que poderiam ou tirar vantagem desse batismo por procuração, ou desconsiderar o mesmo (dependendo do exercício de sua livre vontade). Se um desses espíritos aceitar os méritos assim providos, poderia atingir a plena redenção, de conformidade com a doutrina mórmon. Os registros genealógicos, pois, ajudam na prática do batismo pelos mortos, substituídos por seus parentes vivos, ou mesmo por outros, sem nenhuma relação de parentesco. (ISBE ND NTI WHG Z)

GENERAL

Segundo o uso moderno, esse vocábulo refere-se à mais alta patente militar de um exército, ainda que, em alguns países, haja uma patente ainda mais elevada, a de marechal, como é o caso do Brasil. Em algumas traduções da Bíblia, o termo é usado, nas páginas do Antigo Testamento, para indicar elevados oficiais militares. Mas há traduções alternativas como príncipe, chefe, comandante, etc. Ver I Crô. 27:34; Gên. 12:15; Apo. 6:15; Atos 25:23. Talvez o cargo militar mais próximo do generalato que encontramos, nas páginas do Antigo Testamento, seja o caso de Joebe, que comandou, com notável perícia, as operações militares de Davi. Ver o artigo separado sobre ele. Ver o artigo sobre *Exército*.

GÊNESIS

O livro de Gênesis constitui a primeira seção da Tora ou Livro da Lei. Em hebreu é chamado *Bereshith* (no começo), vocábulo derivado das palavras iniciais do livro. O nome português originou-se da Septuaginta (grego *genesis*), por intermédio da Vulgata Latina. Em conformidade com o conteúdo do livro, o vocábulo "gênesis" significa "começo".

Há uma série de problemas relacionados ao livro de Gênesis que são tratados em artigos separados. Esses artigos, além de examinar os problemas, acrescentam muitas informações sobre os assuntos do livro. Talvez a maior dificuldade do livro seja a *historicidade* dos acontecimentos narrados antes do tempo de Abraão. Ver no *Dicionário* os artigos chamados *Cosmogonia*, *Cosmologia*, *Criação*, *Antediluvianos*, *Dilúvio*, *Eden*, *Cronologia* e *Adão*.

Esboço

- I. Importância do Livro
- II. Composição
- III. Conteúdo
- IV. Teologia
- V. Descobertas Arqueológicas
- VI. Considerações Finais
- VII. Bibliografia

I. Importância do Livro

A importância do livro de Gênesis tem sido acentuada em três aspectos principais: teológico, literário e histórico.

1. Teológico. O livro de Gênesis contém grande teologia e deve ser considerado o "começo de toda teologia". Os principais conceitos de Deus como um ser supremo, onipotente e extremamente sábio são introduzidos neste livro. Gênesis oferece também um tratamento teológico às questões da origem do mundo, origem do homem, origem do pecado, e aos problemas da queda do homem do estado de graça, do plano de redenção, do julgamento e da providência divina. O livro narra como um remanescente da raça humana foi providencialmente poupado e preparado de maneira tal para permitir o crescimento do plano de redenção, sob a direção do Pai, para toda a humanidade.

2. Literário. O livro de Gênesis é considerado uma das grandes obras literárias de todas as épocas. Seu autor descreve de maneira vigorosa as atividades de Deus como guia da criação e da história. Os contos individuais, verdadeiras obras-primas de narrativas interessan-

tes e intensas, são entrelaçados inteligentemente, não prejudicando assim a unidade do tema. O livro segue um plano lógico e em geral evita detalhes desnecessários. Suas personagens são apresentadas não como figuras mitológicas, mas como seres humanos reais, passíveis de faltas e de virtudes. Quem escreveu Gênesis observou a vida de duas perspectivas: exterior e interior. Do lado exterior considerou as coisas materiais; do lado interior considerou os desejos, as ambições, as alegrias, as tristezas, o amor e o ódio.

Os assuntos tratados no livro incorporam uma rara combinação do simples com o complexo. Temas vitais para o homem, envolvendo suas mais profundas necessidades e aspirações, são tratados de maneira extremamente simples, quase infantil. Este fato é importante no sentido de que a mensagem do livro pode ser captada até mesmo pelos menos instruídos.

A importância literária deste livro é ainda ressaltada pelas frequentes referências feitas a ele nos outros livros das Escrituras. Segundo alguns afirmam, Gênesis é o alicerce mesmo dos outros livros do Pentateuco.

3. Histórico. Como história, os primeiros capítulos de Gênesis ilustram somente o status da cosmologia hebraica daquela época. Do capítulo 12 em diante, por outro lado, o caráter histórico do livro é fortalecido. A autenticidade da história patriarcal e do autor é evidente nesses capítulos. Nem as falhas na história de Abraão, nem os pecados crassos dos filhos de Jacó (dentre os quais os pecados de Levi, o progenitor da raça sacerdotal), foram ocultados.

O mesmo autor, cujos princípios morais são tão censurados pelos antagonistas de Gênesis, com relação ao relato sobre a vida de Jacó, produz na história de Abraão uma figura de grandeza moral que somente poderia ter-se originado em fatos reais.

A fidelidade do autor se manifesta principalmente: 1. na descrição da expedição dos reis da Alta Ásia para a Ásia Ocidental; 2. nos relatos a respeito da pessoa de Melquisedeque (Gên. 14); 3. na descrição dos detalhes circunstanciais envolvidos na compra de um cemitério hereditário (Gên. 23); 4. na genealogia das tribos árabes (Gên. 25); 5. na genealogia de Edom (Gên. 36); 6. e nos impressionantes detalhes que são entretecidos com as narrativas gerais. No relato de José, a história patriarcal entra em contato com o Egito; e, quanto às narrativas fornecidas pelos escritores clássicos antigos, bem como os monumentos do Egito, acrescentam esplêndidas confirmações. Por exemplo, o relato apresentado em Gên. 47.13-26, que descreve como os Faraós se tornaram proprietários de todas as terras, exceto aquelas pertencentes aos sacerdotes, é confirmado pelos escritos de Heródoto (II.84). Submetendo-se o livro de Gênesis a um exame minucioso, outros dados similares podem ser encontrados. Do ponto de vista crítico, Gênesis é considerado uma fonte primária da história antiga.

II. Composição

A unidade de composição não só do livro de Gênesis, mas de todos os livros do Pentateuco, tem sido um tema polêmico entre os críticos. O caso de Gênesis tem sido particularmente investigado e, como a questão da unidade do livro está intimamente relacionada ao problema de autoria, apresentaremos a seguir duas principais linhas de pensamento sobre o assunto: 1. o ponto de vista conservativo; 2. o ponto de vista crítico.

1. Ponto de Vista Conservativo. A teoria conservativa reivindica que o livro de Gênesis foi recebido por Moisés como revelação direta de Deus, pois Moisés evidentemente tinha contatos imediatos com Deus. Defendendo a teoria da autoria mosaica, os conservativos oferecem os seguintes argumentos:

a. Considerando as evidências internas que provam que Moisés escreveu pelo menos algumas porções dos livros do Pentateuco, parece plausível assumir que ele tenha escrito a obra inteira, inclusive Gênesis.

b. A matéria tratada de Êxodo a Deuterônimo exige uma subestrutura como Gênesis. Sentindo essa necessidade, Moisés talvez tenha usado o material disponível da época e feito uma compilação dessa matéria na forma de tradição antiga.

c. Passagens como João 5.46 e ss., em que Jesus se refere aos "escritos de Moisés", podem ser interpretadas como escritos meramente atribuídos a Moisés. Por outro lado, essas passagens podem igualmente ser interpretadas como pronunciamentos da autoria mosaica desses escritos.

d. A *Comissão Bíblica da Igreja Católica* sugere que, embora Moisés seja o autor do Pentateuco, talvez ele tenha empregado pessoas para trabalhar sob sua direção como compiladores. Esta seria uma maneira de explicar as diferenças estilísticas do livro.

2. Ponto de Vista Crítico. Empregando o método de análise do texto, os críticos modernos afirmam que pelo menos três fontes distintas serviram de base para o livro de Gênesis: *P*, *E* e *J*. Alguns fanáticos no estudo das fontes literárias têm fragmentado essas fontes em subfontes, contudo, como essas subdivisões não os têm conduzido a nenhuma conclusão importante, nos limitaremos ao tratamento das três fontes citadas acima, as quais foram provavelmente baseadas no tradicional. A fonte *P(S)*, de caráter basicamente formal e estatístico, relata o tipo de material que os *sacerdotes* cultivavam, como, por exemplo, Levítico 1-16. Contudo, momentos de grandeza são também encontrados nesta fonte, a saber, Cantares 1. *P* é a fonte mais recente das três, provavelmente pertencendo ao período entre os séculos V e VI A.C.

A fonte *E* e a fonte *J* se distinguem principalmente pelo emprego respectivo dos nomes *Elohim* e *Jeovah* para Deus. Além desta diferença, o documento *E* se apresenta intimamente relacionado em suas partes, formando assim um todo sólido. O documento *J*, por outro lado, não apresenta a mesma solidez, mas é de natureza meramente complementar, fornecendo detalhes nos pontos em que *E* se torna abrupto e deficiente. A fonte *E* pertence provavelmente ao século VIII A.C.; e a fonte *J*, ao século IX A.C. Ver no *Dicionário* o artigo separado sobre a teoria *J. E. D. P.(S.)*. Ver também sobre o *Pentateuco*.

Os críticos modernos reivindicam que essas fontes foram subseqüentemente combinadas pela mão de um autor final cujo nome é desconhecido. Os antagonistas do ponto de vista crítico mantêm que Gênesis foi escrito por um único autor, e que o uso de dois nomes diferentes para Deus não deve ser atribuído à origem do livro em duas fontes distintas, mas aos diferentes significados desses nomes. Talvez essa observação seja plausível com referência aos nomes de Deus, todavia as diferenças de estilo e vocabulário que claramente distinguem porções do livro de Gênesis ainda permanecerão misteriosas se essa explicação for aceita.

Data e Lugar. Os estudiosos que aceitam a autoria mosaica do livro de Gênesis são compelidos a explicar algumas passagens da obra como notas de rodapé adicionadas posteriormente pelos copistas. (Exemplos: 12.6; 13.7; 14.17 e partes de 36.9-43.) O lugar de origem do livro sugerido por eles é a península do Sinai. Os críticos que não reivindicam autoria mosaica oferecem datas tentativas somente para as fontes individuais, como mencionado anteriormente. Quanto à cópia final, só se sabe que foi compilada depois do exílio, afirmam eles. O local da compilação é desconhecido.

III. Conteúdo

O livro de Gênesis pode ser esboçado de várias maneiras:

1. Esboço Histórico. É o esboço mais geral e popular, que divide o livro em duas partes principais.

a. *História Primordial.* Capítulos 1 a 11: tratam de assuntos de natureza universal, tais como a origem da terra e a origem da raça humana.

b. *História Patriarcal.* Capítulos 12 a 50. Estes capítulos relatam a história dos antepassados de Israel. Cerca de dez histórias são apresentadas no livro (2.4; 5.1; 6.9; 10.1; 11.10,27; 25.12,19; 36.1; 37.1), dentre as quais algumas se ocupam de personagens importantes, a saber, Tera, Isaque, Jacó e José. Algumas histórias tratam de importantes categorias, tais como terra e céu, ou os filhos de Adão e os filhos de Noé; outras tratam de personagens como Ismael e Esaú. Apesar de não oferecer um tratamento profundo sobre dificuldades sugeridas pelo texto, este esboço é eficaz, pois enfatiza a direção de Deus na história da humanidade e mostra como Ele usou diversas pessoas para cumprir Seus propósitos finais.

2. Esboço Temático. Divide o livro em quatro assuntos principais:

- a. Livro do Princípio (1–11)
- b. Livro da Fé (12–25)
- c. Livro da Luta (26–35)
- d. Livro da Direção (36–50)

3. Esboço Detalhado do Conteúdo:

- a. História da Criação (1.1–2.3)
 1. Criação do céu e da terra (1.1–2.3)
 2. Criação dos seres viventes (1.24–2.3)
- b. História Humana (2.4–11.32)
 1. Criação do homem (2.4–17)
 2. Criação da mulher (2.18–25)
 3. Queda do homem (3.1–24)
 4. Multiplicação da raça humana: Caim e Abel (4.1–7)
 5. O primeiro homicídio (4.8–26)
 6. A genealogia de Sete (5.1–32)
 7. A corrupção do gênero humano (6.1–12)
 8. A pena do dilúvio (6.13–8.22)
 9. O pacto de Deus com Noé (9.1–29)
 10. Os descendentes de Noé (10.1–32)
 11. Uma língua universal (11.1–6)
 12. A confusão das línguas (11.7–32)
- c. História dos Patriarcas: A Escolha de Abraão, Isaque, Jacó e Judá (12.1–23.20)
 1. Abraão entra na Terra Prometida (11.27–14.24)
 2. Pacto e promessa de um filho (15.1–18.16)
 3. A história dos patriarcas (18.17–19.23)
 4. Destruição de Sodoma e Gomorra (19.24–38)
 5. Sara, Isaque e Ismael (20.1–23.20)
- d. Isaque (24.1–26.35)
 1. Isaque e Rebeca casam-se (24.1–67)
 2. Morte de Abraão e nascimento dos filhos de Isaque (25.1–34)
 3. Isaque vai a Gerar; renovação da promessa (26.1–35)
- e. Jacó (27.1–36.43)
 1. Jacó trapaceia o irmão e obtém a bênção de seu pai (27.1–46)
 2. Jacó foge para Arã e Deus renova a promessa em Betel (28.1–22)
 3. Os casamentos de Jacó em Arã (29.1–30)
 4. Nascimento dos filhos de Jacó (29.31–30.24)
 5. Labão faz novo pacto com Jacó (30.25–43)
 6. Retorno de Jacó para a Terra Prometida (31.1–34.31)
 7. Renovação da promessa em Betel (35.1–29)
 8. Os descendentes de Esaú (36.1–43)
- f. Judá e José (37.1–50.26)
 1. José vendido por seus irmãos e transportado para o Egito (37.1–36)
 2. Judá e Tamar (38.1–30)
 3. José na casa de Potifar (39.1–23)
 4. José na prisão (40.1–23)
 5. José interpreta os sonhos do faraó (41.1–37)
 6. José como governador do Egito (41.38–57)
 7. Os irmãos de José vão ao Egito pela primeira vez (42.1–38)
 8. Os irmãos de José retornam ao Egito (43.1–34)
 9. A família de José no Egito (44.1–47.31)
 10. Jacó abençoa seus filhos (48.1–49.28)
 11. Morte de Jacó e José (49.29–50.26)

IV. Teologia

De certo modo, o livro de Gênesis constitui a primeira filosofia da história, embora não se baseie em argumentos, mas em convicções. Não há no livro toda nenhuma tentativa de provar que Deus existe, ou que realmente agiu tal qual o autor relata. Alguns pontos de vista importantes a respeito da doutrina de Deus emergem deste livro, a saber:

1. *Deus é o único e supremo monarca do universo e de Seu povo.* O livro mantém um monoteísmo latente, preparando o alicerce para declarações tais como a de Deus. 6.4.

2. *Deus é onipotente.* Através de Sua poderosa palavra, Ele pode criar o que bem desejar.

3. *Deus é onisciente.* Ele soube o local do esconderijo de Adão e Eva no jardim, bem como o fato de que Sara riu secretamente dentro da tenda. Ele está também presente longe da casa ancestral, como Jacó surpreendentemente descobre em Gên. 28.16.

4. *Deus é extremamente sábio.* Ele criou um universo integrado, no qual todas as coisas demonstram perfeita eficiência segundo o uso e o propósito designados.

5. *Deus tem profunda misericórdia e amor por Sua criação.* Isto é evidente principalmente no que se refere ao homem, obra-prima da criação. Deus não só criou o homem, mas providenciou-lhe tudo aquilo de que precisava para sobreviver. O homem caiu do estado de graça, mas Deus preparou um plano de redenção; guiou e protegeu o caminho dos patriarcas para que esse plano fosse cumprido.

6. *Deus se revelou a Seu povo.* Às vezes num sonho (31.11), outras vezes através de um misterioso agente, "o anjo do Senhor" (31.11).

Este livro oferece também uma clara noção da natureza do homem:

1. O homem é uma criatura dotada de parte material e parte imaterial.

2. O homem é dotado de livre-arbítrio: pode dizer "sim" ou "não" à tentação.

3. O homem foi criado como um ser superior, obra-prima de Deus, livre de qualquer mancha. Mas ai! O homem caiu do estado de graça. A história da queda, por sua vez, embora soe estranha para muitos ouvidos modernos, ainda é objeto de estudo em ética e em religião. O autor de Gênesis observou que um grande desastre poderia emergir de uma desobediência aparentemente *trivial*.

4. O homem será restaurado: os dois elementos básicos para a redenção são: graça da parte de Deus e fé da parte do homem. Gên. 15.16 declara que Abraão creu nas promessas do Senhor: "E creu ele no Senhor, e foi-lhe imputado isto por justiça". Esta passagem figura proeminentemente no desenvolvimento da teologia de Paulo (Rom. 4.3,9,22,23).

V. Descobertas Arqueológicas

Descobertas arqueológicas modernas têm desvendado o mundo de Gênesis. Civilizações nos arredores da Palestina estão sendo descobertas com todas as suas riquezas e variedades. A existência de povos tais como os horitas e os hurrianos (até recentemente apenas nomes) tem sido confirmada. A civilização dos amoritas, enterrada por muitos séculos, está emergindo lentamente. Atualmente pode-se afirmar que os hititas foram poderosos conquistadores que influenciaram o curso da história no passado.

Temas como Criação, Paraíso e Dilúvio são achados também em muitas mitologias do mundo. Tabletes de barro encontrados na Mesopotâmia contêm muitos mitos cujos temas e detalhes também estão presentes no livro de Gênesis.

Na história da criação há algumas semelhanças entre os registros hebraicos e os babilônicos: 1. Ambas as histórias registram um caos antigo. Até mesmo o nome para esse caos é semelhante em cada língua. 2. Segundo os dois relatos, houve luz antes de os astros serem criados. 3. Há paralelismo também nas crônicas do Dilúvio: os deuses mandaram a inundação, mas salvaram um homem que construiu um navio para se abrigar da tempestade. O homem testa o término da catástrofe soltando pássaros e oferece sacrifícios quando tudo está terminado.

Há também algumas diferenças drásticas entre as narrativas hebraicas e babilônicas: 1. A história hebraica mantém um monoteísmo latente; os outros relatos são de natureza politeísta. 2. Os princípios morais registrados na história hebraica são extremamente mais altos que os das outras civilizações. Descobertas espetaculares na cidade de Ur dos Caldeus são de grande importância para o conhecimento da história da civilização, todavia de menos relevância direta para as narrativas bíblicas. É mister observar que, num local não muito distante de

Ur, os escavadores encontraram evidência de uma inundação de comparável tamanho. No entanto, dizem os críticos, isso não prova a historicidade de Gên. 6-8, pois foi provado que muitas vezes na história diferentes áreas da Mesopotâmia foram inundadas.

O mundo cultural dos patriarcas tem sido iluminado pelos achados do segundo milênio A.C. em Nazu (perto da moderna Kirkuk). Foram encontrados nessa localidade inúmeros documentos que ilustram detalhadamente diversos costumes patriarcais. Por exemplo, quando a estéril Sara deu à Abraão uma escrava, Hagar, para que concebesse filhos, ela estava fazendo exatamente a mesma coisa que as mulheres de Nazu faziam. A única diferença era o fato de que as últimas eram proibidas de maltratar a escrava. O ato da venda dos direitos de primogenitura feito por Esaú, bem como os problemas de Jacó na obtenção da esposa de sua escolha, são entendidos com mais clareza através desses tabletes (tabletes Nazu). Unger afirma que "o grande serviço que a pesquisa arqueológica está desenvolvendo no período mais antigo da história bíblica demonstra que o quadro dos patriarcas apresentado em Gênesis se ajusta perfeitamente ao estilo de vida da época" (Unger, *Archaeology and the Old Testament*, p. 120).

VI. Considerações Finais

Esta introdução referiu-se a alguns problemas peculiares do livro de Gênesis, tais como autoria e historicidade. Essas questões têm sido objeto de controvérsia entre os eruditos, todavia nada tem sido tão polêmico no livro como o tema da criação. Há um estridente conflito entre o ponto de vista da ciência moderna e o relato deste livro sobre as origens do mundo.

GENTIO

1. O Vocábulo
2. Os Pactos e o Caráter Ímpar de Israel
3. As Poluções das Nações
4. Os Gentios e a Espiritualidade
5. A Missão da Igreja entre os Gentios: a Igreja Gentílica
6. Os Gentios e as Promessas do Reino
7. Os Gentios e a Restauração

1. *O Vocábulo.* Quanto ao vocábulo «gentio» precisamos examinar tanto o original hebraico quanto o original grego:

a. No hebraico, *goyim*, que significa «nações» ou «estrangeiros», em contraste com Israel. Essa palavra quase sempre aparece no plural no Antigo Testamento. Ver Gên. 10:5; Juí. 4:3; Isa. 11:10; 42:1,6; 49:6,22; 54:3; 61:6; Jer. 4:7; 4:22; Lam. 2:9; Eze. 4:13; Osé. 8:8; Miq. 5:8 etc.

b. No grego, *ethnos*, termo genérico que indica «nação», mas incluindo a nação de Israel. Ver Mat. 24:7; Atos 2:5 (e também Isa. 7:5 e 23:2). Paulo contrasta judeus e gentios em Rom. 2:9,10. Mas ali usa o termo grego *ellen* a fim de indicar qualquer pessoa que não fosse judia, mas que falasse o grego. Ver também João 7:35 e Rom. 3:9 quanto a esse uso do termo. Tal uso explica-se porque, nos dias do Novo Testamento, o grego tornara-se a língua universal, e quem falasse o grego nem sempre era de sangue grego.

2. *Os Pactos e o Caráter Ímpar de Israel.* Deus tem estabelecido com a humanidade vários pactos. Aquele que foi estabelecido com a nação de Israel, na península do Sinai, distinguiu essa nação de todas as outras nações (Gên. 12:2; 18:18; 22:18; 26:4). E todas as demais nações passaram a ser os «gentios». Essa é a característica que fez de Israel uma nação sem igual no mundo (Deu. 26:5; Êxo. 19:6). Essa singularidade sempre teve efeitos sobre o relacionamento entre Israel e todas as demais nações (Êxo. 24:10; Lev. 18:24,25; Deu. 15:6).

3. *As Poluções das Nações.* Grosseira idolatria e imoralidade caracterizavam as nações gentílicas, más qualidades essas que, constantemente, ameaçavam o caráter ímpar de Israel (I Reis 14:24), e que acabaram resultando em juízo contra o povo de Israel (II Reis 17:7 ss). Entre esses juízos, os cativeiros assírio e babilônico foram os exemplos supremos. A luta contra a poluição moral e as constantes denúncias dos profetas de Israel contra as nações, fizeram com que o termo *gentio* assumisse um tom pejorativo. Um judeu estigmatizava um seu

compatriota chamando-o de gentio ou de cobrador de impostos. Ver Mat. 18:71. Esse sentimento era tão profundo e forte que Tácito foi levado a observar que os judeus «consideravam o resto da humanidade com todo o ódio que se vote a inimigos» (*Nist.* 5:5). Um judeu piedoso nunca entrava na casa de um gentio, com receio do ficar contaminado e assim ficar cerimonialmente impuro. Ademais, sempre que possível, quando estava viajando, evitava áreas e cidades dos gentios, pelo mesmo motivo.

4. *Os Gentios e a Espiritualidade.* Desde o começo mesmo de Israel como nação, por meio de Abraão, Deus estendeu o seu favor aos povos gentílicos. O próprio pacto abraâmico previa que os gentios seriam abençoados, juntamente com a nação de Israel (Gên. 22:18). Nele (Abraão) todas as nações seriam abençoadas. Nisso é que podemos ver a razão do caráter ímpar de Israel: essa nação seria o mestre e o guia espiritual das nações. Isso nada tinha a ver com a idéia de se orgulharem os israelitas e desprezarem as demais nações. A superioridade da nação de Israel só existia para que os israelitas fossem os mediadores da mensagem e das bênçãos de Deus às nações (ver Isa. 61:6). Em outras palavras, Israel deveria ser uma nação missionária entre as demais nações, e o mundo deveria ser o seu campo missionário. Porém, por haverem rejeitado o seu próprio Messias, os filhos de Israel foram temporariamente cortados, e a missão deles foi interrompida pela era do reino. Ver Rom. 11:11-35. Política e nacionalmente, Israel agora precisa ser pisada pelos gentios até que o relógio de Deus traga-os de volta à sua posição original de mestres (ver Luc. 21:24). Entretanto, chegará o tempo em que todo o povo de Israel será salvo, não havendo como aplicar isso somente ao remanescente do período da Grande Tribulação. Ver Rom. 11:25-27. Ver o artigo separado sobre a *Queda e Restauração de Israel*.

5. *A Missão da Igreja entre os Gentios: a Igreja Gentílica.* Não foi fácil aos crentes judeus aprenderem que a Nova Fé tinha, como sua prioridade máxima, a evangelização das nações, embora isso seja uma clara provisão da Grande Comissão (ver Mat. 28:19,20). Pedro, embora apóstolo, precisou receber uma visão especial a fim de poder emendar devidamente esse ponto (ver Atos 10:9 ss). Um apóstolo especial, encarregado dos gentios, foi nomeado, Paulo, o qual trabalhou mais abundantemente do que todos os demais, assim garantindo o sucesso de sua missão (ver Gál. 2:9 e I Cor. 15:10). O amor de Deus visa a todos os homens (João 3:16) e a expiação de Cristo tem efeitos absolutamente universais (ver I João. 2:2). Quanto à missão da Igreja entre os gentios, ver textos como Atos 9:15; 10:45; 11:1,18; 13:42; 15:3,7,12,14; 18:6; 22:21; 26:17,20; 28:28; Rom. 1:13; Gál. 2:2; Col. 1:27. O termo *cristianismo gentílico* salienta o fato de que, quase desde os seus primórdios, a Igreja cristã primitiva contava com mais membros gentílicos do que com membros judeus. Então teve início a evangelização do mundo, e uma *noiva gentílica* (a Igreja), tem sido chamada pare pertencer a Cristo (Efé. 5:27 ss). De acordo com o trecho de Atos 11:20 ss, elementos não-judeus foram admitidos, em primeiro lugar, pela igreja cristã de Antioquia. Israel foi apenas o começo. Dentro do período de atuação de Paulo, todos os principais lugares do mundo então conhecido haviam sido evangelizados (ver Col. 1:6).

6. *Os Gentios e as Promessas do Reino.* De acordo com as profecias bíblicas relativas ao Reino, o Messias tornar-se-á a luz dos povos gentílicos (Isa. 42:6), a salvação haverá de ampliar-se até os confins da terra (Isa. 49:6), os gentios haverão de buscar ao Senhor (Isa. 11:10); a terra encher-se-á do conhecimento do Senhor, assim como as águas cobrem o leito do mar (Isa. 11:9).

7. *Os Gentios e a Restauração.* O propósito restaurador de Deus ampliar-se-á para muito além do período do reino, período esse que opera como uma espécie de preparação para as eras eternas. O mistério da vontade de Deus (ver Efé. 1:9, 10) haverá de produzir uma restauração universal, que atingirá todas as almas humanas de todos os tempos. Contudo, antecipo que isso atuará em dois níveis: a redenção, que alcançará apenas a minoria dos eleitos, levando-os à participação na natureza divina (ver II Ped. 1:4; Col. 2:10; II Cor. 3:18); e a restauração,

que envolverá uma realização secundária, embora também gloriosa, da missão de Cristo. Ver o artigo separado sobre a *Restauração*, quanto a detalhes completos sobre essa doutrina.

GENTIOS, ÁTRIO DOS

Ver Átrio dos Gentios.

GENUBATE

No hebraico, «furto». Nome do filho de Hedade, o idumeu, e de uma princesa egípcia, irmã de Tapenes, a rainha do Faraó que governava o Egito já perto do fim do reinado de Davi. Viveu em cerca de 1000 A.C. Ele fugiu de Edom, quando Davi invadiu o país. Todos os homens daquele exército, que foram aprisionados, foram mortos. Seu nome aparece somente em I Reis 11:20.

GERA

Vem do termo hebraico *ger*, «residir temporariamente». Esse nome era muito aplicado a pessoas da tribo de Benjamim, desde o período patriarcal até o exílio babilônico. Podemos enumerar três homens com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho de Bela, neto de Benjamim (I Crô. 8:3). O apelativo ocorre novamente em I Crô. 8:5,7, onde talvez esteja em foco a mesma pessoa, embora haja eruditos que pensam que está em foco outra pessoa (número «dois», abaixo). Em Gên. 46:2, esse homem aparece como filho de Benjamim. Encontrava-se entre os descendentes de Jacó, quando o patriarca migrou para o Egito, em cerca de 1871 A.C. Interessante é que em I Crô. 7:7, o lugar onde esperaríamos ser mencionado Gera, é ocupado por Uzias. Em face disso, muitos estudiosos pensam que o trecho envolve alguma confusão. A maioria dos nomes, em Gên. 46:21, deve ser entendida como nomes de chefes, mas Gera é nome omissivo, em uma lista similar em Núm. 26:38-41.

2. O pai (ou ancestral) de Eúde, o juiz (Juí. 3:15). Viveu por volta de 1295 A.C.

3. O pai de Simei. Foi este último quem amaldiçoou Davi, quando ele fugia de Absalão (II Sam. 16:5; 19:16,18; I Reis 2:8). Viveu antes de 966 A.C. Gera, antepassado de Eúde, e Gera, antepassado de Simei, podem ter sido a mesma pessoa.

GERA (PESSOAS)

No hebraico, provavelmente, «peregrino», alguém que fica em um país somente por algum tempo. Nesse caso, o nome derivar-se-ia do termo *ger*, «peregrinar». Nas páginas do Antigo Testamento, nome de três benjamitas que viveram em épocas diferentes, a saber:

1. Um filho de Bela e neto de Benjamim, um dos patriarcas de Israel. Ver I Crô. 8:3,5,7. Em Gên. 46:21, ele aparece como um dos irmãos de Bela e portanto, filho de Benjamim. Em I Crô. 7:7, o nome «Uzi» aparece no lugar do nome de Gera. Há estudiosos que pensam que a passagem de I Crô. 5:3,5,7 não alude somente a um homem com esse nome e. sim, a dois, ou mesmo três. Neste último caso, há um Gera mencionado no terceiro versículo outro do começo do quinto versículo, e ainda um terceiro Gera mencionado, no sétimo versículo, que seria o pai de Uzá e Aiude. O filho de Bela viveu por volta de 1871 A.C.

2. O pai ou antepassado de Eúde, o juiz (ver Júi. 3:15). Viveu por volta de 1295 A.C.

3. O pai de Simei. Este último amaldiçoou Davi, quando esse rei fugia de Absalão (II Sam. 16:5; 19:16,18; I Reis 2:8). Viveu antes de 966 A.C.

GERAÇÃO

Há vários pontos que precisamos considerar quanto a essa palavra:

1. Na *Filosofia*. A palavra *geração* vem do latim *generata* (gerar, criar). A palavra é usada para exprimir um dos conceitos aristotelianos sobre as mudanças, como oposto da *corrupção*. A geração seria uma mudança do não-ser para o ser, ao passo que a *corrupção* seria a mudança do ser para o não-ser. A geração e a *corrupção* relativas

são tipos de alteração, ou de mudança de *qualidade*. Aristóteles tinha três tipos básicos de mudança, e esse era um deles. Além desse tipo, teríamos mudanças quanto à quantidade e quanto à mudança de lugar. As alterações envolveriam tanto o crescimento como a diminuição da massa dos organismos.

2. *Usos Bíblicos*. Há dois termos hebraicos e quatro termos gregos a ser considerados, ou seja:

a. No Antigo Testamento o termo hebraico *toledot*, que ocorre por dez vezes no livro de Gênesis (2:4; 5:1; 6:9; 10:1; 11:10,27; 25:12,19; 27:2 e 36:1), com o sentido de história genealógica. A Septuaginta, usualmente, traduz esse termo hebraico pelo grego *genesis*, que também é a palavra empregada em Mat. 1:1, referindo-se à genealogia de Jesus.

b. No Antigo Testamento, o termo hebraico *dor*. Essa palavra pode referir-se a algum período específico de tempo (Gên. 15:16; Deu. 23:2,3,8; Isa. 51:9; 58:12; Sal. 45:17; 72:5). Esses períodos podem ser passados ou futuros. Essa palavra também pode referir-se a alguma classe de homens, como uma «geração perversa e deformada» (Deu. 32:5), ou como uma «linhagem do justo» (Sal. 14:5).

c. No Novo Testamento, o termo grego *genesis*, que é usado com diversos sentidos: em Mat. 1:1, aparece como registro genealógico de Jesus; em Mat. 1:18 e Luc. 1:14, como o nascimento de Cristo; em Tia. 1:23, como o rosto natural da pessoa, o rosto com que a pessoa nasceu; em Tia. 3:6, refere-se ao curso da natureza (literalmente, «curva do nascimento»). Alguns estudiosos supõem que em Mat. 1:1, esteja em foco a história inteira de Jesus o Cristo, como equivalente à expressão portuguesa «livro da história de». Nos mistérios órficos, esse vocábulo aparece com o sentido de «roda da origem humana». Simplicio, sobre Arist. *De Caelo*, 2, par. 377.

d. No Novo Testamento, o termo grego *genea*. A Septuaginta usou essa palavra para traduzir o termo hebraico *dor* (2.b). Ela indica as pessoas que vivem em um determinado tempo (Mat. 11:16); ou uma determinada extensão de tempo (Luc. 1:50). Também refere-se aos componentes de uma genealogia (Mat. 1:17). Pode indicar uma família, um clã ou uma descendência (Josefo, *Anti.* 17:20). Também pode apontar para uma nação, conforme se vê em Mat. 24:34 e Luc. 21:32. O período de tempo ocupado por uma geração é o sentido dessa palavra em Dionis. *Hal.* 3:15, em Phil. *Mos.* 1,7; em Josefo, *Anti.* 5.336 e também em Gên. 50:23. Uma *era* é, igualmente, um significado possível dessa palavra (ver Mat. 1:17 e I Clemente 50:3).

e. No Novo Testamento, a palavra grega *gennema*, «criança» ou «prole» (Mat. 3:7; 12:34; 23:33; Luc. 3:7). Faz parte da denúncia severa de João Batista: «Raça de víboras...» (Mat. 3:7).

f. No Novo Testamento, a palavra grega *genos*, «raça», como se vê dentro da expressão «raça eleita», de I Pedro 2:9, que indica os eleitos como um todo.

Na linguagem bíblica, uma geração, que corresponde ao período ocupado pela existência de toda uma geração, usualmente, aparece como um período médio de quarenta anos, como, por exemplo, o período de tempo em que Israel vagueou pelo deserto. Aquela ficou conhecida como «geração do deserto». Quanto à expressão que se encontra em Mat. 24:34, «não passará esta geração», ver o artigo separado com o título de *Geração que Não Passa*.

3. A *Geração Eterna do Filho de Deus*. Essa difícil questão teológica é abordada em um artigo separado, intitulado *Geração Eterna* (vide).

GERAR

No hebraico, «região» ou «lugar do pernoite». Gerar era a principal cidade dos filisteus, nos dias de Abraão e de Isaque, localizada na fronteira sul da Filístia, não muito longe de Gaza. Foi visitada por Abraão, após a destruição de Sodoma (Gên. 20:1), e também por Isaque, quando houve uma seca no resto da terra de Canaã (Gên. 26:1). A região era fértil e adequadamente regada. Foi a sede do

meio reino filisteu de que temos notícia. Ficava entre os dois desertos de Cades e de Sur. Quanto à sua localização perto de Gaza e Beerseba, ver Gên. 10:19, 20:1 e 26:1,26. Nos dias de Abraão, os habitantes da região eram aguerridos e dedicados ao pastoreio. *Abimeleque*, cujo sentido é «pai de reis», aparentemente, era um título hereditário, e não monárquico eletivo, e esse era o título dos governantes da Filístia.

Os reis dali cobiçaram as esposas respectivas de Abraão e de Isaque, sem saberem que elas eram tais, porquanto aqueles patriarcas apresentaram-nas como suas irmãs. A Bíblia Anotada de Scofield refere-se às inverdades assim ditas por esses patriarcas como seus «lapsos em Gerar». Devemo-nos lembrar, entretanto, que, naquela época, os monarcas locais tinham poderes absolutos sobre todas as mulheres, tanto do local quanto das que entrassem em seus domínios. Se um desses chefes desejasse uma mulher casada e o marido da mesma objetasse, isso poderia significar, facilmente, a morte dele e a incorporação da mulher no harém real; e ninguém podia protestar. Assim, as mentiras pespegadas por esses dois patriarcas foram arriscadas, mas, potencialmente salvaram-lhes a vida. De certa feita, ouvi uma professora de Escola Dominical referir-se a esse caso com indignação, dizendo: «Abraão não protegeu sua esposa, nesse incidente». No entanto, a intenção de Abraão foi precisamente a de proteger sua esposa, disposto a sacrificar a virtude dela, a fim de salvar a própria vida e, quem sabe, a vida de Sara. E quem sabe mais o que poderia ter acontecido!

Lemos em II Crônicas 14:13,14 que, posteriormente, Asa, rei de Judá, derrotou os invasores etíopes tendo-os perseguido até Gerar. Em seguida, os judeus saquearam toda aquela região.

Os eruditos supõem que os filisteus só vieram a ocupar realmente a área de Gerar várias centenas de anos depois da época de Abraão e de Isaque. Porém, podemos adiantar que o livro do Gênesis refere-se a Abimeleque como o rei daquele lugar, de modo geral, o qual veio a cair sob o domínio dos filisteus posteriormente (Gên. 26:1).

O antigo local de Gerar tem sido identificado com o Tell Abu Hureirah, cerca de quinze quilômetros a sudeste de Gaza e a pouco mais de vinte e quatro quilômetros a noroeste de Berseba. Escavações arqueológicas têm mostrado que a região vem sendo ocupada desde o período do Bronze Médio (1800-1600 A.C.). Tell Jemmeh também tem sido escolhido como o local da antiga Gerar. Fica um pouco mais perto da orla marítima. A arqueologia dá informações sobre a localidade desde o período do Bronze Posterior, incluindo até o período bizantino. Muitos dos objetos ali achados indicam que era um lugar rico, provavelmente localizado em uma lucrativa rota de caravanas. Altares de incenso, pertencentes aos séculos VI até IV A.C., são decorados com homens e camelos, o que demonstra a existência de um sistema comercial formal.

GERAR, GERADO

No hebraico temos *yalad*, «gerar», «produzir». Palavra de uso freqüente no Antigo Testamento, usada por cerca de pelo menos quinhentas vezes, de Gênesis ao livro de Zacarias. No grego temos *gennáo*, «gerar», que figura por cerca de cem vezes, desde Mateus 1:2 até I João 5:18.

A idéia é freqüentemente usada no sentido literal, como se vê nas genealogias do Antigo e do Novo Testamentos. Mas a importância da palavra, bem como os conceitos nela envolvidos, encontra-se mais em seus usos metafóricos.

1. Em Salmos 2:7, em relação ao rei davídico que era esperado (o Messias), temos o ponto de vista de adoção.

2. Porém, quando diz respeito a Cristo, vamos além disso, nas páginas do Novo Testamento. Assim, temos o «Filho unigênito de Deus», em João 3:16. A palavra «unigênito» significa «único de sua espécie», ainda que, provavelmente, tenhamos ali a idéia de uma *eterna geração*: o Filho nunca teve começo, mas sempre foi o Filho. Nesse caso, o termo refere-se à posição de Cristo e Sua relação com a deidade, não se devendo pensar em qualquer ponto dentro do tempo. Esse

conceito é necessário para preservar a idéia de eternidade, dentro do conceito trinitariano, segundo o qual um dos membros da Trindade eterna (ver o artigo) é o Filho, segundo também declara João: «E o Verbo se fez carne, e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai» (João 1:14).

3. Na *Literatura Joanina*. Existem aqueles que nasceram de Deus (João 3:5,6). Ver sobre a *regeneração*. Os trechos de Gálatas 4:5 e Romanos 8:15 (ver as notas a respeito no NTI) aludem à adoção espiritual, e, sob esse símbolo, são ilustrados certos aspectos da filiação. Mas também se destaca o fato de que há necessidade de nascimento do alto ou regeneração, mediante o que uma nova e exaltada espécie de ser está vindo à existência. Essa nova espécie de ser humano chegará a compartilhar plenamente da própria forma de vida de Deus, a sua essência e natureza (II Ped. 1:4), moldada segundo o tipo de vida exibida pelo Filho (Rom. 8:29; II Cor. 3:18). Dentre todos os conceitos religiosos, esse é o mais elevado de todos. (Ver João 1:12,13; I João 3:9; 4:7; 5:1,4,18). Aprendemos na Bíblia que o Espírito Santo é o agente que produz esse nascimento espiritual. Por exemplo: «...ele nos salvou mediante o lavar regenerador e renovador do Espírito Santo» (Tito 3:5). Lemos que Cristo também nasceu de Deus (I João 5:18). Sem dúvida está em foco a unidade de essência, conforme também se aprende em João 10:30. E essa mesma unidade de essência, quanto à natureza, também é prometida aos filhos de Deus. «...e como és tu, ó Pai, em mim e eu em ti, também sejam eles em nós...» (João 17:21).

Aquele que nasceu de Deus vence o mundo (I João 5:4). Aquele que nasceu de Deus purifica-se a si mesmo, na expectativa da *parousia* ou segunda vinda de Cristo (ver o artigo) (I João 3:2,3). Finalmente, aquele que nasceu de Deus pratica a lei do amor, o que serve de comprovação de seu novo nascimento e de sua consequente espiritualidade (I João 4:7). Esse é o nosso mais elevado princípio ético. (A B NTI)

GERIZIM

Esse monte, que significa «habitantes do deserto» ou «lugar desértico», é mencionado na Bíblia somente por quatro vezes: Deu. 11:29; 27:12; Jos. 8:33 e Juí. 9:7. Ver também sobre o monte *Ebal*. O monte Gerizim fica situado defronte do monte Ebal, olhando por cima do vale de Siquém. Esse vale tem cerca de cinco quilômetros de comprimento, sendo estreito o suficiente para que um grito seja ouvido de um lado para o outro. O monte se eleva cerca de 869 m acima do nível do mar Mediterrâneo, em seu lado ocidental. A parte ainda mais alta do Hermon, onde já cai a neve, fica um pouco mais para o norte. Do cume do monte Gerizim pode-se avistar a maior parte da Palestina. Fica no centro de Samaria, próximo de Siquém, cerca de dezesseis quilômetros a sudeste da cidade de Samaria. Os locais sagrados de Siquém e do poço de Jacó são facilmente avistados dali. Tornou-se importante como um dos centros da adoração dos samaritanos, chegando a rivalizar com Jerusalém (ver João 4:20). Naturalmente, a região também é sagrada para os judeus, porquanto foi por ali que Abraão e Jacó entraram na Palestina (ver Gên. 12:6; 33:18). Jacó edificou um altar, cavou um poço e comprou um terreno onde, mais tarde, os filhos de Israel sepultaram os ossos de José (Jos. 24:32).

Os montes Gerizim e Ebal também foram o local onde Josué reuniu o povo de Israel, em preparação para a conquista da Terra Prometida. O monte Gerizim tornou-se o símbolo das bênçãos profetizadas sobre os obedientes, ao passo que o monte Ebal tornou-se o símbolo das maldições divinas sobre os desobedientes (Deu. 11:29; 27:11-14). Foi no monte Gerizim que Josué leu a lei de Moisés à assembléia inteira dos filhos de Israel (Jos. 8:30-35), mas o altar foi erigido no monte Ebal (Jos. 8:30).

Esses acontecimentos ilustram o fato de que a mulher, à beira do poço de Jacó, disse a verdade ao Senhor Jesus: «Nossos pais adoravam neste monte...» (João 4:20), talvez dando a entender que Jerusalém era um centro secundário e espúrio de culto a Yahweh. Jesus, porém, rejeitou a idéia de lugares especiais, como importantes pare a

adoração a Deus, afirmando que os verdadeiros adoradores cultuam a Deus em espírito e em verdade (João 4:23).

A tradição localiza o altar erigido por Abraão para sacrificar Isaque em Gerizim. Mas não sabemos se essa tradição está com a razão.

Durante os reinados de Davi e Salomão, a adoração de Israel estava centralizada e unificada em Jerusalém onde também o templo foi construído. Mas, quando ocorreu a divisão do reino (Israel, ao norte, e Judá, ao sul), Jeroboão fez de Siquém a capital do reino do norte; e isso fomentou, uma vez mais, o caráter sagrado de Gerizim. Ele desencorajava propositalmente a adoração em Jerusalém, a fim de fortalecer a sua facção política (I Reis 12:25). Chegou mesmo ao extremo de instituir a adoração ao bezerro, em Betel e em Dã, o que constituiu gravíssimo pecado. O resultado de tudo isso foi uma nova e separada religião, com seu centro em Siquém e no monte Gerizim.

O rei da Assíria se apossou da região e estabeleceu ali povos pagãos, que trouxe de outras regiões de seu império. E ordenou que um sacerdote de Israel ensinasse ao pequeno remanescente judaico a sua religião. Mas, apesar disso representar uma certa restauração religiosa, também continha elementos de perversão (II Reis 17:24-34).

Terminado o cativoiro, Manassés, por permissão de Alexandre, o Grande, edificou um templo em Gerizim; e os samaritanos aliaram-se ao culto que ali se processava. Mas ali havia uma forma poluída de culto, incluindo a idolatria. Esse templo, posteriormente, foi destruído por João Hircano (cerca de 128 A.C.). Porém, até hoje uma seita samaritana oferece ali um sacrifício pascal no alto do monte Gerizim, de acordo com as prescrições do décimo segundo capítulo do livro de Êxodo. E outras observâncias religiosas também são ali efetuadas, conforme se vê nos parágrafos abaixo.

O relato sobre as origens do templo samaritano, em Gerizim, naturalmente, absorveram elementos apócrifos. Com base em referências bíblicas, como Neemias 4 e 13:28, juntamente com várias tradições, Josefo (ver *Anti.* 11:8, 2) expôs a idéia de que o evento que levou ao estabelecimento desse culto foi o matrimônio de Manassés, filho de um sumo sacerdote de Jerusalém, com a filha de Sambalate, um oficial gentílico em Samaria. Manassés recebeu ordem para abandonar sua esposa pagã, mas Sambalate sugeriu que ele construísse um templo rival. E foi assim, ao que se presume, que surgiu o templo em Gerizim, que alguns datam dos dias de Alexandre, o Grande (cerca de 330 A.C.). Porém, outros estudiosos dizem que isso ocorreu um século antes. Seja como for, o que se sabe com certeza é que, na época dos Macabeus, esse templo foi arrasado até o chão (ver Josefo, *Anti.* 13:9,1; *Guerras* 1:11,6).

O monte Gerizim é atualmente chamado *Jebel et-Tor*, e os atuais samaritanos conservam sua antiga reverência pelo local, conservando as tradições atinentes ao mesmo por mais de dois milênios. O monte Gerizim é utilizado para cerimônias relativas à páscoa, ao Pentecostes e à festa dos Tabernáculos. Os samaritanos identificam esse monte com o monte Moriá (vide), de Gênesis 22:2, onde Deus teria posto o seu nome (Deu. 12:5).

GERISITAS

Esse é o nome de uma das tribos cananéias cujas terras foram confiscadas por ocasião da invasão da Palestina pelo povo de Israel. O nome aparece somente em I Samuel 27:8. É provável que essa gente habitasse na cidade de *Gezer* (vide). Há uma nota detalhada, sobre esse lugar, sobre a sua história etc. As cartas de Tell el-Amarna dizem *Gazri*, nome esse que, provavelmente, refere-se ao mesmo povo. Alguns supõem que o nome seja uma corrupção produzida por escribas (mediante ditografia; vide), em lugar de *gesuritas* (ver sobre *Gesur*). Outros eruditos, porém, rejeitam essa conjectura. Também há aqueles que supõem que não está em foco Gezer, e, sim, o monte Gerizim, e que a alusão seria aos habitantes daquela área, não estando ela tão ao norte como era o caso de Gezer.

GÉRSON

Esse nome é de procedência estrangeira, tomado por empréstimo pelo vocabulário dos hebreus. Seu significado é incerto, mas os eruditos supõem que esteja relacionado ao termo hebraico *garas*, «expulsar». Portanto, poderia significar algo como «fugitivo». Ver Êxodo 2:22. Todavia, a palavra pode ser corruptela de uma forma estrangeira original envolvendo um jogo de palavras verbais de alguma sorte. Seja como for, o nome designa três pessoas diferentes, nas páginas do Antigo Testamento:

1. O filho mais velho de Moisés, dos dois que lhe nasceram na terra de Midiã. Sua mãe foi Zipora. O outro filho de Moisés chamava-se Eliezer. Ver Êxo. 2:22 e 18:3. Esses dois homens eram simples levitas, ao passo que os filhos de seu tio, Aarão, desfrutavam de todos os privilégios próprios do sacerdócio, brandindo muito maior autoridade (I Crô. 23:15). Aparentemente, Moisés era imune ao nepotismo, uma atitude rara entre os líderes e os políticos. A Bíblia informa-nos somente quanto ao seu nascimento, à sua circuncisão e à sua genealogia. Seu nome veio a ser vinculado a um dos clãs levitas. Ver Êxo. 24:24-26. Viveu por volta de 1500 A.C.

O trecho de Juizes 18:30 afirma que a família de Jônatas, que servia ilegalmente como sacerdotes em Dã, até o cativoiro assirio, descendia de Gérson. Davi empregou alguns dos descendentes de Gérson, juntamente com os descendentes de Eliezer. Sebul foi um dos principais gersonitas; e Reabias foi um filho de Eliezer, e também um grande líder. Ver I Crô. 23:15-17. Outro Sebul, séculos mais tarde, descendente de Gérson (nossa versão diz «filho de Gérson») foi o tesoureiro-mor de Davi (I Crô 26:24,25).

2. O filho mais velho de Levi (I Crô. 6:16,17,20,43,62,71 etc.). Viveu por volta de 1700 A.C.

3. Um líder do clã de Finéias, que, por isso mesmo, é chamado de seu *filho*, atendia por esse nome. Encontrava-se entre os que voltaram com Esdras do cativoiro babilônico. Ver Esd. 8:2. Viveu por volta de 450 A.C.

GERSONITAS

Adjetivo gentílico que indica os descendentes de Gérson, um dos filhos de Levi, filho de Jacó (ver Núm. 3:21; 4:24,27; Jos. 21:33). Ver o artigo separado sobre *os Levitas*. No livro de Números os gersonitas são divididos em dois clãs: *Libni*, o mesmo Ladã de Núm. 3:18,21; e *Semei* (Núm. 3:18,21). No recenseamento feito no deserto, os gersonitas somaram em sete mil e quinhentos homens (ver Núm. 3:22). A localização dos gersonitas era a ocidente do tabernáculo (Núm. 3:23). Parte da responsabilidade deles consistia em transportarem as dez cortinas de linho, as onze cortinas de pêlos de cabra, as duas cobertas da tenda, feitas de peles de animais, as cortinas da porta do tabernáculo, além de algum outro equipamento. Ver Núm. 2:25,26. Eles empregavam dois vagões puxados por quatro bois cada um, nesse mister.

Após a conquista da Terra Santa, aos gersonitas foram dadas possessões entre os descendentes de Issacar, de Aser e de Naftali, bem como entre a meia-tribo de Manassés, na Transjordânia (Jos. 21:6; 27:33; I Crô. 6:1-43; 62,71-76). Suas terras ficavam no extremo norte, em ambas as margens do rio Jordão.

Embora tivessem se localizado tão longe de Jerusalém, os gersonitas compartilhavam, entusiasmados, da adoração centralizada que havia ali. Asafe era gersonita, e foi um dos principais músicos da época de Davi (I Crô. 16:4,5). Outros gersonitas importantes foram Hemã, filho de Joel (I Crô. 15:17); Jeieli, Zetã e Joel, que estavam encarregados do tesouro do templo, também foram homens importantes, dentre os gersonitas. Ver I Crô. 26:21-22; 23:8. O trecho de I Crônicas 23:7-10 contém uma lista de gersonitas que trabalhavam no templo de Jerusalém.

Alguns gersonitas participaram das reformas instituídas por Ezequias, conforme se aprende em II Crônicas 29:12-15. Durante o reinado de Josafá (ver II Crô. 20:14 ss), Jaaziel, um dos descendentes de Asafe, foi pregador e líder religioso importante. Terminado o cativoiro babilônico, o único clã gersonita mencionado na Bíblia é o de Asafe (vide). Ver Esd. 3:10 e Nee. 11:17.

GERUTE-QUIMÃ

No hebraico, «hospedaria de Quimã» ou «hospedaria da saudade», provável sentido da palavra hebraica por detrás de «Quimã». Esse lugar, posto que próximo da cidade de Belém, permanece não identificado. Talvez derive o seu nome de um filho de Barzilai (II Sam. 19:37-40). Joanã e seus companheiros ali permaneceram enquanto planejavam descer ao Egito, após o assassinato de Gedalias, quando Nabucodonosor, imperador da Babilônia, o havia nomeado governador sobre o que restava da Judéia, após o cativo babilônico e a deportação dos habitantes da Judéia para outros lugares, em cerca de 586 A.C. Ver Jer. 41:17.

GESÃ

No hebraico, «imundo», embora alguns prefiram pensar no sentido de «firme» ou «forte». Foi o terceiro filho de Jadai, descendente de Calebe (I Crô. 2:47). Viveu por volta de 1210 A.C.

GESÉM

Palavra derivada do árabe, com o sentido de «chuva». Mas há outros significados possíveis, como «volume» ou «substância». Ainda outros estudiosos pensam que o sentido da palavra deve ser dado como desconhecido. Seu nome figura exclusivamente no livro de Neemias (2:19 e 6:1,2,6). Ele era um árabe inimigo dos judeus e de Neemias, depois que os judeus voltaram do cativo babilônico para a Terra Santa. Planejou contra a vida de Neemias, em cerca de 445 A.C. Alguns têm suposto que ele fosse samaritano, mas seu título árabe pode identificá-lo apenas como governador de Edom, e não como um idumeu. Outros eruditos, entretanto, têm-no identificado com um rei do norte da Arábia, cujo nome aparece em uma inscrição de Deão, na Arábia, ou então, sob forma modificada, *Gashm*, rei de *Quedar*, em uma inscrição aramaica descoberta no Egito. Sabemos que os monarcas daquela região tiravam proveito do comércio palestino, por causa das rotas comerciais que atravessavam a Palestina, vindas da Arábia, até as costas do mar Mediterrâneo. Onde houver dinheiro, aí manifestar-se-á a política, e onde houver a política, aí surgirão conflitos. Gesém, pois, opunha-se aos desígnios do governo judaico, tomando-o como sedicioso, e sujeitando-o ao ridículo. Por essa razão foi que Gesém participou ativamente no conluio de Tobias, contra a segurança de Neemias (ver Nee. 2:19 e 6:2-9).

GESUR

Um pequeno principado arameu a leste do rio Jordão e ao sul de Maacá, que se tornou território de Manassés (ver Deu. 3:14 e II Sam. 15:8). (UN)

GESUR, GESURITAS

O sentido do vocábulo hebraico por detrás desses termos é incerto, embora uma conjectura razoável seja «ponte». Gesur era um país que ficava na margem oriental do rio Jordão, e os gesuritas eram um povo que habitava perto do Sinai.

1. *O País*. Esse território pertencia à Síria, contíguo à fronteira norte de Israel, no lado oriental do rio Jordão, entre o monte Hermom, Maaca e Basã (Deu. 3:13,14; Jos. 12:5. Ver também II Sam. 15:8 e I Crô. 2:23). A área ocupada pelas populações dali, juntamente com os meacatitas, ficava nas fronteiras do território outorgado a Jair, o manassita (Deu. 3:14). O trecho de Josué 12:5 mostra-nos que a conquista da Terra Prometida, pelos israelitas, chegou até aquele ponto. Aquela gente não foi deslocada do território e, naturalmente, os seus descendentes vieram a tornar-se motivo de dificuldades para os israelitas. Gesur, juntamente com Arã (Síria), conquistou Havote-Jair, que antes pertencera a Jair, o manassita, juntamente com outros lugares (I Crô. 2:23). Na época de Davi, essa região tinha um rei de nome Talmi. Sua filha, Maaca, tornou-se uma das muitas esposas de Davi (II Sam. 3:3). Ela foi a mãe de Absalão, que, quando cresceu, refugiou-se com seu avô materno, em Gesur, depois de haver mandado assassinar traiçoeiramente seu meio irmão, Amom, porque este

violentara sua irmã, Tamar. Absalão ficou ali por três anos, antes de voltar ao território de Israel (II Sam. 14:23,32; 15:8).

2. *Os Habitantes*. Esse povo vivia ao sul do território dos filisteus, já no Sinai. Quando da conquista da Terra Prometida, o território deles não fora, originalmente, conquistado pelos israelitas (Jos. 13:2). Quando Davi refugiou-se junto a Aquis, rei de Gate, desfechou ataques armados contra os gesuritas e contra outras populações. Mas, iludido pelas aparências, Aquis pensava que eram ataques de Davi contra sua própria gente, os israelitas (I Sam. 27:8). Por esse motivo, Aquis pensou que Davi se alienara totalmente de seu povo de Israel, e que, por isso mesmo, residiria entre a gente dele, como seu servo permanente. É difícil entendermos toda a matança em que Davi se meteu, durante esse tempo, porquanto matava todos, homens, mulheres e até animais. John Gill, comentando sobre I Samuel 27:10, afirma que Davi matou tanta gente com o propósito bem definido de enganar Aquis, a fim de que pudesse residir mais confortavelmente entre os filisteus, mas junta que não deveríamos defender tanto derramamento de sangue. Sem dúvida, tudo isso constituiu um crime da parte de Davi. A sua razão para tanta matança era eliminar qualquer relatório sobre o que ele andava fazendo, a fim de que Aquis não viesse a descobrir que ele não estava atacando os israelitas. É realmente difícil entender alguns dos *heróis* da fé. Mas, afinal, eles foram apenas homens, com tantos defeitos como quaisquer outros homens.

GÉTER

O significado desse nome não é conhecido. Todavia, foi o nome do terceiro dos filhos de Arã. Ele é mencionado somente por duas vezes em duas passagens do Antigo Testamento: Gên. 10:23 e I Crô. 1:17. Nesta última passagem, ele aparece como um dos filhos de Sém, quando, na realidade, era um dos seus descendentes, através de Arã. Viveu por volta de 2200 A.C., ou mesmo antes disso. Mas, nenhum povo, nação ou população tem sido identificado como seus descendentes diretos.

GEZER

1. *O Nome*. No hebraico, essa palavra significa «precipício» A tradução da Septuaginta diz Gazera; mas aparece com a forma de *Geder*.

2. *Localização*. Gezer é uma antiqüíssima cidade que ficava localizada à margem noroeste da Sefelá, acima da planície marítima, cerca de vinte e nove quilômetros a noroeste de Jerusalém e a vinte e sete quilômetros a sudeste de Jafa. Dali obtém-se uma ótima visão da planície de Ono (Nee. 6:2). Essa planície era atravessada, na direção norte-sul, por uma estrada, que era a principal rota marítima da região. Uma estrada lateral, que conduzia à região montanhosa, através de Belém, levava diretamente a Gezer. Ocupava uma posição estratégica, visto que guardava uma das poucas estradas que levava de Jerusalém a Jafa. Ver II Sam. 5:25 e I Crô. 14:16, quanto a referências bíblicas a essa localidade.

3. *História*. Gezer fora uma cidade real dos cananeus, situada naquilo que se tornou a porção ocidental do território da tribo de Efraim. Até onde vão os registros históricos, foi mencionada pela primeira vez por Tutmés III, na lista de cidades que ele conquistou, quando de sua primeira campanha naquela região. Ali o nome da cidade aparece como *q-dj-r*. Em uma esteia, esse Faraó mencionou prisioneiros feitos em Gezer. Um tablete, em escrita cuneiforme, menciona os *gim* (Gath ou Gitaim). Gezer imiscuiu-se nas muitas batalhas e intrigas que o povo da área encetou contra o Egito. Os governantes de Gezer procuraram ocupar cidades e áreas-chaves que guardavam as rotas que conduziam a Jerusalém. Porém, o Faraó Merzepta intitulou-se de «redutor de Gezer», o que dá a entender que ele conseguiu dominar a oposição ao Egito que ali havia. Sua vitória ali é descrita em uma esteia que os arqueólogos descobriram. Quando da XVIII Dinastia egípcia, foi posta sob a direção de um governador egípcio (1570 A.C. e depois). Porém, obteve alguma independência e, na

época da conquista da Terra Prometida, pelos filhos de Israel, a cidade contava com seu próprio rei, Horão.

Já desde 3000 A.C., Gezer era um centro importante, tendo-se tornado uma virtual fortaleza. Por esse motivo foi que Josué (no século XIII A.C.) tendo atacado aquela área em geral, nunca conseguiu expelir os cananeus daquela região. Ver Jos. 10:33; 16:5,10 e Jui. 1:29. Israel obteve ali poder suficiente para forçar os habitantes a pagarem tributo e proverem labor forçado. Os levitas coatitas receberam a cidade como herança, bem como toda a região em redor, que, como já dissemos, fazia parte do território de Efraim. Ver Jos. 21:21; I Crô. 6:67.

Quando Davi estabeleceu a sua capital em Jerusalém, declarou guerra aos filisteus, tendo-os perseguido até Gezer (II Sam. 5:25; I Crô. 14:16). No século X A.C., o rei do Egito capturou e arruinou Gezer. O que sobrou, ele deu à sua filha, como presente de casamento. Por esse motivo é que Salomão reconstruiu a cidade (I Reis 9:16,17).

Não mais se ouve falar em Gezer, nas páginas da História, até a conquista da mesma pelos assírios, no tempo de Tiglate-Pileser, ou em sua campanha contra a Filístia (734 A.C.), ou em seu ataque contra Israel (733 A.C.). A arqueologia tem descoberto um relevo que fala sobre a conquista do lugar por esse monarca assírio. Dois tabletas, escritos em assírio, em escrita cuneiforme, encontrados entre as ruínas de Gezer mostram que Tiglate-Pileser estabeleceu ali uma colônia. Subseqüentemente, o controle do lugar retornou à Judéa, sob Josias e talvez também sob Ezequias.

Há algumas evidências de que alguns que retornaram do cativeiro babilônico estabeleceram residência em Gezer. Isso apesar de que o trecho de I Esdras 5:31, onde alguns manuscritos dizem «filhos de Gezer», diga em manuscritos de qualidade superior, «filhos de Gazem». Aparentemente, Gezer esteve envolvida no conflito entre a XXIX Dinastia egípcia e a Pérsia (398-393 A.C.), conforme uma laje de pedra, encontrada na área, parece dar a entender.

Antes do aparecimento dos Macabeus, Gezer era uma cidade gentilícia. Quando os governantes selêucidas foram derrotados, eles retiraram-se para Gezer, como um lugar de refúgio (ver I Macabeus 4:15 e 7:45). Baquides fez da cidade uma fortaleza (I Macabeus 9:52; Josefo, *Anti.* 13:1,3). Baquides (vide) foi governador da Mesopotâmia durante os dias de Antíoco Epifânio e general do exército sírio na época de Demétrio Soter. Simão Macabeu conquistou a cidade de Gezer, segundo nos diz Josefo (*Guerras* 1.2,2; *Anti.* 13.6,7). Mas Antíoco Sidete reconquistou a cidade (Josefo, *Guerras* 1.2,5; *Anti.* 13.7,3).

Quando do domínio romano, Gezer já havia perdido sua anterior importância, tendo sido reduzida a uma pequena aldeia. Na era bizantina, uma outra cidade, cerca de sete quilômetros de distância, para o sul-sudeste, Emaús-Nicópolis era muito mais importante do que Gezer. Eusébio, em seu *Onomástico* 66.19-68.2, descreve essa outra cidade.

4. *Arqueologia.* O local de Gezer foi identificado por C. Clermont-Ganneau, em 1870. Várias inscrições foram ali encontradas. O arqueólogo R.A.S. Macalister escavou as ruínas de Gezer em *Ten Jezer*, em 1902, e muitas escavações foram efetuadas durante o período de 1902-1909. Mais trabalho arqueológico foi ali desenvolvido em 1934, por A. Rowe. Em anos mais recentes, outros arqueólogos têm continuado as escavações, incluindo o *Hebrew Union College* e a Escola Bíblica e Arqueológica de Jerusalém, sob a direção de G.E. Wright. Ruínas ali achadas têm sido datadas dos períodos Calcolítico, Bronze Antigo I, II e III, Bronze Médio II, Bronze Posterior, Idade do Ferro e épocas das dominações persa, helenista e romana. Foi encontrado um portão que procede da época de Salomão. (ALB in JPOS, IV, 1924; ALB em BASOR, vol. 41; 1931; idem, n° 89, 1943; H. Darrell Lance, em BA, XXX, 1967, MACA (1912); ND UN Z)

GIA

No hebraico, «fonte». Um lugar, não identificado, mencionado somente em Sam. 2:24. Outros estudiosos preferem pensar no sentido

de «cascata» ou «ravina», para essa palavra. Estava na rota da fuga de Abner, quando fugia de Joebe e Abisai, depois de haver morto Aseel, seguindo a derrota das forças de Esbeal, pelas tropas de Davi. O local é mencionado em conexão com a colina de Amá.

GIBAR

No hebraico, «herói» ou «poderoso», nome do antepassado de noventa e cinco pessoas que voltaram do cativeiro babilônico com Zorobabel (Esdras 2:20). No trecho paralelo de Neemias 7:25, aparece o nome *Gibeom* em lugar de Gibar. Visto que essa lista de Neemias relaciona as pessoas às suas cidades de origem, e não a seus antepassados, no registro que se segue imediatamente, em Esdras 2:21, é incerto qual teria sido o original.

GIBEÁ

No hebraico, «colina», «outeiro». Nome usado com esse sentido em muitas passagens do Antigo Testamento, tanto para indicar várias localizações geográficas como até mesmo de uma pessoa. Visto que Israel era uma região montanhosa, na maior parte de seu território, não é surpreendente que muitas localidades tivessem sido denominadas Gibeá.

1. Quanto a localidades que tinham esse nome, devemos notar que vários nomes usados no Antigo Testamento derivam-se da mesma raiz, do que resulta uma certa confusão. Assim, há os nomes Geba, Gibeá, Gibeate e Gibeom. O texto massorético exhibe considerável confusão no que concerne a esses nomes. Quanto a esse texto, ver sobre a *Massorah*. Assim Gibeom, uma das principais cidades dos *heveus* (Jos. 11:19) é confundida com Gibeá de Saul (II Sam. 21:6), e também como Geba, mencionada em I Crônicas 14:15. E, então, para confundir as coisas ainda mais, a Gibeom de I Crônicas 14:16, na realidade, é a mesma que a Geba de II Sam. 5:25. Geba e Gibeá, mui provavelmente, referem-se ao mesmo lugar e são freqüentemente confundidas. Em Juizes 20:31, não há como fazer com que o caminho ali mencionado na realidade fosse de Gibeá a Gibeá, pelo que deveríamos pensar de Gibeá a Geba. Nossa versão portuguesa resolve a dificuldade dizendo «...para Gibeá do Campo». Mas, dois manuscritos posteriores do texto massorético, em vez disso, dizem «para Geba». Contudo, em Juizes 20:10, Geba, sem dúvida é Gibeá. Nossa versão portuguesa diz ali: «...Gibeá de Benjamim». Na verdade, Geba é a forma masculina do nome, ao passo que Gibeá é a forma feminina do mesmo nome, e parece que as duas formas eram usadas intercambialmente. Assim, se o leitor sentir-se confuso diante de tantos nomes parecidos, pelo menos poderá consolar-se diante do fato de que os eruditos também têm ficado confusos.

2. Gibeá era o nome de uma cidade na região montanhosa de Judá (Jos. 15:27), identificada com a moderna *el Jab'ah*, situada cerca de dezesseis quilômetros a noroeste de Beit Immar. Talvez fosse essa a cidade natal de Micaia, a mãe de Abias, rei de Judá (II Crô. 13:2). Dando-lhe o nome de Babaata Eusébio e Jerônimo situavam-na a doze milhas romanas de Eleuterópolis, afirmando que ali é que residia o profeta Habacuque. Ficava cerca de treze quilômetros e meio a sudoeste de Jerusalém.

3. Também havia uma Gibeá nas colinas de *Efraim*, uma área que pertencia a Finéias, neto de Aarão. Foi ali que Eleazar, o sacerdote, foi sepultado (Jos. 24:33). Josefo (*Anti.* 5.1,29) chegou a mencioná-la; mas, atualmente, sua localização é desconhecida. O *Onomástico* de Eusébio situava-a a cinco milhas romanas de Gofna, na estrada para Neópolis (Siquém). Ela ficava cerca de quinze milhas romanas ao norte de Jerusalém. Alguns estudiosos têm-na identificado com o *wady el-Jib*, a meio caminho entre Jerusalém e Siquém.

4. Gibeá também era uma cidade de *Benjamim* (I Sam. 13:5), também chamada «Gibeá de Saul» (I Sam. 11:4). Era assim chamada porque foi ali que Saul nasceu (I Sam. 10:26). Ele usou a cidade como sua residência, quando era rei de Israel (I Sam. 13-15). Nos tempos de Davi, depois que ele passou a controlar Israel, os gibeonitas enfor-

caram sete dos descendentes de Saul, nas muralhas de Gibeá, a fim de fazer expiação pela matança que ele provocara entre os habitantes daquele lugar (II Sam. 21:6). A Septuaginta diz «Gibeom» nesse lugar. Antes disso, o local serviu de cena de um crime desumano, registrado em Jui. 19:12 ss, por causa do qual os benjamitas foram quase exterminados. No conflito intenso que se seguiu, foram mortos quarenta mil homens das outras tribos, e vinte e cinco mil homens de Benjamim, tudo por causa de concupiscência sexual envolvendo a concubina de um levita. O levita desmembrou o corpo de sua concubina e enviou pedaços do mesmo a várias porções de Israel, exigindo vingança. Os israelitas aniquilaram a localidade, mas pouparam quatrocentas virgens para serem esposas dos seiscentos homens benjamitas sobreviventes (Juizes 19-21). E as outras mulheres, que se faziam necessárias, foram trazidas de Silo.

W.F. Albright começou a fazer escavações nesse lugar, em 1922. O local moderno chama-se *Tell el-Ful*, que significa «colina dos Feijões». Fica cerca de cinco quilômetros ao norte de Jerusalém. O local dá mostras de ter sido habitado por muitos povos. Seu primeiro nível representa o fim da Idade de Bronze e o começo da era do Ferro, quando então foi construída ali uma fortaleza (perto do fim do século XII A.C.). Esse lugar foi incendiado mais ou menos nesse tempo; e alguns estudiosos identificam isso com a destruição descrita no livro de Juizes 19 e 20, ligada ao relato mencionado no parágrafo anterior. O lugar continuou desabitado por cerca de um século depois disso. O segundo nível representa a época de Saul. Novamente tornou-se uma fortaleza. Um arado de ferro foi um dos itens ali encontrados. Os filisteus, porém, destruíram-na e, novamente, a mesma ficou desabitada, somente para vir a ser habitada novamente, algum tempo mais tarde. Porém, após os dias de Davi, a cidade foi abandonada novamente pelo espaço de mais um século. O terceiro nível revelou uma fortaleza que foi usada entre os séculos IX e VII A.C. Esse lugar pode estar vinculado à Geba mencionada em I Reis 15:22, e onde, provavelmente, o nome correto deve ser Gibeá (nossa versão portuguesa diz «Geba»). Essa fortaleza foi destruída por Nabucodonosor; e seguiu-se então um abandono por diversos séculos. O lugar foi novamente fortificado na época dos Macabeus. Judeus residiram esporadicamente no local, até a destruição de Jerusalém, no ano 70 D.C. E, a partir dessa data, o local nunca mais foi habitado. Um curioso achado arqueológico foi encontrado nesse local. Uma manjedoura de pedra foi achada ali, com data aproximada do tempo do nascimento de Jesus Cristo. Pode-se supor que a manjedoura mencionada por ocasião do nascimento de Jesus era similar a essa. Ver as notas expositivas no NTI, em Lucas 2:7, quanto a informações sobre a manjedoura de Jesus.

5. Há uma outra Gibeá em I Samuel 10:10, chamada de «Gibeá-Eloim» em I Sam. 10:5. Essa localidade tem sido identificada com Ram Allah; mas outros estudiosos preferem identificá-la com Gibeá de Saul. No entanto, o mais provável é que tenha sido um lugar distinto, provavelmente o mesmo que Geba Ram Allah onde Saul mostrou-se ativo e onde residia. Saul visitou esse lugar, mas, aparentemente isso ocorreu antes de ter escolhido o local como sua residência.

6. Gibeá em *Quiriate-Jearim*. Foi nessa localidade que a arca da aliança foi guardada em segurança depois que os filisteus a devolveram aos israelitas, até que Davi, finalmente, transportou-a para Jerusalém (II Sam. 6:3,4; ver também I Sam. 7:1,2).

7. Certo homem, chamado Gibeá, era descendente de Calebe (I Crô. 2:49). O nome de seu pai era Seva, cuja mãe era Maaca, uma das concubinas de Calebe (I Crô. 2:48). Viveu em cerca de 1410 A.C.

GIBEÁ DE SAUL

Ver sobre **Gibeá**, quarto ponto.

GIBEAETE

Em algumas versões (embora não em nossa versão portuguesa, que diz «Gibeá»), esse é o nome de uma cidade da tribo de Benjamim,

perto de Jerusalém (Jos. 18:28). Alguns identificam esse lugar com a Gibeá de Benjamim (ver sobre Gibeá, quarto ponto, chamada «Gibeá de Saul»), que ficaria cerca de oito a dez quilômetros ao norte de Jerusalém. Mas outros estudiosos preferem pensar em uma cidade diferente, embora próxima daquela.

GIBEAETITA

Adjetivo gentílico que indica um nativo de Gibeá (*vide*). É adjetivo aplicado a Semaá, pai de dois benjamitas que, a princípio, serviam a Saul, mas que depois bandearam-se para Davi (I Crô. 12:3).

GIBEOM

1. O Nome. No hebraico, **ghibhon**, significa «colina», «outeiro». Ver o artigo separado sobre *Gibeá*, uma palavra que vem da mesma raiz, e que designa várias cidades mencionadas no Antigo Testamento. Gibeom era uma cidade que ficava cerca de dez quilômetros a noroeste de Jerusalém, na estrada para Joaze.

2. Caracterização Geral e História. Gibeom foi uma célebre cidade dos dias do Antigo Testamento. O nome não ocorre no Novo Testamento. Era uma grande cidade, originalmente uma das capitais dos heveus. Ver Jos. 11:19. É mencionada pela primeira vez no Antigo Testamento em conexão com o ludíbrio que seus habitantes pespegaram em Josué. Eles induziram-no não somente a entrar em liga com eles assim poupando-os do extermínio, mas também a fazer guerra contra cinco reis, que os tinham ameaçado. Ver Jos. 9:3-17. Assim agindo, eles escaparam da mesma sorte que tinham tido as cidades de Ai e Jericó. Josué entrou em acordo com os embaixadores de Gibeom, antes de saber que eles eram da cidade, a qual, naturalmente, fazia parte da lista das cidades que precisavam ser conquistadas. O tratado incluiu as aldeias de Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim. Mas embora Josué tivesse cumprido a palavra empenhada não os destruindo, reduziu-os à servidão, de tal modo que se tornaram lenhadores e puxadores de água. Ver Jos. 9:23. A circunstância criada por esse acordo provocou a batalha de Bete-Horom, durante a qual houve o famoso longo dia de Josué. Ver Jos. 10. Em nosso artigo sobre a *Astronomia*, quinto ponto, discutimos vários itens interessantes na Bíblia, relativos a esse assunto.

Finalmente, a região foi entregue a Benjamim, como possessão, e então a cidade foi declarada cidade dos levitas. Ver Jos. 18:25 e 21:17. Após a destruição de Nobe, por parte de Saul, o tabernáculo foi armado em Gibeom, onde permaneceu até a construção do templo de Jerusalém. Ver I Crô. 16:39; I Reis 3:4,5 e II Crô. 1:3 ss.

Os gibeonitas levavam uma vida precária entre os israelitas. Saul, aparentemente, só tolerava a presença deles. No entanto, lemos acerca de uma grande matança contra os gibeonitas, que ele promoveu (II Sam. 21:1 ss.). Nos dias de Davi, eles exigiram que fosse feita justiça contra esse ato, em razão do que sete dos filhos de Saul foram entregues aos gibeonitas, os quais foram por eles executados. Somente Mefibosete foi poupado.

O conflito entre os soldados de Joabe e os soldados de Abner teve lugar em Gibeom; mas a luta não envolveu os nativos do lugar (II Sam. 2:12 ss). Joabe ganhou a batalha, mas não foi capaz de deitar mão em Abner.

Salomão foi até Gibeom a fim de oferecer sacrifícios, e foi ali que Deus sondou-o acerca de seus mais profundos desejos. Salomão escolheu a sabedoria, e não vantagens pessoais e materiais, e acabou ganhando até mesmo esse tipo de vantagens (I Reis 3:4; II Crô. 1:3 ss). Nessa época, Gibeom era um dos lugares altos onde se efetuava um culto idólatra, o que prevaleceu ali por longo tempo. Como um dos *lugares altos*, Gibeom é mencionada novamente por duas vezes, em I Crônicas 16:39 e 21:29.

Com base em Jeremias 41:16, aprendemos que, após a destruição de Jerusalém por Nabucodonosor, Gibeom tornou-se, novamente, a sede do governo de toda aquela região.

Cerca de quinhentos anos depois da associação de Gibeom com Salomão, Melatias e outros naturais de Gibeom ajudaram Neemias a

reconstruir as muralhas de Jerusalém. Ver Nee. 3:7, ver também Nee. 7:25. Um falso profeta de Gibeom era chamado Hananias e Jeremias predisse a sua morte (Jer. 28:1 ss). As genealogias de I Crônicas 8:29 e 9:35 mencionam um homem de nome Gibeom; e o mais provável é que se tratasse de um homem da cidade de Gibeom.

3. A Arqueologia e a Cidade de Gibeom. James B. Pritchard, da Universidade do Estado da Pennsylvania, dirigiu as escavações em Gibeom, nos verões dos anos de 1956, 1957, 1959 e 1960. Essas escavações foram feitas no local chamado modernamente *el-Jib*. Foram encontrados restos arruinados de habitações, que remontam à era do Bronze Antigo e Médio II. Uma ocupação pertencente à era do Bronze Posterior talvez tenha sido o lugar conhecido por Josué. Pertencente à Idade do Ferro Antigo, foi escavado um grande poço seco, com uma escadaria que descia por suas paredes internas, até uma profundidade de 10,70 m escavada na rocha. Dali descem outros degraus, descendo por um túnel por outros cinquenta metros, até uma câmara com água. Esse túnel contava com noventa e três degraus, escavados na rocha sólida. Os arqueólogos não têm muita certeza quanto à razão dessa construção; mas parece que ali havia um manancial de água. É possível que o *açude de Gibeom*, mencionado em II Sam. 2:13, seja precisamente essa construção. Em data posterior, um outro túnel foi aberto até uma fonte fora das muralhas da cidade, a fim de obter maior suprimento de água para a cidade. Nas asas de várias jarras ali encontradas, havia selos reais, juntamente com os nomes dos proprietários e daquela cidade, Gibeom. Essa escavação, provavelmente, foi feita no século VII A.C., conforme demonstram as descobertas feitas naquela área em geral. A esse mesmo período pertence uma extensa indústria de fabrico de vinhos. Jarras fechadas de vinho eram guardadas em adegas frescas, escavadas na rocha. As asas das jarras tinham nomes familiares aos leitores da Bíblia, como Amarias, Azarias e Hananias. A abundância de jarras encontradas, talvez, indique que elas estavam relacionadas à indústria produtora de vinhos do local. Adegas para estocar vinhos, cortadas na rocha, chegavam ao número de sessenta e seis.

Uma grande necrópole foi desenterrada, pertencente aos tempos romanos. Vários túmulos e um columbário estavam entre as coisas descobertas. Muitos artefatos foram recuperados dentre essas descobertas, incluindo excelentes espécimes de cerâmica. (AM ND PRIT (1962) UM Z)

GIBEONITAS

Ver o artigo sobre **Gibeom**. O termo **gibeonitas** refere-se aos habitantes da cidade de Gibeão, como também, talvez, dos habitantes das três aldeias circunvizinhas de Gibeom, Quefira, Beerote e Quiriate-Jearim (Jos. 9:17). Temos relatado a história dessa gente, no tocante a Israel, no artigo sobre *Gibeom*, pelo que não repetimos aqui esse material. Após o tempo de Saul, não há menção aos gibeonitas como um povo distinto, mas eles podem ser considerados como parte dos *netinins* (vide). Eles foram perdendo importância como um povo, por causa das matanças sofridas. Os gibeonitas eram contados entre os mais antigos habitantes da terra de Canaã. O trecho de Josué 11:19 chama-os de *heveus*. Alguns dentre os *netinins* foram nomeados servos do templo de Jerusalém (I Crô. 9:2), com base no que, entendemos que houve um processo de absorção, fazendo de alguns deles, senão mesmo da maioria deles, israelitas. Além das referências gerais a essa gente, houve um poderoso guerreiro gibeonita, que foi um dos heróis de Davi, que fez parte de sua guarda pessoal de trinta valentes, chamado «Ismaias» (I Crô. 12:4). Um outro gibeonita foi Melatias, que ajudou Neemias a reconstruir as muralhas de Jerusalém, após o cativo babilônico.

GIBETOM

No hebraico, «altura» ou «cômoro». Esse era o nome de uma cidade dos filisteus que ficava nos territórios ocupados pela tribo de Dã (Jos. 19:44). Foi entregue aos levitas como sua possessão. Foi ali que Baasa matou Nadabe (I Reis 15:26). Onri atacou a cidade e conquistou-a

dos filisteus. Também foi ali que Onri foi proclamado rei, e foi dali que ele partiu, a fim de declarar guerra ao renegado rei Zinri, o qual foi morto, e cujo lugar Onri ocupou. Ver o relato inteiro em I Reis 16:11-20. O local antigo tem sido identificado com o moderno Tell Melat. Gibetom era uma importante fortaleza no ramo oriental do chamado Caminho do Mar, a rota utilizada por Tutmés III em suas campanhas militares contra a Síria, e por Esar-Hadom, em seu ataque contra o Egito.

GIDALTI

No hebraico, «tornei grande» ou «magnifiquei (a Deus)». Esse era o nome de um levita coatita, filho de Hamã. Este último atuava no templo de Jerusalém como cantor, e Gidalti era dessa mesma profissão. Ver I Crô. 25:4,6,7. Eles faziam parte do vigésimo segundo dos vinte e quatro turnos de sacerdotes que cuidavam do culto divino (I Crô. 25:29). Gidalti e treze irmãos tocavam a trombeta de chifre, nos cultos do templo. Isso aconteceu por volta do ano 1000 A.C. Diversos dos nomes dados no quarto versículo não podem ser explicados como nomes hebreus, e isso tem servido de problema para os intérpretes. Alguns estudiosos supõem que não se tratam de nomes próprios, mas de um versículo de um salmo ou de uma lista de salmos. Por outro lado, o conhecimento que temos do hebraico antigo não é tão grande assim; e, por isso mesmo, os nomes poderiam ser nomes semíticos aceitáveis, embora não os conheçamos através de qualquer outra fonte informativa.

GIDEÃO

Esboço:

- I. Nome e Pano de Fundo Bíblico
- II. Caracterização Geral
- III. Eventos Significativos e Lições da Vida de Gideão
- IV. Gideão no Novo Testamento

I. Nome e Pano de Fundo Bíblico

Essa palavra vem do hebraico e significa «lenhador» ou «guerreiro». Ele era filho de Joá, o abiezrita, da tribo de Manassés, que residia em Ofra, em Gileade, do outro lado do rio Jordão. Ele foi o quinto juiz de Israel, segundo os registros bíblicos. Em Juízes 7:32 e 7:1, ele também é chamado *Jeruboaal*, que significa «que Baal se esforce» ou então «que Baal pleiteie». E o nome **Jerubeseite** aparece em II Samuel 11:21, um nome que significa «que a vergonha se esforce». Esses nomes eram sobrenomes.

II. Caracterização Geral

Gideão foi quem libertou os israelitas dos midianitas. O relato aparece no livro de Juízes capítulos sexto a oitavo. Os midianitas, que eram nômades árabes dos desertos da Síria e da Arábia, tinham invadido a porção central da Palestina. Em um de seus muitos súbitos ataques, eles mataram os irmãos de Gideão, em Tabor. Foi então que Gideão recebeu uma experiência mística, na qual o Anjo do Senhor chamou-o, com o intuito de fazer dele o libertador de Israel. E foi-lhe dito que derrubasse o altar de Baal e erigisse, no lugar do mesmo, um altar dedicado a *Yahweh*. Por causa desse feito, ele obteve o apodo de *Jerubaal* (ver III.2). Gideão reuniu uma pequena força (muito menor do que seria necessária para a tarefa), e surpreendeu os midianitas sob a escuridão da noite. E foi capaz de empurrá-los na direção do rio Jordão, capturando e matando dois dos príncipes midianitas, Orebe e Zeebe. Gideão continuou a perseguição, até as margens do rio Jordão, e ali alcançou os reis midianitas Zeba e Zalmuna, aos quais prontamente executou.

Visto que agora Gideão era um herói militar e realizara um importante serviço, Israel quis fazer dele um rei. Os reis eram úteis especialmente para fins de organização e proteção. Quando Israel exigiu um rei, o propósito deles era, essencialmente, esse. Mas, para surpresa geral, Gideão não estava interessado em tornar-se rei. Só queria os brincos de ouro que havia tomado como parte dos despojos de guerra. Isso lhe foi concedido, e, com esse material, ele fez uma *estola* sacerdotal, a fim de honrar a *Yahweh*. A estola era uma espécie de veste sacerdotal. Ver Juízes 8:27. Essa estola, provavelmente, foi pendurada

em algum lugar conspícuo da cidade de Ofra. Era apenas um memorial, mas os israelitas transformaram-na em um ídolo. Em outras palavras, tornou-se o centro de atração de um santuário religioso, sendo provável que petições e promessas fossem feitas ali, conforme se vê nos modernos santuários idólatras. O texto bíblico denomina isso de «prostituição», conforme podemos ler em Juízes 8:27, visto que toda idolatria desvia os homens para longe da adoração ao Senhor, sendo uma infidelidade espiritual. A questão inteira pois tornou-se prejudicial para Gideão e seus familiares. Mas, seja como for, o serviço prestado por Gideão, livrando Israel de seus adversários, foi um dos pontos altos na história de Israel, antes da monarquia. Por isso é que, nos livros proféticos, encontramos a expressão «dia dos midianitas», para indicar um evento significativo. Ver Isaías 9:4. Esse evento tornou-se ainda mais significativo porque aquele foi um acontecimento provocado por Deus, sem a ajuda humana.

III. Eventos Significativos e Lições da Vida de Gideão

1. Gideão surgiu em cena em um *período necessário* da história de Israel. Os midianitas e amalequitas, além de outras tribos nômade, tinham invadido e saqueado Israel. Israel ainda não havia centralizado o governo. As tribos eram desunidas e desorganizadas. Cada indivíduo fazia aquilo que melhor lhe agradasse (Juí. 21:25). A idolatria era comum. As plantações dos israelitas eram regularmente saqueadas e destruídas, deixando-os passar fome. Em meio a toda essa tribulação, os israelitas clamaram ao Senhor. Gideão, pois, foi a resposta dada por Deus. Ele era o homem da hora e do momento. Cada um de nós tem alguma missão significativa a cumprir, alguma singularidade que pode ser útil para o propósito divino. Ver Apo. 2:17.

2. *A Intervenção Divina.* O Anjo do Senhor anunciou a chamada divina a Gideão (Juí. 6:11 ss). Gideão pediu um sinal confirmatório de que tivera uma genuína visitação da providência divina, e o Anjo fez com que o alimento posto sobre uma pedra fosse instantaneamente consumido, quando tocou no mesmo com a ponta de seu cajado. Diante disso Gideão reconheceu que seu visitante era o próprio Anjo do Senhor, e exclamou: «Ai de mim, Senhor Deus, pois vi o Anjo do Senhor face a face» (Juí. 6:22). Naturalmente, essa é uma grande lição, e a nossa fé religiosa deveria levar-nos na direção das realidades espirituais, para encará-las de frente. A mera ortodoxia doutrinária jamais satisfaz à alma humana. Precisamos, igualmente, do toque místico em nossas vidas, para que seja criada e mantida uma fé vital. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*.

Atendendo à comissão divina, Gideão teve a coragem de derrubar o altar de Baal, derrubando também o bosque que era usado como lugar de adoração a essa divindade pagã. Em lugar de Baal, Gideão levantou um altar a Yahweh, e ali fez oferendas ao Senhor. Foi então que Gideão foi apelidado de Jerubaal, «que Baal pleiteie», isto é, em seu próprio favor, visto que seu altar fora derrubado. O povo queria executar Gideão pelo que ele tinha feito, mas Joás conseguiu persuadir o povo de que se Baal fosse realmente um deus, ele poderia defender-se sem ajuda humana.

3. *A Famosa Porção da Eira.* O Espírito do Senhor estava com Gideão, mas, a despeito disso, ele não tinha muita certeza. Por isso, requereu um sinal da parte de Deus, para mostrar que, realmente, era intenção de Deus livrar Israel por intermédio dele. Ele era apenas um agricultor, sem qualquer treinamento para a guerra; e, além disso, era temível a tarefa que lhe fora dada, que facilmente poderia custar-lhe a própria vida. Assim, solicitou um sinal divino. E isso nos fornece a história das duas porções de lã que ele deixou ao relento (Juí. 6:37 ss). Uma só porção de lã não lhe pareceu suficiente. Apesar da primeira prova ter-lhe sido atendida, ele continuou na dúvida. Mas, quando o sinal lhe foi concedido pela segunda vez, a porção de lã ficou seca e o terreno ao redor ficou úmido com o orvalho, então ele reconheceu que, de fato, Deus estava com ele. Esse relato é familiar para qualquer criança da Escola Dominical, e continua a encantar-nos. Quem de nós já não expôs a sua porção de lã para submeter a teste a vontade de

Deus? Algumas vezes, funciona; de outras vezes, não. Mas, seja como for, a providência divina cuida de todos nós, se buscarmos honestamente a vontade de Deus.

4. *Trabalhando com Pouca Coisa.* Gideão ansiava por reunir uma força armada para medir forças com os midianitas. Deus, porém, não precisava dos planos e nem das forças de Gideão. Pelo contrário, diminuiu o Senhor o número dos homens e armas. Todos aqueles que não tivessem coragem de lutar, podiam retirar-se. Portanto, nada menos de vinte e dois mil homens o fizeram, e somente dez mil restaram. Mas isso ainda era mais do que Deus precisava, embora Gideão precisasse desesperadamente. Mas um teste, para ver quem beberia água à beira do rio sem desviar a vista para a frente, permitiu que somente trezentos homens armados continuassem. Todos os que beberam água como cães, lambendo-a com a língua, foram enviados para casa. No entanto, os midianitas e os amalequitas formavam um grande exército, como se fossem uma praga de gafanhotos, e os seus camelos não tinham número. Eram como a areia do mar, por causa de sua grande multidão (Juí. 7:12). Gideão, em meio aos preparativos para a batalha, foi encorajado por uma experiência mística, uma visita noturna do Anjo do Senhor (Juí. 7:9 ss). Nessa visão, foram dadas a Gideão instruções vitais. Em seguida, Gideão conseguiu ouvir um sonho que um dos soldados inimigos tivera, e que predizia a vitória dos israelitas (Juí. 7:13,14). Gideão acreditou no sonho, pois compreendeu que se tratava de um sinal que Deus permitira que lhe fosse dado. E isso tudo muito o encorajou.

Foi criado o *notável estratagema* dos cântaros e das tochas. Cada um dos trezentos homens de Gideão recebeu uma trombeta, cântaros vazios e tochas dentro dos cântaros. Aproximando-se do acampamento do inimigo no escuro, quando os soldados midianitas estavam dormindo, primeiramente partiram os cântaros, produzindo grande ruído. Então gritaram juntos: «Pelo Senhor e por Gideão!» As tochas acesas davam a impressão de que, por detrás dos trezentos homens, havia um grande exército pronto para atacar. O resultado do estratagema é que o terror apossou-se dos soldados midianitas. Muitos fugiram em desabalada confusão; e outros, em estado de pânico, lançaram-se contra as gargantas de seus colegas. O resultado disso foi uma grande matança entre os midianitas com completa derrota do inimigo. E vários dos líderes principais estavam entre os mortos.

A lição é óbvia; e, para nós, vital, em muitos casos. Deus pode fazer muita coisa contando com bem pouco, podendo obter vitórias inesperadas. O relato inteiro representa uma intervenção divina, em que o homem fez a sua pequena parte, parte essa que, por si mesma, teria sido insuficiente. Notemos que todo o ocorrido foi preparado por sinais e comunicações espirituais. O sétimo capítulo do livro de Juízes conta a história em sua inteireza.

5. *A Estola: Sinal e Idolatria.* Temos comentado a esse respeito na segunda seção, intitulada *Caracterização Geral*. Vemos ali como uma coisa boa pode ser distorcida ao ponto de levar um homem piedoso a cair numa armadilha, através da astúcia e distorção mental de outras pessoas.

6. *Gideão Rejeita a Glória Terrena.* Muitos militares tornaram-se os grandes líderes de seus países. As pessoas admiram o poder, a decisão e as glórias obtidas em campo de batalha. Gideão entretanto, foi uma exceção a isso, tendo rejeitado a idéia de tornar-se rei de Israel. O povo de Israel precisava de organização e de proteção (Saul, finalmente, foi escolhido como rei, a fim de prover essas coisas à nação), mas Gideão sabia que o trono não era o lugar que lhe competia. Na determinação da vontade de Deus, algumas vezes é importante sabermos o que precisa deixar de ser feito, mesmo quando pareça lógico realizar isto ou aquilo. Ver Juí. 8:22 ss.

7. *Um Período de Paz.* A vitória sobre os midianitas trouxe um período de paz e tranqüilidade para Israel. Gideão nunca mais precisou fazer o papel de guerreiro. Antes, encontramos Gideão vivendo entre seus muitos filhos, nada menos de setenta, visto que conforme dizem as Escrituras, ele «...tinha muitas mulheres» (Juí. 8:30). O notó-

rio *Abimeleque* (vide), foi um desses filhos de Gideão, e acabou entrando pelo mau caminho. Por ocasião da morte de Gideão, Abimeleque assassinou todos os seus irmãos, com a única exceção do mais jovem, Jotão, que conseguira ocultar-se. Ver Juí. 8:28-32 e cap. 9. Gideão, entretanto, viveu até avançada idade; e, quando faleceu, foi sepultado no sepulcro de Joás, seu pai, em Ofra, sua cidade natal.

IV. Gideão no Novo Testamento

No Novo Testamento, Gideão obtém um lugar de honra na lista dos heróis, no décimo primeiro capítulo da Epístola aos Hebreus (vs. 32). Ele foi um dos que subjugarão um reino por meio da fé. A expressão «dia dos midianitas» parece ter-se tornado proverbial para indicar alguma libertação divina, sem a ajuda humana (ver Isa. 9:4). Isso é algo que precisamos lembrar. Todos nós podemos ter o nosso próprio «dia dos midianitas», quando o poder de Deus faz alguma coisa acontecer que está acima de nossas forças. Desse modo, tal como no caso de Gideão, Deus obtém para si mesmo toda a glória, e nós temos a oportunidade de nos maravilharmos diante de sua graça. (AM G IB YAD Z)

GIDEL

No hebraico, «grande». Esse é o nome de dois homens, mais conhecidos nas Escrituras através de seus descendentes, a saber:

1. Um ascendente de uma família de netinins, ou servos do templo. Eles retornaram em companhia de Zorobabel do exílio babilônico (vide). Ver Esd. 2:47 e Nee. 7:49. No trecho paralelo de I Esdras, em lugar de Gidel aparece *Catua*.

2. Um ascendente de outra família de servos do templo, da época de Salomão. A referência específica é aos descendentes dele, que retornaram do cativeiro babilônico em companhia de Zorobabel (Esd. 2:56 e Nee. 7:58). Eles o acompanharam na mesma caravana. Os filhos originais dos servos de Salomão descendiam de prisioneiros de guerra, sujeitados a labores forçados (ver Jos. 9:23 e I Reis 9:21).

GIDEONI

No hebraico, «guerreiro». Esse era o nome do pai de Abidã, um príncipe da tribo de Benjamim, e um daqueles que foram nomeados para fazer o recenseamento do povo de Israel na península do Sinai. Gideoni viveu por volta de 1490 A.C. O seu nome aparece por cinco vezes no Antigo Testamento: Núm. 1:11; 2:22; 7:60,65 e 10:24.

GIDOM

No hebraico, «detonação», «derrubada». Esse foi o lugar para onde os guerreiros restantes da tribo de Benjamim fugiram, diante das demais tribos de Israel. Os benjamitas caíram no erro de dar apoio aos algozes da concubina de um levita. O levita desmembrou o corpo morto de sua concubina e enviou pedaços para todo o Israel, exigindo vingança. Ver Juí. 20:45. Aparentemente, Gidom ficava situada entre Gibeá e a colina de Rimom. No entanto, o local exato é desconhecido para a erudição bíblica moderna. Sabe-se apenas que ficava cerca de cinco quilômetros a leste de Betel.

GIGANTES

Várias palavras hebraicas têm sido traduzidas por «gigante». Nenhuma delas significa, especificamente, um «gigante». Mas, devido à maneira como foram usadas, vieram a ser associadas a raças de gigantes. As lendas antigas associavam pessoas de estatura incomum como se fossem prole de mulheres com criaturas angelicais. O trecho de Gênesis 6:4 é assim interpretado por alguns estudiosos, e não há que duvidar que pelo menos alguns rabinos assim compreendiam esse versículo. Por exemplo, o vocábulo hebraico *nefil*, um dos termos envolvidos, na realidade significa «valentão» ou «tirano». O Targum de Jônatas menciona esses seres, chamando-os pelos nomes de Sancezai e Uziel, e classifica-os como anjos caídos. O mesmo conceito tem sido promovido em várias obras pseudepigráficas do período intermediário entre o Antigo e o Novo Testamentos. A maioria dos especialistas na Bíblia não leva isso muito a sério, mas é

possível que esse tivesse sido o sentido na mente do autor original do livro de Gênesis. Seja como for, oferecemos abaixo um sumário das passagens onde ocorre a palavra «gigantes»:

1. *Nefil* (*nefilim*), que se deriva do verbo *nafal*, «cair», o que nos permite traduzir aquela palavra por «caídos». Temos aqui a questão mencionada no parágrafo anterior, que envolve o trecho de Gênesis 6:4. Minhas fontes informativas estão divididas quanto à questão da interpretação. Alguns estudiosos entendem ali a menção a *anjos caídos* pelo que os gigantes envolvidos seriam uma *prole desnatural* (Unger). John Gill, em contraste com isso, embora mencione essa interpretação, refere-se a eles como seres humanos naturais especialmente debachados (portanto, *caídos*). Nesse caso, a expressão «filho de Deus» refere-se a homens espiritualmente dotados, e não a anjos ou seres não-humanos de qualquer espécie. Alguns intérpretes admitem a força desses argumentos; mas declaram que, quer gostemos quer não, isso é o que o texto ensina, e que, naturalmente, o texto fala de uma lenda. Mas há quem prefira interpretar a passagem como o rompimento da separação entre a linhagem piedosa de Sete e a linhagem ímpia de Caim, em razão do que o testemunho sobre Yahweh, que fora entregue à linhagem de Sete, acabou falhando (ver Gên. 4:26).

A mesma palavra hebraica aparece em Números 13:33, referindo-se a um povo agigantado, chamado de os *anaquins*, ou filhos de Aneque.

2. *Refaim*. Essa palavra significa «fortes». Refere-se a uma raça de gente que vivia no lado oriental do rio Jordão. Eles emprestaram o seu nome a um vale perto de Jerusalém. Os intérpretes referem-se às tribos originais de Moebe, Edom e Amom, nos dias de Abraão (cerca de 1950 A.C.). Quedorisomer, segundo as Escrituras, derrotou-os quando se aliaram uns com os outros. No período da conquista da Terra Prometida (cerca de 1440 A.C.), Ogue, rei de Basã, representava o que restava ainda desse povo. Ver Deu. 3:11, Jos. 12:4 e 13:12. O trecho de II Sam. 21:6,18,20,22 (ver também I Crô. 20:4,6,8) refere-se a certos filisteus como «descendentes dos gigantes», homens de elevada estatura.

3. *Anaquins*, ou seja, «filhos de Anaque». No capítulo treze de Números, os espias enviados por Moisés, em preparação para a conquista da Terra Prometida, encontraram essa gente. Os vs. 32 e 33 mencionam homens de *grande estatura*, que faziam os homens de Israel assemelharem-se a gafanhotos. Eram os filhos de Anaque. A passagem de Deuteronômio 9:2 mostra que a estatura gigantesca dessa gente tornara-se proverbial. Nos dias de Moisés, eles habitavam nas regiões de Hebrom (Jos. 11:22). Havia três clãs principais, encabeçados por Aimã, Sesai e Talmã, todos eles filhos de Aneque (Núm. 13:22). Josué conseguiu destruir essencialmente esses clãs (Jos. 11:21; Juí. 1:20).

4. *Emins*. O trecho de Deuteronômio 2:10 menciona essa raça de gigantes, que habitava na região de Moabe. Lemos, em Gênesis 14:5 e Deuteronômio 2:11, que eles eram tão altos e numerosos quanto os enamins.

5. *Zanzumins*. Ver Deuteronômio 2:20. Esses formavam uma raça de gigantes que habitavam na terra de Amom. Quando da conquista da Terra Prometida, esse povo também foi essencialmente destruído.

6. *Gibor*, que significa «homem poderoso» ou «valente» (conforme se vê em Gên. 6:4; Jos. 1:14 e I Sam. 9:1). Em algumas traduções, como em Jó 16:14, dizem «gigante» (nossa versão portuguesa diz «guerreiro», uma tradução bem provável). A Septuaginta diz *gigas* (gigantes) em Gên. 6:4; 10:8,9; I Crô. 1:10; Sal. 29:5; 33:16; Isa. 3:2 e várias outras passagens.

7. *Referências Miscelâneas*. Da Gate dos filisteus, onde moravam os anequins, é que veio o famoso gigante Golias (I Sam. 17:4). Alguns dizem que ele descendia dos refains, um remanescente dos quais fugira para a Filistia. De acordo com a Bíblia, sua altura era de seis côvados e um palmo, o que fazia dele um homem com 2,75 m de altura. Isso pode parecer impossível; mas eu conheci pessoalmente um lutador profissional que tinha 2,45 m de altura. Basta adicionar mais

trinta centímetros para que se chegue à altura de Golias. Ver o artigo separado sobre *Golias*. Dois outros gigantes filisteus são mencionados em II Samuel 21:16-22. As mitologias babilônica e grega mencionam gigantes e seres imortais de imensa estatura, capazes de ter filhos com mulheres humanas, em paralelo com a possível interpretação de Gênesis 6:4. W.F. Albright, em seu livro, *From the Stone Age to Christianity* (pág. 226), menciona essas lendas, supondo que elas refletem a crença de que, no caso de Israel, estariam em foco os *deuses astrais*, que teriam sido criados por Yahweh. No Antigo Testamento, esses seres são chamados de «filhos de Deus», e seriam capazes de gerar filhos em mulheres humanas. Aqueles que lêem a literatura clássica sabem da facilidade com que, ali, os deuses (ou as deusas) eram capazes de ter relações sexuais com os seres humanos, produzindo os chamados *heróis* da antiguidade. Sem dúvida, havia esse tipo de doutrina, sendo possível que o trecho de Gênesis 6:4 seja apenas um reflexo dessa idéia. Contudo, trata-se apenas de um *mito*.

GIGANTES, VALE DOS

Ver sobre **Refains, Vale dos**.

GIGITAS

Ver o artigo geral sobre **Gate**. Os **gigitas** eram os habitantes desse lugar, conforme se vê em Jos. 13:13. Seiscentos deles aliam-se a Davi, tornando-se parte integrante de suas tropas (II Sam. 15:18,19). Talvez fossem mercenários. Obede-Edom, que guardou a arca da aliança durante algum tempo, era um gigita (II Sam. 6:10), talvez por haver ele nascido ali, embora levita. Mais provavelmente, porém, ele foi assim chamado por ser natural de Gate-Rimom, uma cidade dos levitas.

GILALAI

No hebraico, «pesado», «rolante» ou «sujo». Alguns pensam no sentido «(o Senhor) rolou para fora»; mas outros acreditam que a palavra é de origem incerta. Seu nome ocorre somente em Nee. 12:36. Foi um sacerdote, dentre um grupo de outros, que tocou instrumentos musicais de Davi, por ocasião da consagração das muralhas de Jerusalém, sob a direção de Esdras. Viveu ele em torno de 445 A.C. O nome, porém, não aparece na versão da Septuaginta, ao relatar o ocorrido.

GILBERT DE LA PORREE

Suas datas foram 1076-1154. Foi o maior lógico do século XII. Foi bispo de Poitiers. Representava um realismo moderado, uma posição de meio termo entre Platão e Aristóteles. Ver o artigo sobre os *Universais*. Ele ensinava que a Trindade divina deve sua existência e unidade ao fato de que compartilham comumente de sua substância. Deus é puro ser, a forma mesma da existência. As três pessoas da Trindade seriam Deus por participarem dessa forma pura. A forma pura seria uma só, mas as pessoas participantes da mesma seriam três. Isso posto, é mister distinguir entre Deus como ser puro (monoteísmo) e Deus como triúno. Essa distinção levou De La Porree a enfrentar dificuldades. Seus pontos de vista foram condenados como heterodoxos. Bernardo de Clairvaux opunha-se a ele e à sua idéia sobre a Trindade. O sínodo de Rheims, contudo, deu apoio a suas obras, sob a condição de que ele corrigisse suas opiniões sobre a Trindade.

Por longo tempo, o *Livro dos Seis Princípios* foi tido como de sua autoria; mas muitos eruditos modernos duvidam da validade desse parecer. Temos dele, entretanto, duas obras: *Comentário sobre Boethius e De Trinitate*.

GILBOA, MONTE

O hebraico parece significar «fonte borbulhante». Há uma fonte cerca de oitocentos metros a leste da cidade de Jezreel, que fica localizada no extremo ocidental do monte Gilboa. E é possível que o nome desse monte se tenha derivado dessa fonte. A colina do Hermom,

que alguns chamam de Pequeno Hermom, faz parte da cadeia montanhosa que corre paralela à cadeia onde está o monte Gilboa. E, no meio das duas cadeias, fica o vale de Jezreel. Esse vale também é chamado de planície de Esdrelom. A cadeia de Gilboa ficava no território da tribo de Issacar (II Sam. 1:21). Nesse lugar, Saul e seus três filhos foram mortos em batalha contra os filisteus (I Sam. 28:4; 31:1,8; I Crô. 10:1). Davi compôs um belo hino fúnebre quando ouviu falar sobre isso, a fim de expressar sua tristeza. Nesse hino, pois, há várias notas sobre as condições geográficas da região. Ver II Sam. 1:19,25. Atualmente, essas colinas são chamadas *Jebel Fukua*; mas o nome antigo ainda é retido pela aldeia de nome Jelbon, que fica localizada em outro monte da mesma cadeia montanhosa.

Essa cadeia montanhosa tem apenas cerca de treze quilômetros de comprimento, e cerca de cinco a oito quilômetros de largura. O pico mais alto chama-se, atualmente, Xequê Burqan, com apenas 517 m de altura. Muitas batalhas notáveis tiveram lugar naquela área. Perto de Megido, para sudoeste da planície de Esdrelom, o Faraó Tutmés III lutou contra os cananeus, cerca de oitocentos e cinquenta anos antes das forças do Faraó Neco terem matado o rei Josias, em Megido (II Reis 23:29). Débora derrotou Sisera, ajudado pelo ribeiro de Quisom, que começa no monte Gilboa (Juí. 5:21). Perto dessa área, Gideom obteve a sua extraordinária vitória sobre os midianitas (Juí. 6:33). Em Jezreel (vide), a casa de Onri construiu uma capital do verão (I Reis 18:45 e II Reis 9:15). Essa cidade ficava no espigão do monte Gilboa, cerca de sessenta metros acima da superfície da planície. Ocupava uma posição estratégica sobre a principal rota comercial do Egito para Damasco (o chamado «Caminho do Mar»; vide), bem como sobre a principal estrada entre o litoral do mar Mediterrâneo e o rio Jordão. Foi em Gilboa que Jeú assassinou Jorão, de Israel, e sua mãe, Jezabel. Partindo dali, ele perseguiu, alcançou e assassinou Acazias, de Judá (ver o nono capítulo de II Reis).

GILEADE

O Nome. O nome hebraico pode significar «monte do testemunho», talvez relacionado ao árabe, *julaad*, «íngreme», «áspero». Mas a maioria dos estudiosos prefere pensar que o sentido permanece incerto. Gileade designa uma região montanhosa a leste do rio Jordão; mas também é o nome de uma cidade e de várias pessoas, referidas no Antigo Testamento:

1. A Região Montanhosa

a. *O Nome.* O trecho do Gên. 31:47,48 leva-nos a crer que o nome significa «monte do testemunho», embora por derivação popular e não por etimologia científica (no hebraico, *galed*). Parece que, a princípio, o nome era da cidade existente na região, que então emprestou seu nome ao monte próximo. Por outro lado, a palavra árabe *julaud*, «íngreme», «áspero», parece apropriada para descrever a região, sendo bem possível que essa seja a verdadeira derivação do nome Gileade.

b. *A Área Desse Nome.* A área geral é a região da antiga Palestina (atualmente chamada Jordânia), situada a leste do rio Jordão. Era chamada Galaaditi, na época dos macabeus. Porém, o termo não era usado com precisão e uniformidade. Algumas vezes, a área indicava a região inteira a leste do Jordão (ver Gên. 37:25; Jos. ;22:9 ss II Sam. 2:9 II Reis 15:29; Amós 1:13; Eze. 47:18). Outras vezes, o elevado platô de Moabe é excluído; mas tudo quanto está ao norte disso, até Basã, é incluído (ver Deu. 3:10; Jos. 13:11; II Reis 10:33). A fronteira sul de Gileade não se estendia tanto como sucedia segundo o uso popular do nome, pois o distrito de Jezer não estava incluído nesse uso (Núm. 32:1; II Sam. 24:5,6). A área, falando em termos gerais, ia desde o lago da Galliléia até a extremidade norte do mar Morto, ou seja, tinha cerca de noventa e sete quilômetros de comprimento e trinta e dois quilômetros de largura. Ao norte estava limitada por Basã, ao sul, por Moabe e Amom (ver Gên. 31:21, Deu. 3:12-17).

c. *Conexões Tribais.* Durante a sua história, Gileade algumas vezes aparecia associada à tribo de Gade, e outras vezes, à tribo de Manassés. A fronteira norte da tribo de Gade era o rio Jaboque ou a cidade de

Masnaim, que tem sido explorada pelos arqueólogos ao sul do rio Jaboque. Gileade aparece como pertencente à tribo de Gade em Juí. 5:17, Núm. 32:39 ss; Deu. 3:15. Mas, alguns trechos bíblicos, como Deu. 3:13 e Núm. 32:39 ss, associam-na com a tribo de Manassés. Os homens das tribos de Rúben e Gade queriam esse território, devido às boas terras de pastagem ali existentes, para os animais que criavam (ver Deu. 3:12-17).

d. *Dados Históricos.* A arqueologia tem mostrado que a porção norte de Gileade vinha sendo habitada desde nada menos que o século XXIII A.C. Quando Israel invadiu a Terra Prometida, ali residiam os amorreus e os moabitas. Moisés desejava atravessar o território deles; mas, como a permissão para tanto lhe foi negada, disso resultou o usual conflito armado com sua matança. Em resultado, a tribo de Gado ficou com o território (Núm. 21). Os homens das tribos de Manassés e de Gade gostaram da área do outro lado do rio Jordão, pelo que Moisés concordou em ceder-lhes aquelas terras sob a condição de que prometessem que, primeiramente, ajudariam as demais tribos de Israel a conquistarem as terras a oeste do rio Jordão. Isso foi feito, segundo se vê no capítulo vinte e dois do livro de Josué. Uma vez que as terras ao ocidente do Jordão foram conquistadas, as terras do lado oriental do Jordão, ocupadas por aquelas tribos, nem sempre ajudaram o resto de Israel em tempo de crise, conforme é demonstrado com o conflito contra Sisera (Juí. 5:17). Durante o tempo dos juizes, os amonitas assediaram os israelitas em Gileade. Sob a liderança do Jefté, essa opressão foi aliviada (Juizes 11). Os efraimitas sentiam-se infelizes com Jefté e outros gileaditas, por não terem sido convidados a participar da luta pela libertação. Por essa razão, houve uma pequena guerra civil, na qual a tribo de Efraim foi derrotada. Ao fugirem, os homens de Efraim tinham de atravessar os vaus, mas os gileaditas os bloquearam. Todo aquele que quisesse atravessar tinha de pronunciar «Chibolete»; mas, se dizia «Sibolete», não podendo exprimir bem o vocábulo, era morto. Ver a história toda no décimo segundo capítulo do livro de Juizes.

Os amonitas, entretanto, continuaram mostrando-se pestíferos para Israel. Saul, pois, combateu-os tendo obtido uma grande vitória em Jabes-Gileade (I Sam. 11). Após sua derrota e morte, Abner fez o filho de Saul, Is-Bosete, ser rei em Gileade (II Sam. 2:8,9). Davi ingiu pare Gileade, quando Absalão obteve, temporariamente, o mando da nação. A batalha decisiva contra Absalão, que resultou em sua morte teve lugar em Gileade (II Sam. 18). Então Gileade foi incluído no recenseamento feito por Davi (II Sam. 24:6). Elias era natural de Gileade (I Reis 17:1), havendo, no seu caso, uma distinção peculiar contrária ao costume judaico: sua genealogia não é dada.

Damasco, da Síria, foi o inimigo que andou atacando essa região de Israel nos séculos IX e VIII A.C. O profeta Amós condenou a extrema crueldade dos atos dos sírios (Amós 1:13). Oséias queixou-se da grande iniquidade dos habitantes de Gileade (Osé. 6:8). Quando Israel e Judá entraram em aliança para pôr fim ao domínio sírio em Ramote-Gileade (I Reis 22:1-4), Acabe morreu na batalha. Jeú estabeleceu um pacto com Salmaneser III, em cerca de 837 A.C. para manter longe o poder assírio. Mas o rei Oséias terminou servo do rei da Assíria (ver II Reis 17:3). Hazeel, da Síria, sujeitou uma parte dos territórios de Israel, incluindo Gileade (II Reis 10:33). Tiglate-Pileser III invadiu tanto Israel quanto Judá, e derrotou ambas essas nações. Muitos cativos foram levados para o exílio, incluindo muitos de Gileade (II Reis 15:29). Judá continuou existindo, mas muito debilitada. A nação de Israel, porém, terminou nessa oportunidade. Josias, de Judá, apossou-se de Gileade. Mas, quando a Babilônia invadiu toda aquela região, Judá perdeu controle em toda a parte, incluindo Gileade. O profeta Obadias profetizou a restauração de Gileade à tribo de Benjamim (vs. 19). Após o cativo babilônico, Tobias foi nomeado governador do território de Amom, que ficava contíguo à província de Gileade, e começou a reinar como subordinado ao monarca persa. Em 163 A.C., Judas Macabeu recuperou, temporariamente, a região de Gileade (Galaade), e transportou muitos de seus habitantes para Judá (I Macabeu 5:9-54). Nos dias do Novo Testamento, Gileade passara a fazer parte da *Peréia* (vide).

2. A Cidade de Gileade

Alguns estudiosos pensam que em Oséias 6:8 é mencionada uma cidade com o nome de Gileade. Diz nossa versão portuguesa: «Gileade é a cidade dos que...» Mas outros intérpretes pensam que deveríamos entender o trecho como se dissesse que Gileade era como *uma cidade* cheia de iniquidade. Visto que não há qualquer outra menção, bíblica ou não, a uma cidade com esse nome, parece que temos de ficar com essa segunda interpretação. Nesse caso, «Gileade» foi nome usado por esse profeta em um sentido diferente do usual.

3. O Bálsamo de Gileade

Ver o artigo separado sobre **Bálsamo**. Os trechos de Jer. 8:22; 46:11 e 51:8 mostram que essa substância, uma goma aromática, era considerada dotada de propriedades medicinais. Era um artigo do comércio, presumivelmente produzido em Gileade, ou, de alguma outra maneira, estava associado a Gileade (ver Gên. 37:25 e 43:11). Um hino evangélico moderno usou esse nome como símbolo da cura espiritual de almas «enfermas pelo pecado».

4. Três Homens de Nome Gileade

a. Um filho de Maquir e neto de Manassés (Núm. 26:29,30), que viveu por volta de 1800 A.C. Os maquiritas, pois, eram gileaditas. Ver Núm. 26:29, 30; 27:1,32, 40; 36:1; Jos. 17:1; Juí. 5:17; I Crô. 2:21 e 7:14.

b. O pai de Jefté (Juí. 11:1,2). Mas outros pensam que «Gileade» é ali usado como personificação de uma comunidade (ver vs. 7,8). Se foi, realmente, um indivíduo, então deve ter vivido por volta de 1250 A.C.

c. Um descendente de Gade e ancestral dos gaditas de Basã (I Crô. 5:14). Viveu por volta de 780 A.C. O nome «Gileade» refere-se, pois, a uma tribo gadita.

GILEADITAS

Esse adjetivo pátrio aparece em Juí. 12:4,5; Núm 26:29 e Juí. 10:3, referindo-se a um ramo da tribo de Manassés, que descendia de Gileade (ver 4 a, no artigo *Gileade*). Parece que eles eram subestimados por israelitas de outras procedências. Juizes 12:4 refere-se a isso, quando diz: «Ajuntou Jefté todos os homens de Gileade, e pelejou contra Efraim; e os homens de Gileade feriram Efraim, porque este dissera: Fugitivos sois de Efraim, vós gileaditas, que morais no meio de Efraim e de Manassés». Essa declaração parece referir-se aos gileaditas como um punhado obscuro de gente, destituídos de fama, que habitavam entre duas tribos famosas e nobres. Ver o artigo sobre *Gileade*.

GILGAL

1. O Nome

Esse nome significa «círculo». Talvez a alusão seja a um círculo feito com pedras, usado para assinalar um território. O sentido básico do vocábulo é «rolante», derivado do hebraico *galal*, «rolar». O uso original da palavra *Gilgal* é curioso. Depois que Israel escapou do Egito, foi dada a Josué a ordem divina de que o sinal da circuncisão deveria ser aplicado a todos os israelitas, a fim de ser renovada a antiga identidade deles com Abraão. Esse ato de circuncisão, portanto, foi referido como um «rolar para longe o opróbrio do Egito», dentre o povo de Israel. Ora, o local onde isso foi feito foi precisamente Gilgal. Ver Jos. 5:9 e seu contexto. Subseqüentemente, o nome foi empregado para designar várias outras cidades de Israel.

2. Várias Cidades

a. *Gilgal Perto de Jericó.*

Essa cidade ficava a leste da antiga cidade de Jericó, situada entre esta e o rio Jordão. Esse é o lugar referido no quinto capítulo do livro de Josué, o acima descrito em relação à origem do uso do termo. Um monumento de pedras foi levantado ali (Jos. 4:19,20), que pode ter tido ou não o formato de um círculo. Todavia, é possível que esse não tenha sido o motivo do uso original do termo, visto que a circuncisão foi a razão para o uso da palavra. A páscoa foi observada nesse lugar, e dali os israelitas lançaram-se à marcha em redor de Jericó, durante sete dias. As circunstâncias indicam que Gilgal foi usada como uma espécie de acampamento geral enquanto que as localidades em volta

foram sujeitadas a ataques. Josué foi encontrado ali pelos gibeonitas, depois que Ai fora destruída; e, novamente, depois que ele erigira um altar no monte Ebal (Jos. 8:30; 9:6). Foi de Gilgal que os israelitas partiram, a fim de defender Gibom; e foi para ali que eles retornaram, após conquistar a vitória (Jos. 10:15,43).

Juí. 2:1 e 3:19, provavelmente, referem-se à mesma Gilgal. A arca da aliança foi transferida para Silo; mas Gilgal continuou sendo um importante lugar para Israel, como uma das três cidades que faziam parte do circuito de Samuel (I Sam. 7:16). Saul utilizava-se de Gilgal como base de operações, quando lutava contra os amalequitas. Foi ali que ele tentou explicar sua desobediência, por não haver extirpado completamente o povo proscrito por Deus. Isso provocou a famosa sentença de Samuel: «Eis que o obedecer é melhor do que o sacrificar, e o atender, melhor do que a gordura de carneiros» (I Sam. 15:22). Posteriormente, vários profetas de Israel denunciaram Gilgal. Ver Osé. 9:15; Amós 4:4. Nos dias de Samuel, a cidade estava intimamente associada a Betel. Alguns eruditos supõem que a Gilgal em questão deve ser entendida como aquela mencionada em II Reis 2:1, a cidade descrita sob o ponto «b» abaixo. No século VIII A.C., na época entre Uzias e Ezequias, Gilgal tornou-se o centro de uma adoração inadequada, formalizada, o que também ocorreu no caso de Betel. Uma estrada ligava essas duas cidades e ao que tudo indica, estavam vinculadas por fortes laços uma com a outra (II Reis 2:1,2). Miquéias (6:5) lembrou o povo de Israel sobre esse lugar e sobre a responsabilidade deles de darem testemunho sobre a retidão e sobre o poder salvador de Deus.

b. *A Gilgal Associada a Elias e a Eliseu*

Ver II Reis 2:1,2; 4:38. Pensa-se que esse lugar ficava situado cerca de seis quilômetros e meio de Betel e Silo. Descrevemos esse lugar no último parágrafo sobre a Gilgal descrita sob «a». É possível que a moderna cidade de Jilmliah, um pouco ao norte de Betel, assinale o local antigo. Foi nessa Gilgal que Eliseu lançou ervas na panela envenenada, tornando comestível a comida que estava sendo ali preparada.

c. *A Gilgal da Galiléia*

O trecho de Josué 12:23 alista o rei de Goim, em Gilgal, como um dos monarcas vencidos por Israel. Algumas traduções dizem ali «rei das nações de Gilgal», o que corresponde, mais de perto, ao texto hebraico. A Septuaginta diz «Galiléia». A tradução inglesa *Revised Standard Version* diz «o rei de Goim na Galiléia» (vertendo o trecho para o português). Os goim, mui provavelmente, foram um dos povos deslocados de sua terra em razão da conquista da Terra Prometida por Israel. Nenhuma identificação certa dessa Gilgal (se essa é a forma correta do texto) tem sido feita; mas, por causa de lugares nomeados juntamente com ela, pode-se afirmar, com plena confiança, que a mesma ficava localizada entre o mar Mediterrâneo e a Galiléia, na porção norte de Samaria.

d. *A Gilgal da Fronteira de Judá*

Essa Gilgal ficava defronte da subida para Adumim, que fica no lado sul do vale do filho de Hinom (Jos. 15:7). O trecho de Josué 18:17 fala sobre uma certa cidade, chamada *Gelilote* em termos similares, de tal modo que é possível que esses nomes refiram-se ao mesmo lugar. Na verdade, Gilgal e Gelilote, vêm de uma mesma raiz. A única diferença é que Gelilote é a forma feminina plural de Gilgal. Alguns estudiosos pensam que a mesma cidade descrita sob «a» está em pauta. Caso contrário, devemos pensar em uma cidade um pouco mais para o ocidente.

e. *A Gilgal Perto do Monte Ebal*

Esse lugar é mencionado em Deuteronômio 11:30. Alguns têm identificado essa cidade com a Gilgal mencionada no ponto «a», mas o trecho de Deu. 11:29 parece requerer uma identificação diferente, visto que esta cidade ficava nas proximidades dos montes Ebal e Gerizim.

f. *Bete-Gilgal*

Esse foi o lugar de onde vieram cantores para participar da dedicação da muralha recém-construída de Jerusalém, nos dias de Esdras

e Neemias. Essa também poderia ser a Gilgal descrita no ponto «a», mas alguns eruditos supõem que seria ainda um outro lugar com esse mesmo nome, e que ainda não foi identificado. Ver Nee. 12:29.

3. A Arqueologia e Gilgal

Estamos agora abordando o caso da Gilgal do ponto 2. a. James Muilenburg escavou a área e identificou a moderna Khirbet el-Mefjir, perto de Jericó, como o local da antiga Gilgal. Fica a pouco menos de dois quilômetros a nordeste de Tell es-Sultan, que é a mesma Jericó do Antigo Testamento. Mas há quem ponha em dúvida essa opinião, disputando, especialmente, acerca da antiguidade do lugar. Acha-se ali o palácio Umaiada do califa Hisá (724-732 D.C.). Khirbet en-Nitleh, a cinco quilômetros a sudeste de Jericó, é um outro local que poderia assinalar a antiga Gilgal. Ruínas bizantinas de considerável extensão têm sido encontradas ali. Josefo (*Anti. 5.6,4*) situava Gilgal a quarenta estádios do vau do Jordão, que atualmente é identificada como *al-Maghatas*. Ficava a dez estádios de Jericó. Isso poderia coincidir com a identificação feita por Muilenburg, ou seja, *Khirbet el-Mefjir*. Seja como for, cerâmica feita durante a Idade do Ferro foi encontrada nas escavações feitas por Muilenburg pelo que foi ocupada pelo menos desde 1000 A.C. Isso elimina a crítica contra a antiguidade da ocupação do lugar, mesmo que não nos faça retroceder até as datas a que pertencem algumas referências bíblicas.

GILGAMES, EPOPEIA DE

A principal obra da antiga literatura assírio-babilônica é o *Épico de Gilgamés*. Conta a história das explorações e aventuras heróicas de Gilgamés. Provavelmente, por detrás da história há algum rei que realmente existiu, mas a narração sobre a sua vida viu-se envolvida por uma nuvem de lendas, aventuras e fantásticas descrições. Seja como for, na qualidade de governante de Uruque, bem como seu amigo, Enquidu, eram seres meio-homens, meio-touros. Em relação à Bíblia, esse épico assume grande importância para nós, porquanto preserva uma antiga história sobre o dilúvio. Supostamente foi um relato contado a Gilgamés por seu antepassado, Utnapistum, a quem ele buscara quando, em uma peregrinação, procurava o segredo da imortalidade. A versão melhor preservada desse épico vem da biblioteca assíria de Assurbanipal. A versão babilônica desse épico, provavelmente, foi composta em cerca de 2000 A.C., alicerçada, em parte, sobre as lendas sumárias do período de 3000 A.C., ou mesmo antes. Uma tradução dessa versão para o inglês, em versos livres, foi publicada por William Ellery Leonard, intitulada *Gilgamesh, Epic of Old Babylonian*, em 1934. Em nosso artigo sobre o *Dilúvio de Noé*, há mais detalhes sobre a questão. Ver a terceira seção desse artigo.

Gilgamés é o herói do certo número de lendas e mitos poéticos. Alguns pensam que essa personagem viveu em 4000 A.C. Ele é descrito de várias maneiras. Alguns relatos fazem dele um homem nobre e justo, de grande força e coragem; mas outros relatos fazem dele um homem violento e vil, um tirano cheio de truques e astúcias. As mais importantes peças literárias são os doze tabletes do *Épico de Gilgamés*.

Sumário do Conteúdo

1. *Primeiro Tablete*. Gilgamés governou Uruque como um tirano. Os deuses, não tendo gostado disso, levantaram um oponente, um homem selvagem chamado Enquidu. Mas Gilgamés percebeu que seu adversário poderia ser arruinado por meio de uma prostituta.

2. *Segundo Tablete*. A prostituta teve êxito em seu trabalho, e Enquidu torna-se igual a qualquer outro homem. Então Gilgamés e Enquidu entram em grande luta corporal; e, nesse processo, vêm a respeitar-se e tornar-se amigos um do outro.

3. *Terceiro Tablete*. Juntos, os dois preparam-se para lutar contra o monstro Huvava.

4. *Quarto Tablete*. Há preparações exaustivas para o combate.

5. *Quinto Tablete*. O conflito é descrito.

6. *Sexto Tablete*. Istar resolve seduzir Gilgamés e cria o Touro Celeste a fim de punir Gilgamés, se ele resistir à sedução. Mas Gilgamés e Enquidu matam o touro.

7. *Sétimo Tablete*. Istar fica furiosa e convence os deuses a matarem Enquidu por meio de uma praga.

8. *Oitavo Tablete*. Gilgamés lamenta a morte de Enquidu.

9. *Nono Tablete*. Abalado diante dos tristes acontecimentos, Gilgamés começa a pensar sobre a imortalidade. E começa a vaguear, em busca da imortalidade.

10. *Décimo Tablete*. Em sua busca pela imortalidade, Gilgamés conversa com diversas personagens mitológicas sobre a natureza da mortalidade. Em suas vagueações, finalmente encontrou o sumério chamado Utnapistim, que estava destinado pelos deuses a não perecer no dilúvio.

11. *Décimo Primeiro Tablete*. Temos então um relato detalhado sobre o dilúvio. Esse tablete tem sido cuidadosamente estudado pelos eruditos da Bíblia. O que se torna imediatamente óbvio é que há ali muitos paralelos da narrativa bíblica. Mas também há algumas diferenças significativas, especialmente no campo teológico, da moral, acerca dos deuses, etc. A própria narrativa é uma peça literária brilhante, cheia de suspense e de aventura. Alguns eruditos alemães do século XIX pensavam que a obra apresentava uma personagem que é um possível tipo de Cristo, em seu ofício messiânico. A questão é de que maneira esse épico está relacionado à Bíblia. Alguns supõem que se trata de uma corrupção e elaboração da história de Noé. Porém, seu conteúdo imediatamente impossibilita tal teoria. Também não podemos pensar que a história da Bíblia seja uma adaptação dessa lenda. Antes, o mais provável é que ambos os relatos dependam (pelo menos em parte) do acúmulo de histórias sobre o dilúvio, existente na Mesopotâmia, com suas adaptações e adornos peculiares. O que é indiscutível é que a narrativa da Bíblia é de natureza muito mais elevada, com sua teologia calcada sobre o monoteísmo e a moralidade sólida. Ver o artigo geral sobre o *Dilúvio de Noé*.

12. *Décimo Segundo Tablete*. A despeito de todos os seus heróicos esforços, Gilgamés não consegue obter a imortalidade. E isso é lamentado no último tablete. (HEI THOM)

GILÓ, GILONITA

No hebraico, «exílio». Era uma cidade do território de Judá, localizada nos montes do extremo sul desse território (Jos. 15:51). Era a cidade natal de Aitofel (II Sam. 15:12), e onde ele acabou cometendo suicídio (II Sam. 17:23). O adjetivo gentílico gilonita é aplicado somente a esse homem, em toda a Bíblia. Aitofel era um dos conselheiros de Davi. O local da cidade tem sido identificado com a moderna *Khirbet Jala*, que fica a poucos quilômetros a noroeste de Hebrom.

GIMEL

No hebraico, **camelo**. Essa é a terceira letra do alfabeto hebraico. Corresponde à letra grega *gramma* e ao nosso «g». No Salmo 119, aparece na terceira soção onde cada verso começa com essa letra, no texto original hebraico. Ver Sal. 119:17-24.

GINATE

Os estudiosos não sabem o que essa palavra significa no hebraico. O pai de Tibni chamava-se *Ginate*. Tibni e Onri entraram em conflito porque ambos queriam tornar-se rei, quando Zinri suicidou-se após ter assassinado Elá, filho de Baasa (I Reis 16:21 ss). Cerca de metade do povo queria Tibni como rei; e a outra metade, Onri. Tibni tornou-se o sexto rei da nação do norte, Israel, sob essas circunstâncias confusas. Mas, após quatro anos, a facção de Onri venceu. Tibni faleceu e Onri começou a reinar em cerca de 886 A.C.

GINETOM

No hebraico, esta palavra tem um sentido incerto, embora talvez signifique *jardineiro*. Esse foi o nome de um dos sacerdotes que assinou

o pacto encabeçado por Neemias (Nee. 10:6). Era cabeça de uma família que se mostrou ativa depois do exílio babilônio. Ver também Nee. 12:4,7,16. Seu filho, Mesulão, é mencionado como um dos contemporâneos do sumo sacerdote Joiaquim (Nee. 12:16). Isso ocorreu entre 536 e 410 A.C. Em algumas versões, também aparece a forma *Ginetôi*, como nome desse homem, forma essa que alguns eruditos pensam ser uma corrupção. Seja como for, a mesma pessoa está em foco.

GINZO

No hebraico, **sicômoro**. Esse era o nome de uma das cidades que os filisteus tomaram de Acaz (II Crô. 28:18). Ficava localizada no sul do território de Judá. As perdas territoriais e materiais sofridas por Acaz, às mãos dos filisteus, que coincidiram com os ataques dos filhos de Edom, levaram-no a apelar para Tiglate-Pileser, da Assíria (II Crô. 28:16). A cidade de Ginzo é mencionada na Bíblia somente nessa conexão. Trata-se do local moderno chamado *Jimzu*, que fica a poucos quilômetros ao norte de Gezer (vide). Está localizada a cinco quilômetros de Lude (atualmente chamada Lida).

GIOM (FONTE)

A palavra hebraica correspondente significa «irrompimento». Duas fontes principais supriam Jerusalém de água potável, nos dias do Antigo Testamento, e Giom era a mais importante das duas. Ficava localizada no vale do Cedrom, logo abaixo da colina oriental chamada Ofel. Essa fonte era coberta para protegê-la de violação por inimigos, visto que estava localizada fora das muralhas da capital. Foi construído um conduto especial, a fim de trazer água dali até o centro da cidade. A água, pois, era trazida até uma cisterna, dentro das muralhas da cidade. Ezequias havia perguntado: «Por que viriam os reis da Assíria, e achariam tantas águas?» (II Crô. 32:2-4). Para garantir que não sucederia assim, foi construído um túnel (o túnel de Ezequias), escavado na rocha sólida, com 542 m de comprimento. Obras similares foram efetuadas em Megido e em Gezer (vide), o que significa que a obra não era nenhuma novidade da engenharia. Muito antes disso, em cerca de 2000 A.C., os jebuseus haviam cortado uma passagem através da rocha sólida, desde o topo da colina de Ofel, de onde baixavam cântaros de água por meio de uma fenda de doze metros, a quinze metros da fonte de Giom. Essa fenda foi encontrada em cerca de 1867, em uma expedição arqueológica encabeçada por Charles Warren. Em 1891, foi descoberto um canal feito à superfície do solo, que trazia água de Giom até o antigo açude de Siloé, localizado perto da extremidade sudeste da cidade.

É possível que, quando Davi invadiu a cidade, tivesse obtido acesso a mesma através daquela fenda (ver II Sam. 5:6-9). Giom foi escolhida como o local da unção de Salomão como rei (I Reis 1:33,38,45), o que, provavelmente, teve um sentido simbólico, associado às propriedades transmissoras de vida da água, porquanto aquela fonte de água era tão vital para a sobrevivência de Jerusalém. Em tempos posteriores, foi construído um aqueduto, a fim de assegurar um suprimento de água ainda mais abundante (Isa. 7:3). O túnel de Ezequias (vide) é o esforço de engenharia mais significativo, no tocante a essa fonte, nos tempos pré-exílicos.

Após o cativeiro babilônico, esse manancial não era suficiente, e vários aquedutos tiveram de ser construídos, a fim de trazer água ainda de mais longe. Pôncio Pilatos construiu um desses aquedutos ou reparou um aqueduto já existente, com fundos retirados do templo, o que causou não pequena agitação entre o povo judeu.

GIOM (RIO)

Giom vem do hebraico e significa «irrompimento». Esse nome, além da famosa fonte com esse nome (ver sobre *Giom (Fonte)*), também era a designação de um dos quatro rios que banhavam o Éden, onde Adão e Eva foram criados e postos pelo Senhor Deus. Alguns eruditos supõem que a referência é a um dos quatro braços de um mesmo rio que atravessava o Éden, rio esse que se dividiria em quatro, após deixar

para trás a área. Ver Gên. 2:10-14. Mas outros eruditos pensam que Giom era apenas um canal que ligava entre si os rios Tigre e Eufrates. As alterações geológicas, as mudanças de leito de rios, etc., fazem com que qualquer declaração dos estudiosos, quanto a essa questão, seja precária. Os estudiosos liberais simplesmente duvidam da autenticidade de *quatro* rios (dois além dos grandes rios, Tigre e Eufrates) e dizem que o relato sobre o jardim do Éden é mitológico, e que, por isso mesmo, não podemos determinar acidentes geográficos ali existentes. Ver o artigo separado sobre o *Éden*. Na narrativa bíblica parece haver um único rio que se dividia em quatro braços menores. O fato, porém, é que os rios Tigre e Eufrates não se originam de um manancial comum, pelo que a topografia local da atualidade não se ajusta a esse antigo relato bíblico. É possível, porém, que algum grande terremoto, ou mesmo a mudança de pólos magnéticos tenha obliterado completamente qualquer configuração geográfica antiga. Ver o artigo separado sobre *Pólos, Mudanças dos*, e sobre o *Dilúvio*, em sua segunda seção.

GIRGASEUS

Esse é o nome de uma das sete principais tribos que residiam na terra de Canaã, e que Israel deslocou dali. Ver Gên. 10:16; 15:21; Deu. 7:1; Jos. 3:10; 24:11; I Crô. 1:14 e Nee. 9:8. O nome da principal cidade deles era Carquisa, nome que, ao que parece, ocorre em textos hititas em escrita cuneiforme, embora tal identificação não seja certa. É possível que o nome signifique «clientes de um deus» (provavelmente Ges, que era um deus sumério da luz). O culto de Ges entrou na Palestina em cerca de 2000 A.C. Nos textos ugaríticos há os *gros*, que alguns estudiosos supõem tratar-se do mesmo povo (aparece em escritos do século XIII A.C.). Disputa-se sobre a antiga localização desse povo, mas alguns supõem que eles ocupavam a área a leste do lago da Galiléia. Talvez fossem um ramo dos heveus. Em nove dos dez lugares onde encontramos listas das tribos de Canaã, o nome deles é omitido, embora sejam mencionados na décima dessas listas, onde então os heveus não são mencionados; e daí deriva-se aquela conjectura. Josefo (Anti. 1.6.2) desconhecia qualquer povo desse nome que tivesse permanecido entre o povo de Israel. R. Nachman, nos comentários judaicos, afirma que, temendo o avanço dos israelitas, os gurgaseus retiraram-se para a África. Talvez isso esteja alicerçado sobre a circunstância que, embora estivessem condenados à destruição (Gên. 15:20,21; Deu. 7:1; Jos. 3:10), eles são omitidos nas listas daqueles que, efetivamente, foram destruídos (ver Deu. 20:17). No entanto, são mencionados como um povo com quem os israelitas misturaram-se por casamento (Juí. 3:1-6). É possível, pois, que alguns deles tivessem fugido, e outros tivessem ficado. Em Gênesis 10:16, encontramos o termo «gurgaseus» como descendentes do quinto filho de Canaã.

GITAIM

No hebraico, «dois lagares». Esse era o nome de um lugar ou cidade, para onde os habitantes de Beerote fugiram, em busca de refúgio (II Sam 4:3). Esse lugar ficava localizado perto de Beerote, no território de Benjamim. Beerote era uma cidade dos gibeonitas (Jos. 9:17). Nesse lugar, alguns israelitas estabeleceram-se, após retornarem do cativeiro babilônico (Nee. 11:33). Esse nome, no hebraico, aparece no *dual*, o que, de acordo com a opinião de alguns eruditos, significa que duas cidades, com o mesmo nome, são ali referidas. Nesse caso, o segundo lugar ficava a noroeste de Jerusalém, no local da moderna Kurbet-Hazzur. E o lugar, no território de Benjamim, tem sido identificado com a Gamteti das cartas de Tell el-Amarna, localizada em Ramleh, ou nas proximidades.

GITITE

Essa palavra aparece, em algumas versões, nos títulos dos Salmos 8, 81 e 84. Nossa versão portuguesa diz, em todos esses três lugares: «...segundo a melodia: Os lagares...» Entretanto, os eruditos não têm muita certeza sobre o que está em foco aí. Trata-se de um

substantivo feminino no hebraico. Têm sido feitas as seguintes conjecturas:

1. Podia ter sido um instrumento musical, feito ou usado originalmente em Gate, uma das principais cidades da Filístia. Ver sobre *Gate*.

2. Ou então esses três salmos eram entoados na época da vindima, visto que o vocábulo talvez se relacione à palavra hebraica que significa «lagar». Ver Nee. 13:15. Poderíamos dizer, nesse caso, que o três salmos em questão eram chamados por algum título como Salmos da Vindima.

3. Ou estaria em foco algum tipo de melodia, criada em Gate. Unger diz que talvez esteja em foco «A Marcha de Guarda Gitia». Não diz, entretanto, onde ele obteve tal informação.

Nossa versão portuguesa parece refletir as idéias segunda e terceira.

GIZONITA

Essa palavra figura somente em I Crônicas 11:34, onde é um apelativo dado a Bené-Hasém, que fazia parte dos heróis guerreiros de Davi. Trata-se de um nome no gênero masculino, derivado de alguma cidade ou localização, sem dúvida de origem gentílica (provavelmente cananéia). A localização é desconhecida atualmente, mas, no livro de II Samuel, o homem assim chamado aparece como filho de Jasém, o que poderia significar que Gizom era o nome do lugar. Contudo, nada sabemos acerca de uma cidade de nome *Gizom*. Outros estudiosos sugerem *Gizó*, afirmando ainda que «gizonita» é uma corrupção de *gunita*. Nesse caso, encontramos em Núm. 26:48, uma referência a esse lugar e a essa gente. Lemos ali: «...de Guni, a família dos gunitas».

GLOBOS

No hebraico, *gullah*, nome dado aos capitéis de forma globular que havia nas colunas fronteiriças do templo de Jerusalém, mencionados por cinco vezes, em I Reis 7:41,42; II Crô. 4:12,13. Todavia, essa palavra hebraica ainda é usada por mais duas vezes, em Ecl. 12:6 e em Zac. 4:3. Na primeira dessas duas passagens, nossa versão portuguesa diz «corpo». Em Zacarias 4:3, nossa versão portuguesa omite a palavra, embora se perceba que a alusão é à palavra «vaso», que aparece no versículo anterior.

GLÓRIA

Esboço:

- I. Definição Geral
- II. Idéias do Antigo Testamento a Respeito
- III. Idéias do Novo Testamento a Respeito
- IV. A Glória Escatológica e a Salvação do Homem

I. Definição Geral

A glória consiste em honra exaltada, em louvor ou reputação, ou em alguma coisa que ocasiona o louvor ou é o objeto desse louvor. O termo pode ser sinônimo de «adoração» ou de «louvor adorador». Também pode significar esplendor, magnificência ou bem-aventurança, em sentido terrestre ou celestial. Outrossim pode referir-se a resplendor ou brilho, às emanações de luz, ao halo imaginado em torno de figuras santificadas, ou ao esplendor e brilho do Ser divino. A própria presença de Deus pode ser chamada de glória, por causa de seu estado exaltado.

II. Idéias do Antigo Testamento a Respeito

Vários termos hebraicos são usados para indicar a idéia de «glória». O vocábulo mais comum é *kabod*, que se deriva de *kabed*, «ser pesado», dando a idéia de alguma coisa importante. Por extensão metafórica vem a indicar valor, dignidade, esplendor, algo revestido de *substância* espiritual. A palavra era usada para aludir à estatura ou ao peso físico de uma pessoa, ou então às *riquezas* ou à *posição social* de alguém. Ver Gên. 45:13 quanto a esse sentido. Assim José era homem investido de alta posição, e rico, o que explica a sua glória. As riquezas eram esplendorosas (Est. 5:11; Sal. 47:16 ss; Isa. 16:14;

17:4; 61:6). Os exércitos eram considerados a glória visível de uma nação (Isa. 8:7). Uma grande multidão de pessoas, pertencentes a um rei, constituíram a sua glória (Pro. 14:28).

Especificamente, no que tange a Deus, a sua glória é a sua espantosa presença, as suas perfeições os seus atributos, a sua santidade. A glória de Deus é a expressão de sua santidade, tal como a saúde manifesta-se sob a forma de beleza física. Ver Êxo. 33:18; 16:7,10; João 1:14. A idéia de glória com beleza também pode ser vista no fato de que a glória do Líbano eram suas florestas de cedros (Isa. 60:13), a glória das ervas são as suas flores (Isa. 40:6). O próprio Deus, por causa de seu amor, bondade e poder, é a glória de seu povo (Jer. 2:11; Zac 2:5). Quanto à glória, como *resplendor*, ver Eze 1:4,14,18; 11:22 ss. A aparência divina é de uma majestade gloriosa (Êxo. 24:17). O *valor* intrínseco que se manifesta claramente é uma manifestação de glória.

III. Idéias do Novo Testamento a Respeito

1. Usos Diversos

Em I Ped. 2:20, temos a única ocorrência do termo grego *kléos*, que significa *renome*, em cuja passagem a nossa versão portuguesa traduz por «glória» ao dizer: «...que glória há, se, pecando e sendo esbofeteados por isso, o suportais com paciência?...» Em todas as demais ocorrências da idéia, no Novo Testamento, temos ou o verbo grego *daksázo*, que ocorre por sessenta vezes, de Mat. 5:16 até Apo. 18:7, ou então o substantivo grego *dóksa*, que ocorre por cento e sessenta e cinco vezes, desde Mat. 4:8 até Apo. 21:26. Ambos esses termos derivam-se de outro vocábulo grego, *dakéo*, que significa «pensar», «considerar», «parecer», «ser influente». O substantivo *dóksa* envolve os conceitos de brilho, resplendor, conforme se vêem em Atos 22:1; II Tes. 1:9; II Ped. 1:17; Apo. 15:8; 19:1; 21:11,13; II Cor. 3:7 ss, etc.

O estado dos remidos, na vida vindoura, aparece como um estado glorioso. O Senhor Jesus entrou em sua glória, isto é, em seu estado de exaltação, de perene felicidade, de poder total (Luc. 24:25). O mesmo termo, porém, é usado a respeito de sua gloriosa preexistência. (João 17:5,22,24). O homem é um *reflexo* da pessoa de Deus, ou seja, uma manifestação secundária da glória de Deus (I Cor. 11:7). Podem estar em foco as idéias de esplendor e magnificência, coisas que atraem os olhos e ofuscam a mente (Mat. 4:8; Luc. 4:6; Apo. 21:24,26). Também pode estar em foco o resplendor meramente humano (I Ped. 1:24).

Além disso, no Novo Testamento e na literatura extrabíblica da época, essa palavra grega podia significar «fama», «renome», «honra». Ver Luc. 2:14; Gál. 1:5; I Cor. 10:31; II Cor. 4:15; Fil. 1:11; Atos 12:23; Rom. 4:20; Apo. 19:7; I Clemente 20:12 e 50:7.

No plural, *dóksai*, essa palavra pode ser usada como um termo que alude aos *seres angelicais* dotados de considerável poder e magnificência (II Ped. 2:20; Jud. 8 e Testamento de Judas 24:2). A «glória» para a qual temos sido chamados aponta para o futuro estado de exaltação, nos mundos celestiais (I Ped. 1:3). No sentido de *honra*, encontramos o vocábulo usado em Jos. 5:41,44 e 8:54. Em João 9:24 e 12:43, a palavra significa «louvor». Em Lucas 14:10 e Rom. 11:36, transparece a idéia de «adoração».

2. No Tocante a Cristo

Cristo, como o Logos e Filho de Deus, existia em estado de glória antes de sua encarnação (João 17:5,22,24). Cristo é o mistério de Deus manifestado em favor da salvação dos homens, um mistério rico e glorioso (Col. 1:27). O resplendor de Cristo é a sua glória divina (Heb. 1:3). Cristo é glorioso por ser a própria imagem de Deus (João 1:14). Acima de todos, ele glorificou ao Pai em sua pessoa e em sua vida terrena (João 17:4). O trecho de II Coríntios 8:9 enfatiza as riquezas de sua pessoa e de sua manifestação; e Filipenses 2:6 afirma que o Cristo subsiste na forma de Deus, ou seja, é um Ser glorioso. Por causa da encarnação, podemos obter um vislumbre da glória de Cristo, segundo nos ensina o primeiro capítulo do evangelho de João. Encarnado, o Filho glorificou ao Pai e O tornou conhecido (João 1:18; 17:4,6). Ele era a própria *shekinah* de Deus, que veio habitar entre os homens (João 1:14; Apo. 21:3). Os mila-

gres efetuados por Jesus Cristo foram vislumbres do poder de sua glória, que ele nos concedeu (João 2:11 e 11:40). Por ocasião de sua transfiguração, a sua glória tornou-se manifesta de forma mais intensa (Mat. 17:1 ss), porquanto, normalmente, enquanto esteve neste mundo, essa glória era contida, para que os homens pudessem suportar a presença de Jesus. A glória de Cristo também foi vista em sua ressurreição e ascensão (Mat. 27 e 28). Mesmo após a sua ressurreição e ascensão, as Escrituras referem-se a manifestações diversas de sua glória, como quando de seu aparecimento a Estêvão (Atos 7:55 ss), a Saulo de Tarso (Atos 9), ou nas várias visões e experiências místicas que foram fontes da inspiração divina das Sagradas Escrituras. Ver I João 1:1 ss. Cristo foi ressuscitado mediante a glória do Pai (Rom. 6:4). Foi elevado para a glória (I Tim. 3:16). Agora encontra-se na *glória*, à mão direita de Deus (Atos 2:33; 7:55 ss; I Cor. 15:27; Efé. 1:20 e Fil. 2:9 ss).

IV. A Glória Escatológica e a Salvação do Homem

O homem é o reflexo ou imagem de Deus, bem como a sua glória (I Cor. 11:7). Em Cristo, pois, isso terá cabal cumprimento no estado eterno. Os remidos estão sendo transformados segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), passando por muitos estágios de glória (II Cor. 3:18), até que venham a compartilhar da plenitude de Deus (Efe. 3:19) participando da natureza divina, a exemplo de Cristo posto que de maneira finita (Col. 2:10; II Ped. 1:4). Chegaremos, pois, a compartilhar do corpo glorioso de Jesus Cristo ressuscitado. Em outras palavras, receberemos corpos novos, imateriais, espirituais, que servirão de veículo apropriado para a alma remida, nos lugares celestiais (Fir. 3:21). Compartilharemos também da gloriosa herança de Cristo (Efé. 1:18), e as riquezas de sua glória haverão de transparecer em nós e através de nós (Rom. 9:23). Então é que Cristo será glorificado em seus santos (II Tes. 1:10). Haverá a coroa da glória, que importará na participação das perfeições e atributos divinos (II Tim. 4:8). O próprio estado eterno, celestial, é chamado de «glória», por motivo de sua indescritível magnificência e resplendor (Col. 3:4).

A *parousia* de Cristo (vide) manifestar-se-á de maneira gloriosa (Mat. 16:27; Mar. 8:38). Jesus voltará ao mundo em poder e grande glória (Mat. 24:30). Sentar-se-á em um trono de glória (Mat. 19:28; 25:31). Uma vez no céu, haveremos de contemplar a sua glória (I Ped. 4:13; Tito 2:13). Popularmente, o próprio céu é chamado de «glória». E isso tem alguma base nas Escrituras. Ver Sal. 73:24 e João 17:24. A glória de Deus pode ser vista em Jesus Cristo, sendo refletida pela Igreja (II Cor. 4:3-6). Cristo estabeleceu conosco uma nova aliança (II Cor. 3:7-11), que é desfrutada tanto agora como no estado eterno, na glória celestial (II Ped. 4:14 e Rom. 8:18). Ver os artigos separados sobre a *Glória de Cristo*, sobre a *Glória de Deus* e sobre a *Glorificação*.

GLUTÃO

No hebraico, *zalal*, que aparece por quatro vezes com esse sentido: Deu. 21:20; Pro. 23:20,21; 28:7. No grego, *phágos*, que ocorre por duas vezes: Mat. 11:19 e Luc. 7:34. A palavra hebraica envolve a idéia de «leveza», de «falta de dignidade», o que significa que um indivíduo qualquer entrega-se à frivolidade, comendo, bebendo e divertindo-se. Essa palavra indica mais do que meramente a pessoa que come demais, o que também é glotonaria. E o vocábulo grego *phágos* significa aquele que come demais. Deriva-se do verbo *phagein*, forma infinitiva, tempo presente; é substituído pelo aoristo, *esthio*.

O trecho de Deuteronômio 21:20 refere-se a esse vício dentro do contexto de um filho rebelde, que também é glutão e beberrão. De acordo com a legislação judaica, esses pecados (ou a combinação dos mesmos) tornavam o indivíduo culpado digno da pena de morte. O vício da glotonaria é repreendido em Provérbios 23:21. Os trechos de Mat. 11:19 e Luc. 7:34 referem-se a esse vício em conexão com as acusações assacadas contra Jesus. Na verdade Jesus nunca foi asceta. Mas estava longe do ser um glutão e beberrão. O trecho de Tito 1:12 fala em «ventres preguiçosos (no grego, *gastéres argai*). O termo grego *gastér* significa «porções internas», incluindo o estômago;

mas pode indicar, metaforicamente, um glutão, que vive para satisfazer o estômago.

O conceito da glotonaria, pois, sempre aparece associado a outros excessos pecaminosos. Lemos que os antigos romanos, em seus festins e banquetes, provocavam o vômito, para que pudessem tornar a comer: comiam e vomitavam, comiam e vomitavam. Apesar de ser muito repelente, e a despeito de que nem todos combinem o comer em excesso com uma vida devassa, mesmo assim é errado sobrecarregar o corpo com alimentos demasiados. Um pregador ou ministro obeso (a menos que seja de algum problema glandular) é uma propaganda má para o evangelho. Pois, ao mesmo tempo em que ele prega contra outros vícios, ele mesmo vive preso, tão obviamente, ao vício de comer em demasia. Suas enxúndias servem de demonstração pública de que é um homem viciado. Ver o artigo geral sobre os *Vícios*.

GOBE

No hebraico, «oco» ou «poço». Outros estudiosos pensam que o sentido é *locustário*, um tipo de gafanhoto. Parece ter sido um lugar plano onde aconteceram duas batalhas entre os hebreus e os filisteus (II Sam. 21:18,19). Em I Crô. 20:4, que é trecho paralelo, alguns manuscritos e versões dizem *Gezer*, em vez de Gobe. Isso ocorre em nossa versão portuguesa também. Além disso, algumas cópias da Septuaginta dizem *Nobe*, em lugar de Gobe; e ainda outras cópias dizem *Gate*. Logo, houve alguma corrupção no texto. Alguns eruditos supõem que Gobe ficava perto de Gate, o que talvez explique essa última variante. Mas, a autenticidade do nome Gobe é sugerida pelo fato de que, algumas vezes, os amigos davam nomes às suas cidades e outros acidentes geográficos, segundo os nomes de insetos e outros animais. Este argumento é válido se Gobe significa, realmente, *locustário*.

GOEL (REMIDOR)

Essa é a palavra hebraica que significa «remidor», quando aponta para o trabalho do *parente remidor*.

1. Caracterização Geral

Quando da conquista da Terra Prometida, a cada tribo de Israel foi dado um certo território, e cada família recebeu seu terreno. A lei judaica tinha provisões severas tendentes à preservação das propriedades das famílias. Assim, quando uma pessoa qualquer, pressionada pela pobreza, via-se na iminência de vender suas terras, era dever do parente remidor intervir e redimir a propriedade da família. Igualmente, se uma pessoa se vendesse como escrava, a fim de saldar uma dívida sua, o parente remidor estava na obrigação de saldar a dívida de seu parente. Ver Lev. 25:25; Rute 4:4; Lev. 25:47 ss. Além disso, o parente remidor deveria agir como intermediário nos casos em que uma pessoa desejava fazer restituição a um parente. Se não houvesse parente remidor, então a compensação ficava com o sacerdote, como representante de Yahweh, o Rei de Israel (Núm. 5:6 ss). Com base nos capítulos três e quatro do livro de Rute, tem-se inferido que entre os deveres do parente remidor (no hebraico, *goel*, vide), havia o dever de casar-se com a viúva de um parente falecido; mas a lei do levirato limitava essa obrigação a algum irmão solteiro do falecido. É provável, porém, que o parente mais próximo, ao remir um terreno, também se casasse com a viúva, embora permaneça em dúvida até onde ia essa obrigação.

Um tipo de Cristo. Nesse costume antigo, como é óbvio, há um tipo de Cristo como nosso Redentor. A redenção envolve a família inteira de Deus, e o nosso Irmão mais velho, Jesus Cristo, é o nosso redentor. Ver o artigo geral sobre a *Redenção*.

2. O *goel* ou «remidor» era responsável para comprar de volta as propriedades que algum seu irmão (ou parente) tivesse vendido, e que, de outra maneira, acabaria por perder-se (Lev. 25:25,26). Usualmente, tais propriedades eram vendidas, a fim de saldar dívidas. A pessoa também poderia receber, finalmente, alguma restituição que fosse devida a algum parente seu. Se não houvesse nenhum parente para receber tal restituição, então um sacerdote qualquer ficava com a restituição, como representante de Yahweh que ele era (ver Núm. 5:6 ss).

3. O *parente remidor* (se fosse irmão da pessoa remida) tinha a responsabilidade de restaurar e preservar o bom nome de um seu irmão, que tivesse falecido sem filhos. Então precisava ficar com a viúva de seu irmão, como se fosse a sua própria esposa. A isso se chamava de *casamento levirato*. Dessa maneira, nasceriam crianças que haveriam de preservar as propriedades e os direitos da família. O ato também preservava o bom nome do falecido (ver Deu. 25:5; ver também Gên. 28:8). Boaz é um exemplo desse ato dos mais conhecidos pelos alunos de Escola Dominical, embora ele não fosse irmão do falecido, mas apenas um seu parente. Ver os capítulos terceiro e quarto do livro de Rute. Ao que parece, estritamente falando, Boaz não estava na obrigação de prestar esse serviço, visto que não era irmão do falecido marido de Rute, e nem há qualquer evidência bíblica de que um parente distante qualquer tivesse essa obrigação. Portanto, Boaz usou de uma certa medida de graça, em todo o incidente. É possível que em determinadas ocasiões, o parente mais próximo (não um irmão) sentisse a obrigação de cumprir tal dever. O parente mais próximo tinha o direito de redimir as propriedades, e que, pelo menos em certas oportunidades, aparentemente envolvia também a necessidade de casar-se com a viúva do parente falecido.

4. Visto que o assassinato de um parente envolvia o fato de que ele era cortado de sua parentela e de suas possessões terrenas, era dever de seus parentes vingar o morto. Essa era a tarefa que cabia ao vingador do sangue (ver Núm. 35:23-34; Deu. 19:1-3). Ver o artigo separado sobre essa questão, intitulado *Parente, Vingador do Sangue*.

5. *Deus como o Goel.* Deus, a fonte originária de toda a vida, redime os homens da morte espiritual e confere-lhes uma eterna possessão (Isa. 40:46; Jó 19:25). Davi chamou Deus de seu *goel* e de sua força (Salmos 19:14, onde a nossa versão portuguesa diz «...Senhor, rocha minha e redentor meu»). O trecho de Provérbios 23:11 chama Deus de *goel do órfão*. Isaías usa esse termo hebraico por nada menos de treze vezes, indicando o divino *goel*. Isa. 41:14; 43:14; 44:6; 47:7; 48:17; 49:26; 54:5,8; 60:16; 63:16. O ato de Deus, como o divino redentor, estava condicionado ao fato de seu povo abandonar o pecado (Isa. 59:20).

6. *Cristo é o nosso Goel.* Quanto a isso, basta examinar trechos neotestamentários como Mat. 20:25; Tito 2:14; I Ped. 1:18,19; Col. 1:13; I Tes. 1:10.

GOGUE

Não se conhece o significado dessa palavra, no hebraico. Todavia, alguns estudiosos arriscam o sentido de «monte elevado». Nas páginas do Antigo Testamento, aparece como nome de dois indivíduos; e, no Novo Testamento, parece estar em pauta alguma localização geográfica, combinada com outra, chamada Magogue:

1. Um rubenita, neto de Joel, aludido somente em I Crô. 5:4. Viveu por volta de 1600 A.C.

2. O governante *Magogue*. Ver o artigo *Gogue e Magogue*. Esse Gogue, ao que parece, foi uma personagem histórica, príncipe de Meseque e Tubal. Alguns estudiosos interpretam as passagens envolvidas (Eze. 38:2,3,14,16,18; 39:1,11), como se elas dissessem «príncipe de Ros, Meseque e Tubal». Então pensam que *Ros* corresponderia à Rússia, *Meseque* corresponderia a Moscou e *Tubal* a uma cidade e um rio que se deriva desse nome, um tanto mais para o oriente de Moscou. Nossa versão portuguesa interpreta o nome *Ros* como «cabeça» (sentido literal da palavra hebraica), dizendo: «...príncipe de Meseque e Tubal...»

Alguns eruditos têm identificado Gogue como Giges, rei da Lídia, em cerca de 660 A.C., que os assírios chamavam de *Gugu*. Tal nome acabou tornando-se uma metáfora para indicar algum poderoso inimigo de Israel, prenunciando uma tremenda batalha que Israel terá de enfrentar, nos últimos dias, antes da segunda vinda de Cristo, conforme se explica no artigo sobre *Gogue e Magogue*.

GOGUE E MAGOGUE

O trecho de Apocalipse 20:8 reflete, evidentemente, Ezequiel 38 e 39, no que concerne a Gogue, chefe e príncipe de Magogue. Naquela passagem do Novo Testamento, lemos: «...Satanás será solto da sua prisão, e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los pare a peleja...» Há dois detalhes que precisamos destacar aqui: primeiro, conforme a linguagem usada o indica, nesse trecho do Novo Testamento «Gogue» não é mais um indivíduo, e, sim, uma localização geográfica, um extremo de uma região cujo outro ponto extremo seria Magogue. O livro de Ezequiel parece referir-se a um acontecimento anterior ao milênio, e até mesmo à batalha final do Armagedom, não fazendo parte da mesma (ver Apo. 20:7-9), ao passo que o Apocalipse alude a uma ocorrência que haverá ao término do milênio.

A batalha do Armagedom, sem interessar quais as suas proporções exatas, será o último conflito armado da história da humanidade, de nação contra nação. O alvo do ataque será Israel, e os atacantes serão todas as outras nações do globo. Já no caso da batalha referida em Ezequiel 38 e 39, embora o alvo também seja a nação de Israel, os atacantes serão vários aliados provenientes do norte de Israel, encabeçados por Gogue, o príncipe. E, no caso da rebelião final contra o governo milenar do Senhor Jesus, aludido no livro de Apocalipse, as nações estarão de pleno acordo entre si. Conjuntamente, tentarão oferecer resistência ao Senhor Jesus, lideradas pelo próprio Satanás.

Sete Visões de como Satanás é derrubado e seu Governo Termina, Apo. 19:11-21:8.

Revolta de Gogue e Magogue (20:7-10): Depois do Milênio.

A felicidade imensa do Milênio terminará ainda com uma outra revolta. Os homens, de algum modo, embora tenham vivido em um meio ambiente propício, não aprenderão a ser leais a Deus por meio de Cristo. Portanto, Satanás encontrará terreno fértil quando, por permissão divina, receber outra oportunidade de corromper os homens. O episódio de Gogue e Magogue se baseia verbalmente sobre Eze. 38:39; mas, profeticamente, aqueles capítulos se referem à Terceira Guerra Mundial, quando haverá uma batalha decisiva na Palestina, entre o anticristo e sua federação de dez reinos, por um lado, e a União Soviética e seus aliados por outro. Este último grupo será derrotado fragorosamente. Portanto, o autor usa uma passagem para expressar-se verbalmente, mas faz tal predição relacionar-se a um período posterior ao milênio, no que se constituirá a revolta final, e não algo antes da tribulação. Naturalmente, pensamos que ambas as predições são verazes: Ezequiel ter-se-ia reportado a um acontecimento, e o vidente João ter-se-ia reportado a outra ocorrência, mas, em ambos os casos, estarão envolvidos exércitos russos. As tradições apocalípticas judaicas manuseiam as predições sobre Gogue e Magogue de modos diversos; algumas dão a entender que tudo será antes do reino messiânico, e outras, depois e, ainda outras, durante o reino messiânico. (Ver *Abodah Zarah* 3b; *Her. Apocalipse* de Elias; Lactanius «*Instituições Divinas*» vii.26, *Epítome* 72; *Apocalipse Siriaco de Esdras* 12-13 e I *Enogue* 56:5-8). Todas essas previsões têm em comum, porém, que o ataque é desfechado contra a aparentemente indefesa nação de Israel, especificamente, Jerusalém. Isso se dará no caso da Terceira Guerra Mundial e, uma vez mais, depois do milênio. No primeiro caso, é atacada a nação literal de Israel; no segundo caso, são atacados os mártires que reinarão em Jerusalém.

Apocalipse 20:7: *Ora, quando se completarem os mil anos, Satanás será solto da sua prisão.*

Satanás será solto. Satanás será solto para que submeta os homens a um teste final, por permissão de Deus. Teriam os homens aprendido permanentemente sua lição? Teriam eles aprendido a ser leais realmente a Deus, mediante Cristo? A maioria, sim! Mas alguns, não! Isso é o que aprendemos nesta seção. O milênio será um período de instrução, de prova, e não apenas um paraíso, a idade áurea, embora também seja isso. Este versículo mostra, por igual modo, que Satanás em nada estará mudado, mas os homens terão de apreder

isso mediante horrenda demonstração. Somente Deus pode exigir com razão a lealdade da parte dos homens.

Sua prisão. Esse será o abismo ou «hades», conforme se vê nos três primeiros versículos deste capítulo. O anjo tê-lo-á amarrado com grande corrente, fechado à chave e selado a porta de entrada do abismo. Mas essa situação será revertida. Satanás sairá do *hades*, tal como antes sucedera ao anticristo (ver Apo. 17:8) e reiniciará a sua carreira de ludíbrio e destruição. Dessa vez, entretanto, será entravado quase imediatamente, após o que é enviado para o juízo final (ver Apo. 20:10).

Outras idéias sobre o sétimo versículo:

1. Assim como Satanás não terá aprendido sua lição mediante o castigo, assim também homens ímpios e desvairados parecem estar fora do alcance do poder remidor de Deus, o que é pensamento extremamente solene. «Ah! se o meu povo me escutasse, se Israel andasse nos meus caminhos!» (Sal. 81:13).

2. No primeiro paraíso, Satanás teve permissão de usar suas artes maléficas. Conseguiu enganar o homem e conduzir a humanidade ao desastre. Por igual modo, no segundo paraíso, ele terá sucesso idêntico; mas isso não conduzirá a uma tribulação universal, conforme sucedera na primeira investida.

3. A nova tentativa de seduzir os homens, por parte de Satanás, exaure a paciência de Deus, conforme se vê nos versículos seguintes.

4. Satanás terá de ser solto novamente a fim de mostrar de uma vez por todas, à criação inteira, que ele não pode ser reformado, devendo ser rejeitado total e finalmente. É incorrigível. Os homens, por sua vez, serão testados quanto à sua lealdade. Ninguém pode prestar a Deus mero serviço de lábios. Essas duas razões, e talvez outras, estão envolvidas como explicação de porquê Satanás será solto de novo. A lição é que os homens, na verdade, têm de nascer de novo, se tiverem de ser realmente santos e dedicados ao Senhor. Não poderá haver imitações infalíveis diante da prova; outrossim, a verdadeira santidade é necessária para a participação na verdadeira vida eterna do estado eterno (ver Heb. 12:14 e Rom. 3:21).

Apo. 20:8: *e sairá a enganar as nações que estão nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número é como a areia do mar, a fim de ajuntá-las para a batalha.*

Seduzir as nações. Satanás é o grande mentiroso, o pai da mentira, e agora agirá novamente segundo seu caráter inerente (ver João 8:44). Nele não há verdade; é o máximo do ludíbrio. Em contraste, Deus tem somente o bem em sua natureza. Já o homem é uma mistura de bem e de mal. Mas Satanás nada tem de bem em sua pessoa. Quando ele dá a aparência de ser bom, fá-lo com motivos perversos e ulteriores. Assim, se ele faz algo por alguém, conferindo-lhe algum pedido, por exemplo, é somente com o propósito de trazer-lhe algum mal final, após ter-lhe conquistado a confiança. Os homens precisam compreender isso. Portanto, Satanás será solto de sua prisão infernal, para que demonstre o que ele realmente é, que em nada mudou. Seu oferecimento de uma lealdade alternativa, uma vez que fracasse, deixará claro que somente Deus merece a confiança dos homens, somente ele pode ser a fonte de bondade e realização. (Pode-se ver como o «engano» tem sido a tarefa principal de Satanás, no livro de Apocalipse, em Apo. 12:9; 13:14; 19:20 e 20:3).

As nações que há nos quatro cantos da terra. Em outras palavras, todas as nações, ainda que os inimigos provenientes do norte de Israel, a terra de Gogue e Magogue, venham a ser os principais envolvidos nessa revolta. Os antigos, não entendendo que a terra é redonda, supunham que fosse quadrada, com quatro cantos, o que explica essa expressão. João, por sua vez, usa a linguagem popular de seus dias (ver Apo. 7:1 no NTI quanto a outra referência a isso, e onde essa idéia é comentada).

Gogue o Magogue. Há várias alusões a esses nomes nos apocalipses judaicos, todas as quais envolvem inimigos de Israel. Mas o seu ataque é variegadamente situado antes, durante ou depois do reino messiânico (ver *Abodah Zarah* 3b, *Apocalipse Hebraico* de Elias;

Lactâncio, *Instituições Divinas* vii.27, *Epítome* 72, Apocalipse Siríaco de *Esdra* 12-13 e *I Enoque* 56:6-8). A dependência literária desses nomes, porém, provavelmente se prende a Eze. 38-39. Aquela predição, contudo, se refere a uma luta antes do estabelecimento do reino de Cristo, durante o período da «grande tribulação», naquilo que consideramos seja a Terceira Guerra Mundial, em que o anticristo e sua federação de dez reinos se lançarão contra a União Soviética e seu aliados. A batalha decisiva terá lugar na Palestina, e as forças russas serão completamente derrotadas. A Rússia ocupará a Palestina toda e as nações árabes circunvizinhas, perto do fim do século 20, a fim de fazer cessar o contínuo conflito entre os árabes e israelenses e controlar o petróleo do mundo. O anticristo, com sua federação, se arrojará contra a Rússia, na Palestina. Disso resultará uma guerra atômica, com vastíssima destruição. Com a derrota da Rússia, o anticristo reinará supremamente, excetuando o poder da China. A batalha do Armagedom, pois, será a guerra contra a China, depois que esta tiver conquistado grande parte da Rússia e da Europa. O encontro das forças do anticristo e das forças chinesas será, uma vez mais, na Palestina. Isso sucederá mais ou menos na segunda década do século XXI. Será outro conflito armado terrível, que destruirá nações inteiras. Também haverá intervenções da natureza, talvez com a mudança dos pólos e o rearranjo dos continentes, o que deixará como sobreviventes apenas pequena parte da humanidade. Deus fará intervenção de várias maneiras e, finalmente, será estabelecida a idade áurea. Entretanto, após os mil anos do reinado de Cristo, a paz e a harmonia serão *novamente* interrompidas, por outro levante das nações contra Deus, evidentemente encabeçadas pela Rússia e seus aliados do norte. Essa revolta final é que está em foco em Apo. 20.

A identificação de Gogue e Magogue não é indubitável. Os comentadores estão divididos quanto às seguintes possibilidades:

1. Seriam os inimigos de Israel vindos do norte, sem distinção de nações particulares.

2. Seriam os inimigos em geral de Israel, sem identificação de localidade (uso espiritual).

3. Alguns vêem aqui os godos e outros antigos povos guerreiros.

4. Josefo identificava os citas como descendentes de Magogue, um povo da Sibéria ocidental. Isso, naturalmente, nos leva a uma possível identificação com a União Soviética.

5. Na opinião de alguns, «Magogue» é a designação da nação ou nações envolvidas, ao passo que «Gogue» seria o seu príncipe ou chefe (ver Eze. 38:2). Nessa referência, «Meseque» é identificado por alguns como «Moscou»; «Tubal» seria a cidade de «Tobolsk». Se isso é verdade, então a Rússia está claramente em foco. Pelo menos é certo que Gogue e Magogue são usados como nomes simbólicos para indicar todos os adversários do Messias, da igreja cristã e da nação de Israel; mas cremos que a identificação da União Soviética, neste ponto, é *quase certa*.

Para a peleja. Nessa oportunidade a batalha não será grande, porquanto haverá a intervenção divina, que porá fim a tudo (ver o nono versículo). Mas, é interessante notar que as três grandes batalhas dos fins dos tempos, aquela referida em Eze. 38-39, durante a tribulação; a batalha de Armagedom (ver o artigo separado sobre este assunto), após a tribulação, a qual dará início à «parousia»; e após o milênio, essa guerra de Gogue e Magogue, todas terão como ponto central a terra da Palestina, o território do povo escolhido de Deus.

O número desses é como a areia do mar. Eles conquistarão muitos aliados. Quão estranho, mas quão típico será tudo! Os homens, embora ricos materialmente e, segundo todas as aparências, espiritualmente abençoados, podem permanecer inconversos, prestando apenas serviço de lábios a Cristo. E é isso que sucederá durante o milênio. Porém, não se tendo convertido em seus corações, serão presa fácil para o último e grande ludíbrio de Satanás. Revoltar-se-ão e mostrarão que sua natureza humana é decaída, a despeito do fato de que viverão em um meio ambiente perfeito, o da idade áurea. «Importa-vos nascer de novo» (João 3:3-5).

Outras idéias sobre o oitavo versículo:

1. Satanás terá de ser derrotado novamente, em sua promoção do mal, a fim de que o mundo inteiro veja a que ponto isso leva. Mas os homens têm tremenda dificuldade para aprender essa lição.

2. «Os cães atacam aos leões, as feras atacam aos homens, os bárbaros e selvagens atacam à igreja de Deus. Todas essas são batalhas efetuadas devido aos motivos mais puramente instintivos, cuja racionalidade nem precisamos tentar provar. Na antítese de Caim e Abel, na realidade foi o mortal que assaltou ao imortal (Lange, *in loc.*). A maldade não tem racionalidade, e se revoltará em meio mesmo à era de ouro.

GOIM

Essa é a palavra hebraica, no plural, que significa «nações». Alguns estudiosos opinam que o termo procede do acádio, *gayum*, «tribo». Na linguagem do Antigo Testamento, porém, indica a idéia de «raças pagãs, não-judaicas». Quanto às suas conexões geográficas, o vocábulo veio a ser associado à porção nordeste da Síria. Um território governado por um certo Tidal, mencionado em Gênesis 14:1, é chamado por esse nome. Além disso, há uma força armada gentílica, na Galiléia, derrotada pelas tropas comandadas por Josué que tem esse nome (ver Jos. 12:23). Em Juízes 4:1,13, o nome de uma localidade *Harosete-Hagoim*, parece ser outra alusão a essa idéia, indicando uma área da Galiléia. E outro tanto deve ser dito acerca de Isaías 9:1: «...nos últimos (tempos) tornará glorioso o caminho do mar, além do Jordão, Galiléia dos gentios».

Onde Goim estaria localizada, depende de como identificarmos *Tidal*. A maioria dos estudiosos identifica Tidal como um nome hitita ou sírio (nosse último caso, relacionado a *Tudalia*). E esse é o nome de uma certa região da Síria. Porém, a idéia de que a palavra «goim» refere-se, coletivamente, aos povos não-israelitas, não é bem recebida pela maioria dos estudiosos.

GOLÃ

No hebraico, «cativo», embora haja quem pense no sentido «redondo». Esse é o nome dado a uma aldeia levítica de Basã, no território da tribo de Manassés, em Deu 4:43; Jos. 20:8; 21:27 e I Crô. 6:71. A pequena província de Gaulonite deriva seu nome dessa cidade. Refere-se ao distrito que ficava a leste do mar ou lago da Galiléia.

Golã era uma das três cidades de refúgio da porção leste do rio Jordão. As outras duas cidades de refúgio eram Bezer e Ramote (Ver Deu. 4:43). Tornou-se a principal cidade da província de Gaulonite, que foi uma das quatro províncias em que Basã foi dividida, após o cativeiro babilônico. Pode ser identificada com a moderna Sahem el-Golan, cerca de vinte e dois quilômetros e meio de Afeque (Hipos). Alguns eruditos pensam que sua localização exata ainda precisa ser descoberta. Golã foi cena tanto de uma derrota, como, posteriormente, de uma vitória alcançada por Alexandre (Josefo, *Anti.* 13:13,5). Nos dias do Novo Testamento, pertencia à tetrarquia de Filipe. Segundo Eusébio, o nome Gaulã (Golã) era o nome de uma grande aldeia, que emprestou seu nome a todo o território circunvizinho.

GOLFINHO

Ver *Texugo* (Dugongo).

GOLFO DE ÁCABA

Trata-se do braço nordeste do mar Vermelho. Para oeste fica a península do Sinai. Para leste, a terra de Midiã (deserto da Arábia). O termo hebraico que indica o mar Vermelho (mar de Sargaços) é usado em sentido amplo para aludir à região dos lagos Amargos, no delta do Nilo, e os golfos de Suez e Ácaba, e talvez o próprio mar Vermelho. No hebraico, *yam sup* refere-se ao golfo de Ácaba, pelo que a cidade portuária de Eziom-Geber (Eliate) é declarada como cidade situada no golfo chamado em hebraico *yam sup* (ver I Reis 9:26). Enquanto vagueava pelo deserto, Israel recebeu ordens para ir

de Cades-Barnéia para internar-se no deserto «pelo caminho do mar Vermelho» (ver Núm. 14:25; Deu. 1:40,41 e 2:1). Após uma segunda permanência em Cades-Barnéia, Israel foi novamente «pelo caminho do mar Vermelho», a fim de rodear o território de Edom, que ficava a leste de Arabá (ver Núm. 21:4 e Juí. 11:16). O golfo de Ácaba mui provavelmente está aqui em foco. O trecho de Êxodo 23:31 pode ser outra referência bíblica a esse local. (Z)

GOLIAS

1. *Seu Nome*

Segundo alguns estudiosos, a palavra hebraica significa «exílio». Porém, se o nome está relacionado a uma raiz árabe similar, então significa «forte», «vigoroso». Golias foi um guerreiro gitita, durante a época do reinado de Saul (século XI A.C.).

2. *Descendência*

Apesar de Golias ser chamado de filisteu, parece que, racialmente, ele era descendente dos amigos refains, uma conhecida raça de gigantes da antiguidade, e dos quais apenas um remanescente ainda sobrevivia nos dias de Saul. Alguns refains haviam-se refugiado junto aos filisteus, aliando-se a eles. Os amonitas haviam dispersado os refains (Deu. 2:19 ss).

3. *História Relatada*

A passagem de Núm. 13:32,33 registra a história dos espias que, ao voltarem, expuseram o seu relatório sobre os ocupantes da Palestina e as possibilidades de conquista. Afirmaram eles que ali havia «gigantes». Eram os filhos de Anaque; e, em confronto com eles, os israelitas pareciam gafanhotos. No entanto, algumas décadas depois, Josué foi capaz de extirpar totalmente os anequins das montanhas e de Hebrom. Nenhum deles restou na terra de Israel, embora ainda pudessem ser encontrados em Gate, uma das principais cidades da Filístia. Asdode também acolheu alguns deles. Ora, Golias era um gigante de Gate. Na qualidade de guerreiro filisteu, ele entrou em choque com Saul e, por conseguinte, com Davi. Arrogantemente, valendo-se de sua gigantesca estatura, Golias desafiava qualquer israelita a um combate singular com ele. Mas seu desafio não era aceito, dia após dia. Davi, que visitava a região onde se realizaria a batalha entre israelitas e filisteus, a fim de levar alimentos para seus irmãos, que faziam parte do exército israelita, tomou conhecimento da situação. E então, em nome de Israel, acabou aceitando o desafio lançado por Golias, na esperança de livrar Israel de tão grave ameaça. Habilidoso com a funda, por causa de seu trabalho como pastor de ovelhas, que precisava proteger seus animais das feras do campo, ele rejeitou quaisquer outros instrumentos de guerra. E, com uma pedrada certa, na testa de Golias, conseguiu abater por terra o gigante. Ato contínuo, Davi decepou a cabeça do gigante com a própria espada deste. Nas Escrituras, a história é contada no capítulo dezessete de I Samuel.

4. *A Estatura de Golias*

O trecho de I Samuel 17:4 informa-nos que Golias tinha seis côvados e um palmo de altura. Isso significa que ele tinha 2,75 m de altura. Alguns céticos têm duvidado disso. Porém, conheci pessoalmente um lutador profissional que tinha 2,45 m. Portanto, mais trinta centímetros e chegaríamos à estatura de Golias. De fato, alguns esqueletos humanos têm sido encontrados até com 3,20 m de altura. Os especialistas calculam, com base na envergadura desses esqueletos, que tais homens pesariam entre quatrocentos e quinhentos quilos. É interessante que esses esqueletos têm sido encontrados precisamente na região do Oriente Próximo, onde também viviam os anequins e outras raças de gigantes da antiguidade. A armadura de Golias (cota de malhas) pesava cerca de 57 kg, e a ponta de sua lança sete quilos (I Sam. 17:5,7). Depois de sua morte, a princípio a sua espada foi guardada em Nobe, sob jurisdição dos sacerdotes. Porém, o sacerdote Abimeleque entregou-a a Davi, quando este fugia de Saul (I Sam. 21:9; 22:10).

5. *Problemas do Texto Bíblico*

A passagem de II Samuel 21:19 atribui a morte de Golias a um

certo Elanã, mas, em I Crônicas 20:6 lemos que esse homem abateu Lami, irmão de Golias. Alguns eruditos têm procurado solucionar o problema, afirmando que o Golias envolvido nesse incidente foi um gigante diferente, embora do mesmo nome; mas muitos estudiosos não aceitam essa explicação. A maioria deles pensa que houve um erro qualquer de cópia, o que parece uma explicação mais provável do que aquela que supõe que Davi nunca matou gigante nenhum, e que, somente posteriormente, a fim de glorificá-lo (visto ter-se tornado rei de Israel), o feito da morte de Golias foi atribuído a ele. Ver o artigo separado sobre *Elanã*, segundo ponto, onde aparece um sumário de explicações sobre esse problema.

6. *As Lições Morais*

O relato sobre Davi e Golias tem sido usado para ilustrar como uma pessoa pode vencer, contando com a força do Senhor, quando seus próprios recursos são fracos e inadequados. Uma outra lição é sobre a coragem. Algumas vezes, é preciso coragem para defrontar e vencer um inimigo ou uma situação adversa. A coragem é aventureira, não desanimando diante de circunstâncias contrárias ou de cálculos racionais. Outros relatos de grande coragem física são aqueles de Jônatas, filho de Saul, o qual, sozinho, lutou contra toda uma guarnição de Filisteus (I Sam. 14:6-15); de Moisés, que resistiu a certo número de pastores ameaçadores (Êxo. 2:16-19); e de Gideão, que se dispôs a enfrentar uma grande multidão, com apenas trezentos homens (Jul. 7).

GÔMER

No hebraico, «perfeição» ou «término». Esse é o nome de duas personagens da Bíblia:

1. O filho mais velho de Jafé, filho de Noé. Gômer foi pai de Asquenaz, Rifate e Togarma (Gên. 10:2,3). Em Ezequiel 38:6, Gomer é descrito como um povo aguerrido, aliado de Magogue (cujo governante é chamado Gogue), proveniente do norte. É muito provável que seus descendentes tenham sido os cimérios (no acádio, *gimmirrai*; no grego, *kimmeroi*). A história relata que os cimérios foram forçados a sair da região que hoje é o sul da Rússia, pelos citas. Os cimérios então atravessaram as montanhas do Cáucaso e entraram na Ásia Menor (atual Turquia) aí pelos fins do século VIII A.C. No século VII A.C., eles lutaram contra os assírios, conquistaram Urartu, subjugarão a Frígia e a Lídia, e invadiram as cidades gregas da costa ocidental da Ásia Menor. Heródoto informa-nos que esse povo habitava no Maetis, na Quersoneso Auriana.

Os cimérios eram arianos de raça. Estrabão, Plutarco e Heródoto juntam que os cimérios, em data bem remota, estabeleceram-se ao norte do mar Negro, tendo dado o seu nome à Criméia, a antiga Quersoneso Taurica. Mas, tendo sido expulsos de seus territórios pelos citas, eles refugiaram-se na Ásia Menor, no século VII (Heródoto, *Hist.* 4:12). As referências bíblicas a Gômer, no livro de Ezequiel, são bastante vagas. Só podemos compreender que está em foco algum inimigo bárbaro, que descerá do norte nos últimos dias. Josefo (Anti. 1.6,1) diz que os ancestrais dos gálatas formavam uma colônia celta, de nome *Gômer*. Os *gomeri* podem ser equiparados aos cimérios dos tempos dos romanos, bem como aos *cymry* do País de Gales. Os nomes Cambria e Cumberlândia parecem preservar aquele antigo nome. Os povos celtas chegaram a ocupar toda a Europa ocidental, a região atualmente ocupada pelas ilhas britânicas, Portugal, Espanha, França, Suíça, e partes da Alemanha, da Áustria e da Checoslováquia. Também ocuparam parte da Bélgica e o extremo norte da Itália. Os chamados povos eslavos também contam com forte porcentagem de sangue celta. O povo brasileiro, descendente direto de portugueses, também conta com boa porcentagem de sangue celta. Na Espanha, os galegos formam a população de mais puro sangue celta da península. Há muitos brasileiros descendentes de espanhóis da Galícia.

2. *Nome da filha de Diblaim*. Ela foi uma prostituta que se tornou esposa ou concubina do profeta Oséias (Osé. 1:3), em cerca de 785 A.C. Simbolizava, portanto, a adúltera nação de Israel, posteriormente restaurada. Oséias teve vários filhos com essa mulher, os quais rece-

beram nomes próprios simbólicos para ensinar aos israelitas certas lições morais e espirituais. Alguns intérpretes, entretanto, opinam que o relato inteiro sobre Oséias e Gômer deve ser entendido metaforicamente, por suporem impossível que um profeta do Senhor pudesse, realmente, casar-se com uma prostituta. Oséias recebe ordens do Senhor para casar-se mais tarde com uma mulher adúltera; e alguns estudiosos supõem que seria essa mesma mulher, a qual, por algum tempo, ou abandonara Oséias, ou fora repelida por ele, por haver-se prostituído. Não há certeza, contudo, que essa mulher adúltera tenha sido a mesma Gômer; mas, em caso positivo, então temos nisso uma lição sobre cura e restauração espirituais. Os filhos de Oséias e Gômer tinham estes nomes: Jezreel, Lo-Ruama e Lo-Ami (vide, quanto às lições tencionadas através desses nomes próprios).

GOMORRA

A palavra hebraica parece significar «submersão». Um termo árabe cognato possível é *ghamara*, «inundar». Gomorra foi uma das cidades da planície, ao sul do mar Morto, destruída juntamente com Sodoma, como castigo divino, para servir de lição universal. Ver Gên. 10:19; 13:10; 19:24,28.

Gomorra tornou-se proverbial, juntamente com Sodoma (vide), como lugar onde imperava uma intolerável iniquidade, até chegar a sua total destruição. No Novo Testamento, Jesus, Paulo, Pedro e Judas referem-se a Sodoma e Gomorra como antigos exemplos da ira retributiva de Deus. Ver Mat. 10:15; Rom. 9:29; II Ped. 2:7 e Jud. 7.

A primeira referência bíblica a Gomorra dá-nos a entender que essa cidade ficava situada ou no extremo sul ou no extremo leste do território dos cananeus (Gên. 10:19). Os informes bíblicos indicam que o distrito do rio Jordão, onde Gomorra estava localizada (juntamente com Sodoma, Admá, Zeboim e Zoar), era uma área produtiva e próspera, densamente povoada, em cerca de 2054 A.C. Essas cidades estavam todas localizadas no vale de Sidim (Gên. 14:3), uma região atualmente recoberta por um lençol de água, no extremo sul do mar Morto. Juntamente com Sodoma e outras cidades da região, Gomorra foi derrotada por uma confederação de reis mesopotâmicos, que invadiu o vale do rio Jordão, ao tempo de Abraão.

Ló, sobrinho de Abraão, talvez por razões financeiras, resolveu viver entre os ímpios pagãos da região. Então ocorreu a destruição, da qual Ló só foi salvo mediante a intervenção de Abraão. Em cerca de 2050 A.C., a região foi devastada por uma imensa conflagração. Lemos em Gênesis 14:10 que na região havia muitos poços de betume. Por toda a área em redor, até hoje podem ser encontrados depósitos naturais de betume. A área fica localizada bem em cima de uma falha geológica, sujeitando-a a muitos tremores de terra. Muitos intérpretes acreditam que o desastre que atingiu a região incluiu um terremoto, e talvez até alguma forte erupção vulcânica, dando a impressão de que o que ocorreu foi apenas um desastre natural. Mas outros estudiosos crêem em uma intervenção divina, paralelamente a perturbações dos elementos naturais. Ao que parece, sal e enxofre foram expelidos do solo para o ar, de tal modo que, literalmente, choveu «enxofre e fogo», da parte do Senhor, sobre toda aquela planície (Gên. 19:24). A história que envolve a esposa de Ló, que foi transformada em estátua de sal, provavelmente reflete o fato de que ela foi apanhada pela erupção, não tendo conseguido escapar. O monte de Sodoma, que os árabes conhecem pelo nome de Jebel Usdum, é uma massa de sal com oito quilômetros de comprimento, na direção norte-sul, na extremidade sudeste do mar Morto, o que nos faz lembrar da narrativa bíblica. Tácito (*Hist.* 5:7) e Josefo (*Guerras* 4.4) informam-nos que as ruínas das cidades da planície continuavam visíveis em sua época. Segundo todas as indicações, desde aqueles dias, a região veio a ser coberta pelas águas do extremo sul do mar Morto, formando um trecho onde as águas são mais rasas que o normal.

GONZOS, DOBRADIÇAS

Há duas palavras hebraicas envolvidas: 1. *Tsir*, «forma», «gonzo», usada apenas por uma vez com esse sentido, em Pro. 26:14. 2. *Poth*,

«gonzo», «abertura», também usada somente por uma vez com esse sentido, em I Reis 7:50. Em nossa versão portuguesa, temos a tradução «gonzos», no primeiro caso; e «dobradiças», no segundo caso.

Os antigos não tinham dobradiças, conforme as conhecemos atualmente. As portas, no Oriente Médio, giravam sobre gonzos, feitos em uma extremidade superior e em outra extremidade inferior de um dos lados da porta. As perfurações onde ficavam encaixados os gonzos ficavam na verga e no batente da porta.

O uso metafórico, no livro de Provérbios, é interessante. Uma porta não sai do seu lugar, embora gire em torno de seus gonzos. Por igual modo, o preguiçoso revolve-se no seu leito, mas não vai a parte alguma e nada faz.

GORDURA

Há cerca de doze palavras hebraicas envolvidas na idéia, a saber:

1. *Cheleb*, «gordura», «a melhor parte», «tutano». Essa palavra ocorre por oitenta e oito vezes, nas páginas do Novo Testamento, conforme se vê, por exemplo em Gên. 4:4; Êxo. 23:18; Lev. 3:3,4,9,10, 14,16,11; 4:8,9,19,26,31,35; 17:6; Núm. 18:17; Deu. 32:14,38; Juí. 3:22; I Sam. 2:15,16; II Sam. 1:22; I Reis 8:64; II Crô. 7:7; 35:14; Sal. 17:10; Isa. 1:11 43:24; Eze. 39:3,19; 44:7,15.

2. *Beri*, «gordo», «firme». Palavra usada somente uma vez: Eze. 34:20.

3. *Bari*, «gordo», «firme». Palavra que aparece por seis vezes: Gên. 41:4,18,20; Juí. 3:17; I Reis 4:23; Zac. 11:16.

4. *Dashen*, «gordo», «opulento». Palavra que figura por dez vezes. Deu. 31:20; Sal. 22:29; 92:14; Isa. 30:23; Pro. 11:25; 13:4; 28:25; Isa. 34:6,7; Pro. 15:30.

5. *Mashmannim*, «substâncias gordurosas». Palavra que é utilizada por seis vezes, embora no plural só apareça por uma vez, em Nee. 8:10.

6. *Peder*, «gordura», «graxa». Palavra usada somente por três vezes: Lev. 1:8,12; 8:20.

7. *Shaman*, «engordar». Palavra usada por cinco vezes: Nee. 9:25; Isa. 6:10; Deu. 32:15 e Jer. 5:28.

8. *Shemen*, «azeite», «óleo». Palavra empregada por quatro vezes: Isa. 25:6; Isa. 28:1,4.

9. *Shamen*, «oleoso», «gorduroso». Palavra usada por oito vezes: Gên. 49:20; Núm. 13:20; I Crô. 4:40; Nee. 9:25,35; Eze. 34:14,16; Hab. 1:16.

10. *Marbeq*, «engorda», «estábulo». Com o primeiro sentido, aparece apenas por uma vez: I Sam. 28:24.

11. *Meri*, «cevado». Palavra usada por cinco vezes: I Reis 1:9,19,25; Amós 5:22; Isa. 1:11.

12. *Beri basar*, «gordo na carne». Expressão hebraica que só aparece por duas vezes: Gên. 41:2,18.

Consideremos os quatro pontos abaixo:

1. Essa palavra é usada pela primeira vez na Bíblia em Gên. 4:4, onde se lê que Abel ofereceu das primícias de seu rebanho e da gordura do mesmo, uma oferenda ao Senhor.

2. A legislação mosaica afirmava que toda a gordura dos animais oferecidos em holocausto ao Senhor pertencia a ele (Lev. 3:14-17; 7:30).

3. Os capítulos terceiro a sétimo de Levítico especificam que as porções gordas dos animais sacrificados, como as entranhas, os rins, o fígado e a cauda das ovelhas, eram pertencentes ao Senhor. Essas porções precisavam ser sacrificadas juntamente com o animal morto (Êxo. 23:18).

4. Alguns estudiosos têm pensado que ao povo de Israel foi proibido comer gordura; mas a proibição envolvia somente os animais sacrificados nas cerimônias religiosas. Isso torna-se claro em Deu. 12:15,16 21-24. Essa proibição alicerçava-se sobre a idéia de que a gordura é a porção mais rica do animal, pelo que só podia pertencer àquele que é a Fonte originária de tudo, Deus. Outras nações observavam práticas similares, aparentemente com base no mesmo tipo de filosofia.

Uso Figurado. O sangue era considerado como a vida da carne, em algum sentido místico e misterioso, e não apenas em sentido biológico (Lev. 17:14). Contudo, era reputado de importância secundária em relação à carne, sobretudo as porções gordas. A gordura simbolizava a saúde, o vigor físico e a abundância. É por isso que, no hebraico, encontramos expressões como «gordura da terra», «gordura da tribo» ou «gordura do azeite», indicando sempre as porções seletas disto ou daquilo, conforme o caso. Ver Gên. 45:18; Sal. 81:16; Deu. 32:14; Núm. 18:12; II Sam. 1:22.

Na atualidade, alguém ser «gordo», em algumas culturas, é sinônimo de ser «forte». Mas a ciência tem demonstrado os efeitos prejudiciais da gordura, na dieta. Além disso, cada vez mais se pensa que a figura do gordo é antiestética. Uma expressão comum para indicar várias qualidades negativas é: «Ele só tem gordura, mas não músculos».

GÓSEN

O sentido dessa palavra é desconhecido. Esse é o nome de três localidades geográficas, nas páginas da Bíblia, a saber:

1. Gósen era uma província ou distrito do Egito, onde Jacó e sua família estabeleceram-se, a convite de José, e onde eles e seus descendentes permaneceram por um período de quatrocentos e trinta anos (Gên. 40:10; 46:28; 50:8; 56:37; Êxo. 7:22; 8:26). A Bíblia, porém, não fornece descrições precisas acerca da extensão e das fronteiras desse território. Só há indicações que dão uma idéia geral a respeito. Ficava no lado leste do rio Nilo, o que pode ser deduzido com base no fato de que não se lê que Jacó e sua gente atravessou para o outro lado do rio Nilo, como também não houve necessidade de que, quatro séculos mais tarde, os israelitas o atravessassem, quando do êxodo. O trecho de Êxodo 13:17,18 dá a impressão de que a terra de Gósen ficava contígua à Arábia. Ver também Gên. 45:10. O relato do livro de Êxodo mostra que não ficava muito distante do mar Vermelho. Provavelmente, ficava no Baixo Egito, no lado leste do ramo Pelúscio do rio Nilo, perto de Hierópolis. «Terra de Gósen» e «Terra de Ramessés» são expressões que apontam para uma só região. Israel iniciou o êxodo da cidade de Ramessés (Êxo. 12:37; Núm. 33:3), uma cidade que eles mesmos tinham ajudado a edificar. Ver Êxo. 1:11. Visto que eles tinham de trabalhar em Pitom (ver Êxo 1:11), Gósen não pode ter ficado muito longe desse lugar. Gósen ficava localizada na estrada da Palestina ao Egito. A antiga cidade de Ramessés tem sido localizada ou em Tânis (Zoã), ou perto da moderna aldeia de Qantir. E os eruditos modernos pensam que esta última é a escolha mais provável. O *wadi* Tumilat assinala o sítio da antiga Pitom, que ficava na parte sudeste do Delta do Nilo. Ver o artigo separado sobre *Pitom*. Com base nesses detalhes, Gósen pode ser situada no território entre Saft el Henneh, no sul (na extremidade ocidental do *wadi* Tumilat), e Qantir e El Salhieh, que ficam no norte e no nordeste.

A porção oriental do delta do Nilo seria um local apropriado, pois ficava perto da corte real (Gên. 14:10). José servia ao seu Faraó (provavelmente hicso) em Mênfis (um lugar perto da moderna cidade do Cairo). Essa localização também se ajusta bem ao local da entrevista que Moisés teve com Faraó, em Pi-Ramessés (Êxo. 7-12). A região era fértil e excelente para pastagens e vários tipos de cultivo agrícola. Entretanto, os Faraós não davam tanto valor a essa região quanto valorizavam outras regiões do Egito, por estar muito distante dos canais de irrigação do rio Nilo. Esse território ampliava-se por cinqüenta a sessenta e cinco quilômetros, tendo como centro o *wadi* Tumilat e indo desde o lago Timsa até as margens do Nilo. Tânis era chamada de Casa de Ramessés (cerca de 1300-1100 A.C.). Esse local foi a região onde habitaram os hebreus até saírem do Egito, e também permaneceu essencialmente imune às várias pragas que, por ordem de Deus, atingiram o Egito (Êxo. 11:2,3; 12:35,36).

2. *Gósen da Palestina.* Esse era o nome de um distrito existente no sul da Palestina (Jos. 10:41; 11:16). Ficava localizado entre Gaza e Gibeom. As campanhas militares encabeçadas por Josué levaram-no por toda a região montanhosa, pelas terras do sul (Neguebe), pelas

terras baixas (Sefelá), e pelas vertentes dos montes (Asedote) da porção ocidental da Palestina. Os informes bíblicos especificam a área desde Cades-Barnéia até Gaza, e também «toda a terra de Gósen até Gibeom» (Jos. 10:41).

3. A *Cidade de Gósen.* Essa cidade é mencionada em associação a Debir, Socó e outras cidades da região montanhosa de Judá (Jos. 15:51). Ficava localizada na porção sudoeste de Judá. A cidade de Gósen ficava no distrito de Gósen (segundo ponto, acima), sendo provável que o distrito derivava o nome dessa cidade. Tem sido identificada com o Tell el Dhariyeh, a pouco mais de dezenove quilômetros a sudoeste de Hebrom; ou então, conforme outros estudiosos têm pensado, ficava um pouco mais para leste desse lugar.

GOZÃ

No hebraico, «alimento». Essa cidade é mencionada por cinco vezes no Antigo Testamento: II Reis 17:6; 18:11; 19:12; I Crô. 5:26; Isa. 37:12. Nossa versão portuguesa, tal como outras versões estrangeiras, dá impressão, em três dessas cinco passagens, que se trata de um rio, e não de uma cidade. Os trechos que Mostram que, na verdade, era uma cidade, são II Reis 19:12 e Isa. 37:12, onde aparece uma lista de cidades destruídas pelos assírios, nos dias do reinado de Senaqueribe.

Gozã era uma cidade da mesopotâmia, localizada às margens do rio Habor, um tributário do rio Eufrates. Ficava a leste da imponente cidade patriarcal de Harã, e noroeste de Ninive, capital do império assírio. Muitos hebreus foram deportados para essa cidade, em 722 A.C., por quanto o reino do norte, Israel, ficou essencialmente devastado. Ver II Reis 17:6; 18:11; 19:12 e Crô. 5:26. O nome assírio dessa cidade era *Guzanu*. O moderno *Tell Halaf* assinala o local dessa antiga cidade. Fica às margens do rio Kabur (no Antigo Testamento, Habor), onde o mesmo cruza as fronteiras entre a Síria e a Turquia, cerca de trezentos e vinte quilômetros a leste da extremidade nordeste do mar Mediterrâneo.

A partir de 1911, vêm sendo feitas escavações arqueológicas nessa localidade. Ali têm sido descobertas evidências de uma antiga civilização, que remonta cerca de 4000 A.C. Os arqueólogos ficam impressionados diante da qualidade e da beleza das peças de cerâmicas ali achadas. Essas explorações arqueológicas também têm trazidos à superfície tabletes pertencentes aos séculos VIII e VII A.C., onde aparecem inscritos vários nomes de origem semita. Esses nomes poderiam estar relacionados à presença de exilados israelitas, que estariam vivendo ali, durante aquele período da história.

GRALHA

Essa palavra, no hebraico original, aparece somente em Lev. 11:18 e Deu. 14:16, como uma das aves vedadas ao consumo dos israelitas. Mas a identificação da ave é muito problemática, e as versões variam desde o cisne até a coruja cornuda. É difícil saber de onde os revisores de nossa Bíblia portuguesa colheram a idéia de que se tratava da gralha. A verdade, porém, é que uma opinião é tão válida quanto outra qualquer, pois é impossível sugerir uma tradução consciente do termo hebraico. A LXX sugere a íbis, ave da qual há oito espécies na Palestina, embora nada há que apóie tal tradução. Modernamente, Driver sugeriu a «corujinha». É impossível que o cisne seja a tradução correta. O cisne mudo é um visitante dos lagos e dos rios, durante o inverno, mas o mais provável é que os israelitas desconhecêssem essa ave, sobretudo no deserto. Além disso, ninguém atina com a razão pela qual o cisne poderia ser considerado uma ave imprópria para o consumo humano, ou imunda.

GRANADA

No hebraico, *nophek*, um termo que aparece por quatro vezes, em Êxo. 28:18; 39:11; Eze. 27:16 e 28:13. Nossa versão portuguesa diz «esmeralda», em todas as quatro passagens, o que também sucede em outras versões. No entanto, o sentido da palavra hebraica parece ser mais «carbúnculo», «rubi», «granada».

A granada envolve um grupo isomórfico de minerais de mistura com o cálcio, o magnésio, o manganês e o ferro, juntamente com o alumínio e o cromo. Os nomes dos diversos minerais do grupo são a andradita, o pirolo, o magnésio-alumínio, a espessartita, o manganês-alumínio, a almandina e o ferro-alumínio. As granadas são relativamente comuns, bem distribuídas em formações rochosas. Usualmente têm um tom vermelho escuro, embora também possam ser róseas, marrons, amarelas, negras ou mesmo verdes. Algumas são mesmo incolores. Os espécimes de cores mais claras são usados como gemas, com nomes variegados como rubis do Cabo, carbúnculos, pedras cinamom demantóide, essonita, rodonita e topezita. A granada também é um abrasivo industrial importante. É largamente usada para alisar a borracha e o couro. Ver também sobre a *Esmeralda*.

Restam muitas dúvidas sobre o sentido exato de muitas palavras hebraicas, sobretudo no tocante à fauna, à flora, a pedras preciosas e semipreciosas, etc. Isso explica as opiniões contraditórias dos estudiosos, quando se referem a essas questões.

GRANDE (GRANDEZA)

A principal palavra hebraica é **gadol**, usada por mais de quatrocentas e cinquenta vezes com esse sentido, desde Gên. 1:16 até Mal. 4:5. Outra palavra hebraica importante é **rab**, «muito», «abundante», usada por quase quinhentas vezes, desde Gên. 6:5 até Zac. 14:13. No grego também temos duas palavras que podemos considerar com proveito: **megas**, «grande» (utilizada por cento e noventa e cinco vezes, desde Mat. 2:10 até Apo. 21:12); e **polús**, «muitos», «numerosos» (que aparece por quase quatrocentas vezes, desde Mat. 2:18 até Apo. 19:12).

Como vemos, a idéia de pluralidade também está incluída, de tal modo que uma multidão pode ser chamada de «grande». A iniquidade humana, que provocou o dilúvio, como castigo, era *grande* (Gên. 6:5). Tal palavra também é usada para indicar pessoas dotadas de alguma qualidade notável ou que tenham feito alguma coisa prodigiosa. No Novo Testamento, a palavra grega **megas** é usada para indicar coisas volumosas ou espaçosas (Mar. 14:15); para quem tenha idade avançada (Rom. 9:12); para indicar os ricos (Heb. 10:35); para algum somido forte (Apo. 1:10); para o que é importante (Efé. 5:32). A palavra grega **polús** indica a idéia de *muitos*, de «grande número» (ver Mat. 7:22, para exemplificar). É muito freqüente, sobretudo no livro de Apocalipse, onde ocorre por nada menos de oitenta e duas vezes.

Neste artigo, porém, queremos destacar, principalmente, a idéia de *grandeza espiritual*. Aquele que lança mão dos diversos meios de crescimento espiritual haverá de obter esse tipo de grandeza. Ver o artigo sobre *Desenvolvimento Espiritual, Meios do*. O Senhor Jesus lançou a regra básica quanto a isso. O crente que quiser ser grande, deve ser servo de todos, ou seja, deve pôr em execução, de maneira suprema, a lei do amor (ver Mat. 20:27). Viver a lei do amor é a prova da espiritualidade (I João 4:7 ss). Ver o artigo geral sobre o *Amor*. Jesus demonstrou quão grande era, espiritualmente falando, ao lavar os pés de seus discípulos (João 13). Jesus mostrou-se grande em espiritualidade pessoal e em obras poderosas. No entanto, cada pessoa é singular, dotada de uma missão especial a cumprir (Apo. 2:17). O ponto culminante da grandeza da alma humana é atingido na sua transformação segundo a imagem de Cristo (Rom. 8:29), o que lhe permitirá obter a própria plenitude de Deus (sua natureza e seus atributos) (Efé. 3:19), fazendo-a participar da natureza divina, como verdadeiro filho de Deus, de acordo com a natureza e a imagem do Filho, Jesus Cristo (II Ped. 1:4).

GRANDE MAR

Esse é um dos nomes bíblicos dados ao *Mar Mediterrâneo* (*vide*). Algumas vezes era chamado simplesmente de «o mar», como em Núm. 13:29; Jos. 16:8 e Jonas 1:4. E também aparece o nome «grande mar» (Núm. 34:7; Jos. 9:1; Eze. 47:15), por causa da grande

extensão dessa massa de água. Além disso, era chamado de «mar ocidental», porquanto a terra dos hebreus estava localizada, em sua extremidade oriental, estendendo-se daí para o ocidente (Deu. 11:24; 34:2; Joel 2:20; Zac. 14:8). Detalhes mais completos a respeito aparecem no artigo referido por nome.

GRÃO

Ver os artigos gerais sobre **Agricultura e Alimentos**.

No hebraico, *tserer*, palavra que significa «sacola», «grão» e «pedregulho». Com o sentido de *grão* aparece somente por uma vez, em Amós 9:9, onde diz o Senhor: «...sacudirei a casa de Israel entre todas as nações, assim como se sacode trigo no crivo, sem que caia na terra um só grão». Portanto, nessa única menção, a palavra é usada em sentido metafórico.

No grego encontramos o vocábulo *kokkos*, «grão», «semente», que ocorre por sete vezes: Mat. 13:31; 17:20; Mar. 4:31; Luc. 13:19; 17:6; João 12:24; I Cor. 15:47. Esse termo tem sua raiz na palavra grega que significa «círculo», «redondo».

Na antiga nação de Israel os mais importantes produtos agrícolas eram grãos ou cereais de vários tipos, além do vinho e do azeite, conforme se lê, nessa ordem, em Deuteronômio 7:13 e 11:14. As sementes dos grãos eram plantadas logo no começo da estação chuvosa, correspondendo ao nosso mês de outubro. A cevada era o cereal que amadurecia primeiro (março e abril do ano seguinte), e o trigo amadurecia de uma semana a um mês mais tarde, dependendo do regime das chuvas. Mas esse amadurecimento dos grãos também dependia da altitude do terreno cultivado. A colheita maior se dava logo no começo de junho, da qual participavam todos os membros da família. Eram usadas pequenas foices de mão nesse mister, e o grão era separado da palha, em terrenos preparados para isso (as eiras), com a ajuda de animais, que arrastavam pesos para lá e para cá, repetidamente. O grão assim trilhado era lançado no ar, para o vento separar, definitivamente, a palha do cereal. Então os grãos eram guardados em grandes receptáculos; e, chegado o momento de seu uso, era moído até, tornar-se farinha.

Grãos ou Cereais Mencionados na Bíblia. 1. O trigo era o cereal mais valorizado na antiguidade, sendo cultivado em todos os lugares onde o clima o permitia (Gên. 41:2; Êxo. 29:2). O trigo era utilizado na feitura de vários tipos de pão. Mas as espigas também eram torradas e comidas inteiras, sem qualquer preparação especial. O melhor trigo da Palestina era cultivado nos vales férteis de Jezreel, de Samaria e da Galiléia. Nos tempos da dominação romana, o Haurã, na Transjordânia, era um dos grandes celeiros de cereais do Império Romano. 2. A *cevada*, depois do trigo, era o grão mais comum da Palestina. Podia ser cultivada em solos de qualidade inferior, e seu período de amadurecimento também era mais curto. Era o alimento dos pobres e dos animais. Ver Jui. 7: 13, Eze. 4:9; João 6:9, I Reis 4:28. Há uma espécie de cevada selvagem que cresce na Galiléia, estendendo-se para o nordeste, na direção do deserto da Síria. É provável que as variedades cultivadas, naquela região toda, se derivassem desse tipo. Era a forragem universal de cavalos, mulas e asnos (I Reis 4:28), embora também fosse usada no fabrico do pão dos pobres (Eze. 4:9). Por ser um artigo barato, era usado na chamada oferta de ciúmes (Núm. 5:15), e também podia ser usado como pagamento das prostitutas (Osé. 3:2; Eze. 13:19). Um bolo de cevada aludia à pobreza ou à baixa condição social de alguém (Jui. 7:13). 3. A *espelta* era uma espécie de trigo inferior, que medrava no Egito (Êxo. 9:32) e na Palestina (Isa. 28:25). Algumas vezes era usada misturada com o trigo, no fabrico do pão (Eze. 4:9). Algumas traduções traduzem ali por «centeio», mas os eruditos concordam que o centeio não era conhecido entre os hebreus. 4. O *painço* era um grão muito miúdo, mais ou menos como a semente de mostarda, usado como forragem para os animais. Nossa versão portuguesa omite tanto esse cereal como um outro elemento, na lista de Ezequiel 4:9. Há uma considerável conclusão quanto a esses dois últimos nomes da lista. O *painço* é traduzido, em algumas versões, por «milho», embora se saiba que o milho, na

época, só era conhecido pelos índios da América, sendo desconhecido na Ásia, na Europa e na África, antes do descobrimento do Novo Mundo, já em 1492. E, quanto ao outro elemento, algumas versões dizem «aveia», o que não corresponde aos fatos, pois o termo hebraico correspondente, *kussemet*, era a «espelta», um tipo inferior de trigo (ver o segundo ponto). O *painço* corresponde ao termo hebraico *dochan*, usado somente por uma vez, precisamente em Eze. 4:9, sendo um dos dois termos omitidos na nossa versão portuguesa.

Ilustração. Israel era uma nação agrícola, e era natural que rabinos e mestres, incluindo o Senhor Jesus, usassem metáforas baseadas na vida agrícola para propósitos didáticos. Assim, temos as parábolas do semeador (Mat. 13:3-23; Mar. 4:3-20); do joio e do trigo (Mat. 13:24-30); da semente que cresceu secretamente (Mar. 4:26-29); do rico com seus celeiros transbordantes de cereais (Luc. 12:16-21) e do grão de trigo que cai no chão, morre, mas depois ressuscita sob a forma de abundante produção (João 12:24). Paulo também só utilizou da idéia do trigo que morre e depois floresce, como símbolo da ressurreição (I Cor. 15:36). Em Amós 9:9 temos uma metáfora em que Israel, entre as demais nações do mundo, haverá de sofrer tribulações e perseguições, sacudida para lá e para cá; mas, no fim, segundo a promessa divina, será restaurada, não havendo perecido inteiramente.

Grãos, guardados em jarras tampadas, têm sido encontrados pelos arqueólogos. Têm sido assim encontrados grãos de trigo, de cevada, de espelta e de aveia, entre os escombros de Jericó. Um ponto interessante é que, antes dessas descobertas arqueológicas, muitos especialistas pensavam que a aveia era desconhecida na Palestina, devido ao fato de que a palavra hebraica correspondente jamais aparece no Antigo Testamento. Também para admiração de todos, alguns grãos, descobertos pelos arqueólogos, acabaram brotando e produzindo fruto!

GRELHA

No hebraico, *mikbar*, palavra que é usada por seis vezes no Antigo Testamento, sempre no livro de Êxodo (27:4; 35:16; 38:4,5,20; 39:39). Essa palavra indica qualquer coisa «torcida» ou «bordada», ou então uma gelosia, um trabalho trançado. A passagem de Êxodo 27:4 fala sobre uma espécie de grade de bronze, que rodeava a porção inferior do altar dos holocaustos (vs. 5). Nessa grelha de bronze havia quatro argolas, onde se punham varas, permitindo que o altar fosse transportado (Êxo. 27:4,7).

Os estudiosos não têm muita certeza sobre a serventia dessa grelha, mas as sugestões apresentadas são que ela recebia as brasas acesas, ou então que protegia o altar, agindo como suporte para todo material posto sobre o mesmo. Escreveu John Gill: «Uma chapa de bronze com perfurações, para permitir a passagem do sangue que escorria dos corpos de animais sacrificados ou as cinzas dos mesmos, uma vez queimados... servia para receber as brasas e os ossos que caíam de sobre o altar, e assim podia denotar a pureza do sacrifício de Cristo. (*in loc.*). Nesse caso, seria uma espécie de instrumento santificador do altar. Em seguida, John Gill sugere que as varas não ficavam na grelha, mas passavam *por* ela, na parte inferior da mesma.

GRILHÕES

Há três palavras hebraicas e uma palavra grega que devem ser consideradas neste verbete, a saber:

1. *Kebel*, «grilhão». Esse termo hebraico ocorre por somente duas vezes: Sal. 105:18 e 149:8.

2. *Ziqqim*, «cadeias», «grilhões». Palavra hebraica usada por quatro vezes com esse sentido: Jó 36:8; Sal. 149:8; Isa. 45:14 e Naum 3:10.

3. *Nechosheth*, «bronze», mas, algumas vezes, palavra hebraica empregada com o sentido de «grilhões», como em II Sam. 3:34, II Crô. 33:11, 36:6 Juí. 16:21 e II Reis 25:7.

4. *Péde*, «grilhões (para os pés)», pois até se deriva da palavra grega que significa «pó», *pós*, *podós*. E vocábulo grego usado por três vezes somente: Mar. 5:4 e Luc. 8:29.

Os grilhões eram algemas, amarras ou qualquer outra coisa que prendesse as mãos ou os pés, ou mesmo o corpo inteiro de uma pessoa. Os arqueólogos têm descoberto dois tipos básicos de grilhões: aqueles para as mãos, que as amarravam ao pescoço do indivíduo; e aqueles para os pés, que ligavam um pé ao outro para que não tivessem movimentos. Nos trechos de Juí. 16:21; II Sam. 3:34; II Reis 25:7 e II Crô. 33:11 temos grilhões feitos de bronze. O ferro mencionado em Miq. 5:4 e em Luc. 8:29 sem dúvida aponta para grilhões feitos desse metal ainda mais forte que o bronze. Na Bíblia temos a trágica história de Sansão, ligado com grilhões de cobre ou de bronze (ver Juí. 16:21); Manassés e Zedequias foram reis de Judá presos com grilhões, pelos caldeus, e transportados para a Babilônia (II Crô. 33:11), e também o homem possuído por um espírito imundo, que era amarrado com grilhões para não atacar outras pessoas (Mar. 5:4). Os egípcios empregavam grilhões de madeira, bem como aqueles feitos de metal. O trecho de Atos 28:20 refere-se a uma cadeia, usada como grilhões.

Usos Figurados. A passagem de Eclesiastes 7:26 encerra uma descrição gráfica sobre a mulher imoral. Seu coração assemelha-se a redes e armadilhas, e as suas mãos são como grilhões de ferro, que prendem e aprisionam. O homem que procura agradar a Deus, haverá de escapar de tal mulher. Assim também, todos os vícios e todas as doutrinas falsas podem atuar como grilhões, por serem imoralidades espirituais e, portanto, cadeias. A missão de Cristo liberta os cativos (Efé. 4:8). Jesus veio a este mundo anunciando o livramento aos cativos do pecado e da degradação. Essa é a mensagem central do evangelho. Ver Luc. 4:18.

GRILO

No hebraico, *chargol*, vocábulo que aparece exclusivamente em Lev. 11:22. Os nomes dos insetos na Bíblia usualmente se encontram em contextos que abordam animais puros e imundos. Ver o artigo sobre *os Alimentos*, onde há uma seção que trata desses alimentos permitidos ou não. Ver também o artigo *intitulado Limpo e Imundo*, que acrescenta algo mais àquelas informações, destacando o problema inteiro da pureza ou impureza cerimonial e alimentar. É muito difícil identificar os insetos específicos mencionados, pois os antigos não usavam uma linguagem científica quando se referiam à fauna e à flora. O artigo sobre *Gafanhoto* ilustra essa dificuldade. O *chargol* pertence à família do gafanhoto, visto que possuía asas e saltava vez de arrastar-se. As três famílias dos insetos saltadores são classificadas entre os *orthopera* (gafanhotos, locustas e grilos). E evidente que a palavra hebraica em questão refere-se a um desses insetos, embora não haja certeza acerca de qual dos três. Mas o besouro está fora de questão, visto que não salta.

GRINALDAS

No Novo Testamento, essa é a tradução, em português, da palavra grega *stemma*, «círculo», «coroa», «grinalda». Esse vocábulo aparece somente em Atos 14:13, apontando para um dos objetos que os sacerdotes de Zeus trouxeram para adornar Paulo e Barnabé, julgando que eles fossem deuses em figura humana.

Uma palavra hebraica que talvez signifique a mesma coisa é *livyah*, que ocorre somente por duas vezes, em Pro. 1:9 e 4:9. No entanto, a maioria dos estudiosos pensa que o sentido dessa palavra hebraica é «diadema», o que já seria coisa diferente. Ver o verbete *Diadema*. Ver também sobre *Ornamento*.

GUARDA

Uma *guarda* podia ser constituída por um único indivíduo ou por vários indivíduos encarregados de vigiar e proteger outra pessoa, outras pessoas, ou apenas coisas ou lugares. No Antigo Testamento, quatro palavras hebraicas estão envolvidas:

1. *Tabbah*. A princípio, essa palavra hebraica significava *executor real*, mas, com o tempo passou a indicar uma «guarda pessoal»,

como a do Faraó (Gên. 37:36; 39:1) ou a de Nabucodonosor (II Reis 25:8-10). Davi contava com um grupo de seiscientos mercenários estrangeiros, representantes dos queretitas e dos peletitas. Benaia era um desses homens, atuando como capitão deles (II Sam. 20:23). Eles acompanharam Davi em sua fuga de Absalão (II Sam. 15:18), e, posteriormente, formaram a escolta de Salomão, no dia em que foi coroado (I Reis 1:38,44). Davi tinha trinta guerreiros poderosos, que agiam como guarda pessoal especial (II Sam. 23:8 ss). O número deles é dado em II Sam. 23:18.

2. *Mishmaath*, que vem da raiz *sama*, «ouvir», «responder». Essa palavra aparece em II Sam. 23:23, indicando uma guarda pessoal, embora algumas traduções digam «concílio».

3. *Mishmar*, «guarda», «vigia». Ocorre por um total de vinte e duas vezes, com sentidos como «prisão», «cárcere», etc. Com o sentido de «guarda», porém, ocorre por três vezes: Nee. 4:22,23; Eze. 38:7.

4. *Ratsim*, «corredores». Eram mensageiros e guardas do rei, conforme se vê em I Sam. 12:17.

No Novo Testamento, em Atos 28:16, lemos que Paulo foi entregue a um «soldado que o guardava». O termo grego *stratopedarches* é usado ali. Esse vocábulo indicava um tribuno legionário ou capitão de tropas. Porém os melhores manuscritos omitem essa palavra, dizendo que Paulo ficou ali em companhia de um soldado que o guardava.

Também sabemos que o templo de Jerusalém dispunha de guardas, ou seja, de uma polícia do templo, escolhidos dentre os levitas. Eles mantinham a ordem no templo, e impediam que os gentios entrassem em áreas proibidas (ver Mat. 27:65). A Mishnah informa-nos que havia vinte e quatro pontos, no templo e na área circundante, que eram vigiados. Em Marcos 6:27, encontramos menção ao «executor». No original grego temos o termo *speculator*, um latinismo que só aparece nesse texto. Esses homens não só agiam como guardas, correios, mas também como executores. No latim clássico, entretanto, essa palavra significava um «espião», «observador» ou «vigia». A raiz verbal da mesma era *specio*, «olhar», «observar». O termo grego cognato é *spekto*. Herodes Antipas, pois, ordenou que um homem com esse título trouxesse até ele a cabeça de João Batista, em uma bandeja, conforme se lê em Marcos 6:27. Finalmente, encontramos o vocábulo grego *koustodia*, para indicar a guarda que ficou vigiando o túmulo de Jesus, conforme se lê em Mateus 27:66.

Usos Espirituais e Metafóricos

1. O poder preservador e guardador de Deus cuida de seu povo (Sal. 17:8; 33:13; Pro. 3:26; Isa. 26:3).

2. Os anjos estão encarregados de guardar os santos (Luc. 4:10 e Sal. 9:11,12).

3. O trecho de Colossenses 3:3 ensina-nos que as vidas dos crentes estão ocultas com Cristo, em Deus, o que indica total proteção. Devemos entender essa proteção principalmente em sentido espiritual, e não tanto em sentido físico. Ver o artigo sobre *Anjo da Guarda*.

GUARDA PESSOAL

Uma pessoa ou grupo de pessoas que interpõem seus corpos entre a pessoa a ser guardada de alguma ameaça, potencial ou real. Além disso, a expressão dá a entender a guarda da segurança física de outrem. Nas Escrituras, Davi é a primeira pessoa mencionada a ocupar tal ofício. De fato, ele era o capitão de um grupo de militares que protegiam o rei Saul (I Sam. 22:14). Aquis, rei de Gate, declarou que Davi poderia ser sua guarda pessoal. Isso sucedeu quando Saul buscava Davi para tirá-lo da vida (I Sam. 28:2). Posteriormente, o próprio Davi contou com uma guarda pessoal, composta de trinta guerreiros, tendo por comandante Benaia (II Sam. 23:23). Nebuzaradã era capitão da guarda pessoal do rei da Babilônia. Ele veio com tropas a Jerusalém e destruiu, mediante incêndio provocado, praticamente a cidade inteira (II Reis 25:8). (Z)

GUARDA, PORTA DA

Algumas traduções dizem **Porta da Prisão**. O item em questão era uma porta existente na cidade de Jerusalém, referida em Nee. 3:31 e 12:39. Ficava na esquina nordeste da cidade. O trecho de Neemias 12:39 diz-nos que o segundo grupo enviado por Neemias, por ocasião da dedicação das muralhas da cidade, estacou diante dessa porta. No entanto, John Gill informa-nos de que esse não era, propriamente, um portão da cidade, mas do átrio da prisão, levando o leitor ao trecho de Nee 3:25. Ver o artigo intitulado *Pátio do Cárcere*, *Pátio da Guarda*. Isso ficava perto do palácio do rei (Jer. 20:1,2; 32:2).

GUARDA PRETORIANA

Ver *Pretoreana*, *Guarda*.

GUARNIÇÃO

Há duas palavras hebraicas (com variantes) e uma palavra grega envolvidas neste verbete, a saber:

1. *Matstsab*, «posto», «guarnição». Com o sentido de «guarnição», ocorre por sete vezes: I Sam. 13:23; 14:1,4,6,11,15; II Sam. 23:14. Sob a forma *matstsbah*, «posto», aparece somente uma vez em I Sam. 14:12. A mesma coisa se diz acerca da forma *matstsebah*, que ocorre somente em Eze. 26:11.

2. *Netsib*, «posto», «guarnição». Esse vocábulo hebraico é utilizado por nove vezes, com o sentido de «guarnição»: I Sam. 10:5; 13:3,4; II Sam. 8:6,14; I Crô. 11:16; 18:13; II Crô. 17:2.

3. *Phroureo*, «montar guarda». Essa palavra grega ocorre apenas em II Cor. 11:32; Gál. 3:23; Fil. 4:7 e I Ped. 1:5.

A palavra hebraica *netsib* também indica um «oficial» que é colocado em algum posto conquistado, dando a entender que ele contava com uma guarnição militar. Uma guarnição consiste em um destacamento de tropas armadas, usualmente tendo a seu encargo alguma fortaleza ou área fronteiriça estratégica. Assim, os filisteus puseram guarnições na região de Judá; mas Davi, após muita luta contra eles, foi capaz de submetê-los, conforme lemos no décimo quarto capítulo de I Samuel. Tendo feito isso, ele mesmo postou guarnições de israelitas em Edom e na Síria. Em tempos posteriores houve uma guarnição em Jerusalém, conhecida como *barracas* ou *acrópolis*. Ver sobre *Antônia*, *Torre de*. Sua posição estratégica explica como o comandante da guarnição (em grego, *chiliarchos*) foi capaz de intervir tão prontamente, livrando Paulo das mãos da turba, que o ameaçava (ver Atos 22:3 ss). Damasco também contava com uma guarnição de soldados romanos (ver II Cor. 11:32), a qual foi empregada, inutilmente, para impedir o escape de Paulo.

GUDGODÁ

No hebraico, «incisão», «perfuração». Os israelitas estiveram nesse local, nas circunvizinhanças de Gades-Barnéia, quando vagueavam pelo deserto antes de conquistarem a Terra Prometida. Sob essa forma, o nome aparece por duas vezes em Deu. 10:7. Em Núm. 33:33, o nome do mesmo lugar aparece como Hor-Gidgade, um nome que, aparentemente, significa «caverna de Gidgade». Os eruditos sugerem que ficava perto do *wadi* Hadahid. É possível que a diferença de grafia, entre o trecho de Deuteronômio e o de Números, deva-se, principalmente, a sinais vocálicos, escolhidos pelos massoretas (vide).

GUEL

No hebraico, «majestade de Gade». Esse era o nome do filho de Maqui, dirigente da tribo de Gade. Ele esteve entre os doze espias que foram enviados para explorar a Terra Prometida (Núm. 13:15), em cerca de 1440 A.C. Ele foi o representante da tribo de Gade, e esteve entre aqueles que apresentaram um relatório pessimista, calcado sobre a incredulidade.

GUERRA

Há dois artigos, nesta enciclopédia, que fornecem muitas informações sobre as guerras da antiguidade: *Armaduras e Armas* e *Forte*,

Fortificação. Além das informações ali prestadas, oferecemos o que se acha neste verbete, como segue:

Esboço

Declaração Introdutória

I. Descrições Vivas

II. Guerra entre Várias Nações Antigas

III. Guerra entre os Hebreus

IV. Métodos e Costumes das Guerras dos Hebreus

V. Alexandre e a Guerra

VI. Os Romanos e a Guerra

VII. A Guerra nas Páginas do Novo Testamento

VIII. A Guerra e a Religião

IX. Usos Figurados

Declaração Introdutória

O general George Patton, um grande militar norte-americano da Segunda Guerra Mundial, escreveu à sua esposa, diretamente do campo de batalha, asseverando: «Gosto da guerra e estou me divertindo muito». Ele e o general Bradley chegaram a uma cena onde se dera uma batalha, com muita destruição, destroços, veículos incendiados e cadáveres atirados por todo o lado. Patton exclamou: «Que Deus me ajude! Mas eu gosto disto!» Noutra ocasião, Bradley disse a Patton: «Eu fui treinado para a guerra. Mas você gosta da guerra». Um famoso personagem dos desenhos animados, o marinheiro Popeye, disse em uma cena: «Luto pelo que é direito, e também como diversão». O zelo com que os homens guerreiam reflete a depravação da natureza humana. Quedamo-nos admirados diante da brilhante e nobre literatura de Homero, quando ele compôs a *Ilíada* e a *Odisseia*, mas ficamos perplexos diante do fato de que a guerra é o pano de fundo de tudo quanto ele escreveu. Também ficamos admirados quando lemos sobre as matanças em que os hebreus estiveram envolvidos, e grande parcela do Antigo Testamento está voltada para os temas guerreiros. Houve, então, tantas matanças que nos parecem sem sentido! É notável que tal literatura, como é a do Antigo Testamento, tenha provindo de um contexto desses. O próprio Deus é ali retratado como o Grande General, que ordenou aquelas carnificinas. Mas, mesmo admitindo-se que os povos vizinhos a Israel mereciam ser julgados, por causa de suas inúmeras corrupções, ainda assim é difícil ver Deus como o promotor desses combates. Mas, nem sempre Deus faz aquilo que os homens (até mesmo homens piedosos) supõem que ele faz. Os homens imaginam Deus segundo a própria imagem deles.

Além disso, há a questão dos valores. É verdade que a guerra tem feito os homens inventarem coisas que chegam a ser úteis, em tempos de paz. Posto que a necessidade é a mãe das invenções, com frequência, as guerras têm dado motivo para a invenção de coisas que, depois, já em tempos de paz, mostram ser de utilidade. Mas, nem por isso a guerra é justificada. Noutras ocasiões, é necessário que pessoas religiosas se armem, a fim de se defenderem. Ver o artigo separado sobre as *Guerras Religiosas*. Porém, coisas que algumas vezes são necessárias, não são reflexos necessários da santidade e nem mesmo daquilo que é desejável.

O Comandante Sangüinário

Não é mau. Que toquem.

Que os canhões estrondem e os aviões bombardeiem,

Proferindo suas prodigiosas blasfêmias.

Não é mau, é chegado o tempo.

A maior violência ainda é O comandante para

Gerar valores neste mundo.

Quem se lembraria do rosto de Helena,

Se lhe faltasse o terrível halo de lanças?

.....

Não choreis, deixai-os tocar,

A velha violência não é antiga demais

Para gerar novos valores.

(Robinson Jeffers)

I. Descrições Vivas

Na Bíblia não faltam descrições sobre como os homens matam ou são mortos. Uma das primeiras expressões do pecado, entre os homens, foi o homicídio (ver o terceiro capítulo de Gênesis). Na primeira profecia messiânica há menção a uma contínua hostilidade (Gên. 3:15). A consumação desse drama é retratada como a vinda do Rei guerreiro, que porá fim a todo o mal que há na terra (Apo. 19:11-21). O próprio milênio, inaugurado em seguida, não será capaz de eliminar a guerra das mentes dos homens. Além disso, antes do milênio haverá a maligna missão do anticristo (vide), o qual provocará, pelo menos, uma guerra mundial, ou mesmo duas ou três. Ver o artigo sobre *Profecia, Tradição da, e a Nossa Época*.

Se tivéssemos de escolher um texto do Antigo Testamento que melhor refletisse uma selvageria desnecessária, parece que I Samuel 27:8 ss teria de ser selecionado. Vemos ali que Davi (durante o período em que procurava se esconder de Saul) encabeçou vários ataques contra populações em redor, não deixando ninguém com vida, que pudesse servir de testemunha de suas matanças. Naturalmente, nesse processo, ele juntou a maior quantidade possível de despojos. No texto sagrado aprendemos que pelo menos alguns desses ataques foram efetuados meramente para enganar Aquis, que estava dando abrigo e proteção a Davi. Esse homem, pois, supunha que Davi estava combatendo contra os seus próprios compatriotas hebreus, sendo essa, precisamente, a impressão que Davi queria dar-lhe, a fim de que o asilo não lhe fosse negado. Lemos em I Samuel 26:11: «Este era o seu (de Davi) proceder por todos os dias que habitou na terra dos filisteus».

II. Guerra Entre Várias Nações Antigas

1. Os Sumérios

Evidências literárias e arqueológicas confirmam a habilidade com que os sumérios guerreavam. Eles foram um povo semita que ocupara o sul da Babilônia antes de 3000 A.C. Eles dispunham de carros de guerra com quatro rodas, arcos e flechas de guerra e outros equipamentos militares. As armaduras deles eram, realmente, impressionantes. Ver sobre *Armadura, Armas*. Foi encontrado um capacete de ouro sólido, com data de antes de 2500 A.C., feito com grande arte. Adagas com lâmina de ouro, flechas com ponta de pederneira, cabeças duplas de machado e lanças com ponta de cobre têm sido encontrados entre os artefatos fabricados pelos sumérios. A famosa *falange* dos gregos, está provado, foi uma formação de combate criada pelo sumérios.

2. Os Egípcios

Os egípcios, que eram camitas, contavam com grandes exércitos; mas eles também alugavam mercenários, como os núbios, de pele negra, que os ajudavam em suas expedições ao estrangeiro. O soldado egípcio comum contava com um equipamento militar incrível. Ele levava consigo um escudo de couro, um arco de guerra composto, com flechas de ponta de pederneira, uma longa lança, uma espada recurva e, algumas vezes, adicionava a isso um machado de guerra. Os soldados egípcios usavam uniforme. A partir de cerca de 1550 A.C., os egípcios começaram a usar cavalos em suas batalhas juntamente com carros de combate. Foram criados entre eles muitos modelos de dardos, de lanças, de flechas e de adagas.

Os egípcios também levantaram grandes fortalezas, na tentativa de impedir o avanço de exércitos invasores inimigos. Ver o artigo separado sobre *Forte, Fortificação*. A região das cataratas do Nilo, no Alto Egito, era protegida por muitas fortalezas, o que também se verificava na área do delta desse rio. As minas egípcias de turquesas e de cobre, na península do Sinai, também eram protegidas por fortalezas. Os egípcios não eram grandes marinheiros, mas sabemos que Ramsés III usou uma flotilha de guerra contra a confederação líbia, no século XII A.C.

3. Os Assírios

A narrativa bíblica dá uma atenção particular aos assírios, visto que o primeiro grande cativo (do norte de Israel) foi efetuado por esse povo semita. Durante algum tempo eles dominaram a região dos rios

Tigre e Eufrates, tendo ampliado as suas fronteiras, mediante ataques selvagens contra os povos circunvizinhos. Nínive (vide) era uma de suas capitais. A começar pelo século IX A.C., nos tempos de Assurnasirpal II (depois dele vieram outros monarcas, como Salmaneser III e, um pouco mais tarde, Tiglate-Pileser III, Sargão II, Senequeribe e Esar-Hadom) os assírios impuseram a sua hegemonia sobre aquela porção geográfica do mundo antigo. Seus ataques cruéis e incansáveis faziam os outros povos tremerem. Eles eram muito habilidosos no emprego de toda a espécie de armamento, tendo-se tornado famosos por seus precisos ataques de cavalaria ligeira e por seus ataques com carros de combate. Ver sobre o *Cativeiro Assírio*.

4. Os Caldeus Babilônios

Esse povo foi o responsável pelo segundo cativeiro de Israel (que envolveu o reino do sul, Judá). Ver o artigo separado sobre o *Cativeiro Babilônico*. Os babilônios, que eram uma miscigenação de povos semitas, camitas e jafetitas, mas com preponderância semita, ainda eram guerreiros mais hábeis do que os assírios, embora talvez não fossem tão cruéis. Por isso mesmo, eram mais temidos do que os assírios tinham sido. Eram grandes mestres no uso da cavalaria e dos carros de combate. O trecho de Habacuque 1:6-9 revela as habilidades deles. Ezequiel, por sua vez, nos fornece uma impressionante lista sobre o equipamento militar deles: eles usavam armadura que protegia o corpo inteiro, contavam com cavaleiros treinados com condutores de carros de combate e de bastões, e atacavam em grandes números. Tinham capacetes, escudos e paveses (ver Eze. 23:24).

III. Guerra Entre os Hebreus

É pensamento solene que podemos ser mortos em um instante, não chegando a ver o fim do dia. Os leitores das obras clássicas estão familiarizados com as elaboradas preces e rituais religiosos que os gregos faziam, quando estavam em guerra. Entre eles, os heróis eram mortais que se tinham imortalizado, de idades secundárias cuja maior glória era terem combatido com valentia. Destarte, a guerra era considerada uma virtude. Os hebreus, por igual modo, faziam da guerra um aspecto de sua teologia. Para eles, Deus era um grande General, e outros generais eram aqueles indivíduos que fossem capazes de eliminar algum inimigo por meio da violência. A Terra Prometida foi conquistada por ordem expressa de Yahweh, conforme o livro de Josué nos informa. Os hebreus buscavam orientação divina acerca da guerra, mediante o *Urim* e o *Tumim* (vide) (ver Jui 1:1; 20:2,27,28; I Sam. 14:37; 23:3; 28:6 e 30:8). Outras vezes, era algum profeta quem dava instruções sobre essas questões (ver I Reis 22:6; II Crô. 18:5). A arca da aliança chegou a ser levada, em certas ocasiões, aos campos de batalha, na esperança de que ajudasse na matança dos inimigos, por ser um símbolo da presença de Yahweh (I Sam. 4:4,18; 14:18). Os antigos não se incomodavam em declarar guerra. Usualmente, um ataque traiçoeiro começava as hostilidades. Quando muito, alguns espões eram enviados previamente, para obterem conhecimento sobre as forças e as defesas do inimigo. Ver Núm. 13:7; Jos. 2:1; Jui. 7:10; I Sam. 26:4. Assim como Israel conquistou a Terra Prometida mediante campanhas militares, assim também a perdeu, mediante a guerra, com dois cativeiros conseqüentes. As profecias bíblicas põem Israel no meio de mais guerras futuras. Os místicos modernos dizem-nos que o povo de Israel converter-se-á ao cristianismo como resultado da Terceira Guerra Mundial. Essa e a Quarta Guerra Mundial reduzirão de tal maneira o número dos povos gentílicos que, no milênio (vide), Israel tornar-se-á o cabeça das nações.

IV. Métodos e Costumes das Guerras dos Hebreus

Poderíamos alistar aqui nove pontos, quanto a esse aspecto da questão:

1. Da mesma maneira que se fazia entre os gregos, os hebreus também faziam sacrifícios de animais, antes de suas batalhas (I Sam. 7:9 e 13:9).

2. Um discurso bem-feito pelo comandante tinha o intuito de preparar psicologicamente os soldados para a refrega (II Crô. 20:20).

Esse discurso, entre os hebreus, também podia ser feito por um sacerdote (Deu. 20:2).

3. Era dado um sinal para marcar o começo da luta (I Sam. 17:42; Isa. 42:13 e Eze. 21:22).

4. Nos primeiros tempos, a nação de Israel não contava com cavalos ou com carros de guerra, mas essas coisas acabaram sendo incorporadas, em imitação a povos circunvizinhos. Havia combates corpo a corpo, e também pelejas a distância, mediante dardos atirados com arcos. Portanto, a agilidade e a força física eram qualidades quase indispensáveis a um bom soldado (II Sam. 1:23; 2:18 e I Crô 12:8).

5. Várias estratégias eram empregadas, como, por exemplo, as emboscadas (ver Jos. 8:2,12; Jui. 20:26), e o elemento surpresa também era considerado muito útil (Jui. 7:16).

6. Algumas vezes, a fim de poupar tempo e alguns poucos milhares de vidas, eram escolhidos campeões ou representantes, de ambos os lados contendores, para resolverem a disputa (I Sam. 17; II Sam. 2:14). É curioso que, na década de 1970, o ditador africano, Idi Amim, propôs a solução de uma disputa, com um dos países vizinhos, mediante uma luta de boxe entre ele e o governante do outro país. Ele era um bom boxeador, com muita experiência nesse esporte e além disso, pesava cerca do dobro de seu oponente. Desnecessário é dizer que nunca houve o tal encontro de boxe. Uma violência muito maior foi necessária para resolver aquelas diferenças.

7. Quando uma cidade ou fortaleza era cercada, o lugar em redor ficava coalhado de tropas (Eze. 4:4; Miq. 5:1). A linha do círculo assim formada servia de linha básica de operações. Eram feitas rampas de terra, que davam para o alto das muralhas da localidade cercada (II Sam. 20:15; II Reis 19:32). Dessas rampas, os atacantes atiravam dardos e outros projéteis (II Reis 25:1; Jer. 52:4; Eze. 4:2 e 26:8). Arietes eram empregados para abrir brechas nas muralhas e, se isso fosse impossível, eram feitas escadas por onde os soldados atacantes subiam, até o alto das muralhas. Naturalmente, os defensores resistiam com todas as suas forças. Ver Eze. 4:2 e 21:22. O povo de Israel só começou a usar os carros de guerra e as armaduras pesadas bem tarde, coisas essas com que os seus adversários já estavam bem acostumados muito antes dos hebreus. Cavalos também eram criados e treinados, especialmente, para a guerra. A multiplicação de cavalos foi, originalmente, proibida a Israel e a seus reis (Deu 17:16). Mas essa proibição acabou sendo arredada para um lado.

8. *Maus Tratos Dados aos Prisioneiros de Guerra*. Apesar de todas as leis que regulamentavam o tratamento dado aos prisioneiros, muitas atrocidades eram cometidas contra eles. Mas, os povos antigos em geral não tinham leis que protegessem os prisioneiros de guerra. Os corpos dos mortos eram mutilados e saqueados (I Sam. 31:8; II Macabeus 8:27). Os sobreviventes das batalhas eram, com freqüência, torturados, mutilados ou mortos (Jui. 9:45; II Sam 12:31; Jui. 1:6). Também eram levados em cativeiro ou vendidos como escravos. Os povos conquistados também recebiam a mesma sorte. Ver os artigos sobre os cativeiros assírio e babilônico.

9. *Celebração da Vitória*. Monumentos eram erigidos, usualmente na forma de uma grande pilha de pedras, em comemoração aos triunfos na guerra (ver I Sam. 7:12; II Sam. 8:13). Troféus tomados dentre os despojos eram exibidos em lugares conspícuos (I Sam. 21:9; II Reis 11:10). Cânticos e danças comemoravam as vitórias, e grande parte da população vitoriosa participava dos festejos (Êxo. 15:1-21; Jui. 5; Judite 16:2-17; I Macabeus 4:24).

V. Alexandre e a Guerra

Ver o artigo separado sobre *Alexandre, o Grande*, que descreve a sua incrível habilidade guerreira, e as conseqüências disso para o mundo. No que tange às Escrituras, podemos afirmar que duas coisas principais resultaram das conquistas militares de Alexandre. A primeira foi que ele espalhou a cultura grega a todos os lugares do mundo então conhecido, conseguindo homogeneizar a humanidade, culturalmente falando, como um preparativo para o advento do evangelho cristão. O Novo Testamento reverbera isso até certo ponto,

manifestando o sincretismo de idéias que resultou dessa homogeneização cultural. Para exemplificar, a doutrina do Logos, e o ponto de vista platônico do mundo, proeminentes nos escritos de João e na Epístola aos Hebreus, respectivamente. Acresça-se a isso que o grego *koiné* tornou-se a língua franca, que agiu como veículo de comunicação que espalhou a todo o mundo greco-romano e até mesmo para fora do mesmo, a mensagem do cristianismo, tanto sob a forma do volume escrito do Novo Testamento, como verbalmente, através das atividades dos missionários cristãos.

VI. Os Romanos e a Guerra

Os romanos nunca foram pensadores originais, mas eram muito bons na utilização e desenvolvimento de idéias alheias. Isso tanto sucedia no terreno das operações bélicas, como em tudo o mais. Assim, aos povos que iam conquistando, também iam-nos unificando e agregando ao seu império. Todos os territórios conquistados tornavam-se províncias romanas, uma parte do todo. Para tanto, eram empregados todos os recursos de guerra dos impérios anteriores, como o uso de armaduras, os estratagemas, a conquista de fortalezas, o emprego de novas armas e de novos métodos de combate, um bom suprimento fornecido às linhas de frente, etc. A fim de manterem e consolidarem as suas conquistas, as legiões romanas eram postadas em todos os pontos estratégicos, de onde podiam controlar as fronteiras e os interiores do império. O Novo Testamento demonstra a quase onipresença da força militar romana. Jesus e seus discípulos podiam contemplar, ao redor deles, o poder de Roma. Estando já encravado na cruz, o lado de Jesus foi transpassado pela lança de um soldado romano, e outros soldados haviam jogado sortes ao pé de sua cruz. Paulo, em diversas ocasiões, esteve em contacto com acampamentos ou destacamentos romanos. Em todas as cidades por onde ele pregou, havia a presença das legiões romanas. Cláudio Lisias, a fim de proteger esse apóstolo, quando foi enviado a Cesaréia, a fim de ali ser julgado civilmente, enviou duzentos infantas, duzentos lanceiros e setenta cavaleiros, a fim de garantir a chegada segura de Paulo. E Paulo nos fornece uma detalhada descrição do exército romano, na sua época, em Efésios 6:10-20, aplicando isso para nos ensinar lições espirituais muito proveitosas.

VII. A Guerra nas Páginas do Novo Testamento

Nos dias do Antigo Testamento, a guerra era uma atividade de Deus. Ver a oitava seção, intitulada *A Guerra e a Religião*. Assim era porque esse era um meio de ameaçar, punir ou levar a vitória à nação de Israel, pelo que fazia parte integral da vida da comunidade religiosa e política de Israel. Porém, nos dias do Novo Testamento, o elo nacional se rompera, e então a guerra se tornara uma questão do poder do vencedor sobre o vencido. Um soldado não era mais o «meu filho», ou o «filho do vizinho», mas era o conquistador, o *opressor*.

1. O trecho de Luc. 3:14 nem condena e nem elogia o soldado, mas apenas busca regulamentar a sua conduta.

2. Jesus encarava a guerra como uma parte inevitável da depravada sociedade humana, um sinal dos tempos, uma constante na vida humana (Mat. 24:6).

3. Porém, os violentos sofrerão violência, sendo essa uma lei ética universal (Mat. 26:52).

4. O poder militar avulta por detrás da lei, sendo essa uma das razões pelas quais as autoridades civis precisam ser obedecidas, embora haja melhores razões do que isso (Rom. 13:1-6), das quais a Bíblia também fala.

5. No Novo Testamento há várias *metáforas militares*, que nos fornecem lições espirituais. Ver a nona seção, onde essas metáforas são alistadas.

6. O Armagedom (vide) será uma oportunidade em que a guerra rodutirá as potências pagãs a zero, de tal modo que Israel poderá guindar à posição de cabeça das nações.

VIII. A Guerra e a Religião

1. *A Guerra na Sociedade do Antigo Testamento*. Em Israel, a vida nacional começou por meio de uma conquista militar, que teria sido determinada por Yahweh, sendo essa a mensagem central do livro de

Josué. Essa conquista foi mantida por meio de inúmeros ataques e contra-ataques, matanças intermináveis de parte a parte. Em todas as páginas do Antigo Testamento, vemos Yahweh a encorajar o seu povo terreno nesse empreendimento. Vários nomes e descrições de Deus, note-se, assumem uma natureza militar como *Homem de Guerra* (Êxo. 15:3; Isa. 42:13), Senhor dos Exércitos (Êxo. 12:41; I Sam. 11:45), etc. É provável que essa expressão tenha em vista tanto exércitos terrenos quanto exércitos celestiais. A guerra era algo tão importante em Israel que veio à existência um documento chamado *Guerras do Senhor*. Ver sob o título *Guerras do Senhor, Livro das*. O Senhor é um Capitão militar que encabeça um exército (II Crô. 13:12). Ele é quem envia Seu povo a lutar (II Crô. 20:22; Sal. 144:1). Algumas vezes, Deus luta sozinho, enquanto seu povo contempla (II Crô. 20:17). É Deus quem debilita um inimigo e livra o seu povo (Deu. 20:13).

A arca da aliança era considerada um sinal da presença de Deus, sendo levada à batalha a fim de garantir a ajuda e a proteção de Deus. Os preparativos para a guerra, e a guerra propriamente dita, eram santificados (Jer. 6:4; Joel 3:9). Eram feitos os sacrifícios apropriados (Jui. 6:20,26). O grito de guerra incluía o nome divino (Jui. 7:18,20). Deus cumpria a sua vontade, entre as nações, por meio da guerra. O povo de Deus, Israel, sobrevivia a tudo. Por outro lado, a guerra também era usada como um instrumento de punição do povo de Deus (Hab. 1:6; Isa. 10:5 ss; Jer. 25:1-9; Eze. 21:8-23). Os falsos profetas previam a paz, quando a guerra estava iminente (Jer. 28). Em meio a toda essa glorificação da guerra (pois quem era maior herói do que o prodigioso matador?), houve momentos em que a consciência humana protestou. Assim, a Davi, não foi permitido edificar o templo, por causa de seu envolvimento em tantas matanças (I Reis 5:3). O profeta Isaías disse um dia melhor, quando, finalmente, a paz prevaleceria, e as armas de guerra seriam transformadas em instrumentos pacíficos (Isa. 2:4; ver também Miq. 4:3). O Messias e o Príncipe da Paz (Isa. 9:6). Os inimigos de Deus haverão de sofrer uma derrota definitiva (Dan. 7 e 10; Zac. 14; Sal. 110).

2. O Novo Testamento distancia os crentes dessa filosofia bélica, porque não havia mais uma nação protegida que se envolvia em guerras. Como é óbvio, Jesus inaugurou uma nova atitude, chegando mesmo a recomendar o amor aos nossos inimigos (Mat. 5:44). Ver a seção sétima quanto a outras idéias, que abordam a questão da guerra sob o ponto de vista do Novo Testamento.

3. *O Pacifismo*. Oferecemos um artigo separado, nesta enciclopédia, sobre esse assunto. Há algo de radicalmente errado com as nações que enviam homens para matar os homens de outra nação. Há algo de gigantesco absurdo no empenho com que as armas são estocadas com o propósito específico de espalhar a morte, gastando importâncias colossais, que poderiam solucionar os principais problemas econômicos e sociais. Portanto, o *pacifismo* é um nobre ideal. A dificuldade é que, por enquanto, o pacifismo anda cada vez mais desacreditado. Antes da Segunda Guerra Mundial, o pacifismo era bastante forte na Inglaterra. Porém, quando as hordas nazistas começaram a se apossar de grandes pedaços da Europa continental, e a existência da própria Inglaterra era ameaçada, os pacifistas ingleses deixaram de ser pacifistas. Eles compreenderam que somente a violência poderia pôr cobro à violência. Alguns pacifistas, mesmo em nossos dias, têm-se oferecido para servir em exércitos, contanto que não peguem em armas. E muitos desses têm demonstrado grande coragem, tendo até sido condecorados por sua bravura. Esses têm servido em corpos médicos, hospitais ou dirigindo caminhões até a linha de frente da batalha.

IX. Usos Figurados

1. O conflito do homem contra a morte é retratado como uma guerra (Ecl. 8:8).

2. Deus é descrito como um homem de guerra e como capitão de exércitos (Êxo. 15:3; II Crô. 13:12).

3. As atividades bélicas demonstram a malignidade dos ímpios (Sal. 55:21).

4. Uma armadura, com seus diferentes itens, fornece uma elaborada metáfora das virtudes espirituais e do uso das mesmas (Efé. 6:12 ss).

5. Os inimigos de nossa salvação precisam ser derrotados (Rom. 7:23; II Cor. 10:3; Efé. 6:12; I Tim. 1:18).

6. O anticristo fará guerra contra os santos de Deus (Apo. 11:7).

7. O crente individual é um soldado de Cristo que precisa manter a disciplina apropriada, e a firmeza de propósitos que lhe convém, se tiver de ser bem-sucedido (I Tim. 1:18; II Tim. 2:3,4).

8. A cruz proveu uma retumbante vitória sobre os inimigos da alma (Col. 2:15).

9. O Armagedom (vide), embora se espera que seja uma batalha literal que, finalmente, derrote os poderes malignos deste mundo, sendo uma das causas do soerguimento de Israel como cabeça das nações, também deve ser entendido figuradamente; como representação de qualquer grande conflito entre o bem e o mal.

10. O último inimigo a ser derrotado é a própria morte (I Cor. 15:26).

Bibliografia. AL I IB ND NTI UN YAD Z

GUERRAS DO SENHOR, LIVRO DAS

O trecho do Números 21:14 ss refere-se a um antigo livro com esse título, tendo feito algumas citações do mesmo. A citação termina mencionando *Moabe*, mas é possível que os vs. 17 e 18, como também 27-30, contenham alguns fragmentos desse mesmo livro. Parece que essa obra era uma espécie de coletânea de canções populares, onde eram comemoradas várias vitórias. Yahweh é o Capitão dos Exércitos, e também Aquele que dá a vitória ao seu povo. O Livro dos Justos, mencionado em II Sam. 1:18, aparentemente, era uma obra similar. Os eruditos pensam que ambas as obras pertenciam à época de Davi. A Septuaginta apaga a referência ao livro, havendo até estudiosos que dizem que a omissão representa o texto em sua forma original.

GUERREIRO

No hebraico, *gibbor*, «poderoso». Palavra que aparece por cento e sessenta vezes no Antigo Testamento (por exemplo: Gên. 6:4; Jos. 1:14; Júi. 6:12; I Sam. 9:1; II Sam. 10:7; 23:8,9,16,17,22; I Reis 1:8; I Crô. 7:7,9,11,40; II Crô. 13:3; Sal. 33:16; Isa. 3:2; Jer. 5:16; 9:23; 14:9; Joel 2:7; Zac. 9:13). A palavra tem sido variegadamente traduzida. Em I Sam. 17:4,23, há uma expressão hebraica que significa «homem que intervém», isto é, que defende uma causa. Um dos casos mais representativos foi o do combate singular entre Golias, o gigante filisteu, e Davi, o

pastorzinho de Judá, relatado nesse capítulo do primeiro livro de Samuel. Era comum, na antiguidade, decidir-se uma questão enviando dois representantes, um de cada facção em conflito, para lutarem em lugar do grupo inteiro. Isso evitava o derramamento de muito sangue em batalha. Há um exemplo desse costume na *Iliada* de Homero (3:69; 7:65 ss). Páris solicitou de Heitor que o pusesse «no meio», a fim de lutar contra Menelau e decidir a questão.

GUNI

No hebraico, «protegido». Há dois indivíduos com esse nome, nas páginas do Antigo Testamento, a saber:

1. O Segundo filho de Naftali, fundador da família dos gunitas. Seu nome é mencionado por três vezes no Antigo Testamento: Gên. 46:24; Núm. 26:48 e I Crô. 7:13. Seus descendentes, os gunitas (vide), são mencionados em Núm. 26:48. Eles tornaram-se parte da tribo de Gade, que herdou Gileade. Guni viveu por volta de 1700 A.C.

2. O pai de Abdiel, e um dos chefes entre os gaditas. Mencionado somente em Núm. 26:48. Viveu por volta de 1400 A.C.

GUNITAS

Eram os descendentes de Guni (vide). Esse adjetivo pátrio aparece somente em Núm. 26:48. Com o tempo, vieram a fazer parte da tribo de Gade, e habitaram em Gileade.

GUR

No hebraico, «filho». Uma subida na qual Acazias foi ferido, ao fugir de Jeú (ver II Reis 9:27) em cerca de 883 A.C. A Septuaginta, porém, interpreta que esse era o nome de um vale. Por outro lado, W.F. Albright, grande estudioso moderno, identificou esse nome com uma cidade cananéia, também chamada Gurar. Esse nome foi encontrado em um tablete escrito no século XV A.C., descoberto em Taanaque. É possível que essa *subida* fosse para a cidade desse nome. Somente maiores estudos locais poderão tirar todas as dúvidas que ainda cercam o assunto.

GUR-BAAL

No hebraico, «filhote de Baal», ou então, segundo outros estudiosos, «habitação ou jornada de Baal». A Septuaginta interpreta o nome como «sobre a rocha». Esse era o nome de uma cidade ou distrito do Neguebe, habitado por árabes. Uzias conquistou o local (ver II Crô. 26:7). Parece que esse local ficava situado entre a Palestina e a Península Arábica, mas ainda não foi identificada com certeza.